

ETEB

Escola de Teologia Biblos

CRISTOLOGIA
LOUVOR E ADORAÇÃO
ANTROPOLOGIA BÍBLICA

Módulo XII

Bacharel em Teologia Livre

ETEB – Escola de Teologia Biblos
Rua: Rodolfo Fraga – nº 29, Pitanga – Serra – ES
CEP 29.169-807
Tel.: (27) 99997-0398
CNPJ. 21.185.447/0001-52



Copyright © 2022, Willian Pereira Garcia.

Copyright © 2022, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.^ª. Dr.^ª. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (UVV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmir Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.^ª. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.^ª. Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.^ª. Dr.^ª. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.^ª. Dr.^ª. Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.^ª. Dr.^ª. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.^ª. Dr.^ª. Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.^ª. Dr.^ª. Luciana Nemer (UFE) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.^ª. Dr.^ª. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.^ª. Dr.^ª. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.^ª. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdeí Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.^ª. Dr.^ª. Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.^ª. Dr.^ª. Zaira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Prof.^ª. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Prof.^ª. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del Pais Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Mitidiero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Prof.^ª. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Britto Pereira (UDF) • Prof.^ª. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA).

WILLIAN PEREIRA GARCIA

Cristologia Louvor e Adoração e Antropologia Bíblica



Editora Milfontes
Vitória, 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Lucas Bispo Fiorezi

Impressão e Acabamento

Help Book

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W732c Garcia, Willian Pereira.
Cristologia Louvor e Adoração e Antropologia Bíblica/
Willian Pereira Garcia
Vitória: Editora Milfontes, 2022.
128 p.: 20 cm.

ISBN: 978-65-5389-006-0

1. Teologia 2. Louvor 3. Adoração I. Garcia, Willian Pereira II. Título.

CDD 230

Credo do Nosso Curso

- Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
- Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (II Tm 3.14-17).
- Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34; At 1.9).
- Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23; At 3.19).
- Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
- No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26; Hb 7.25; 5.9).
- No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12).
- Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através

do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14; I Pd 1.15).

- No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).

- Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (I Co 12.1-12).

- Na Segunda Vinda pré-milenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira – invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; Segunda – visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (I Ts 4.16-17; I Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).

- Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus em favor da causa de Cristo na terra (II Co 5.10).

- No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).

- E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Este credo é liberado pela Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil – CGADB.

Sumário

Credo do Nosso Curso	5
Comentário.....	II
Cristologia.....	II
Louvor e Adoração	12
Antropologia Bíblica	12
Cristologia Bíblica	15
Conhecendo a Divindade e Obra do Messias	15
Significado do nome Cristo.....	16
Profecias Messiânicas Pré-Diluvianas	17
Análise de Jesus Cristo antes do Dilúvio.....	17
I – Primeiro: Jesus Cristo no sacrifício de Abel – Gn 4.4	17
II – Segundo: Jesus Cristo na Arca de Noé – Gn 7.7-14.....	19
III – Terceiro: Cristo na Vida de Enoque – Gn 5.21-24.....	19
Profecias Messiânicas Pós-Diluvianas	21
Características da Aliança Abraâmica	21
A Chistophânia Veterotestamentária.....	23
O que significa: Theophânia.....	23
Os tipos de Cristo no Antigo Testamento.....	24
Tipologias Humanas de Cristo	24
O Testemunho de Isaac	25
O testemunho de José.....	27
O Testemunho de Moisés	30
O testemunho na pessoa de Boaz	31
O testemunho na pessoa de Davi	32
A revelação de Cristo no Novo Testamento.....	34
Quem foi Jesus Cristo	34
Jesus foi o Cordeiro de Deus.....	35
Jesus foi o sumo Sacerdote	36
Jesus foi o verdadeiro Pastor.....	36
Jesus foi a Revelação do Pai.....	37

Jesus foi o Edificador da Igreja.....	37
Jesus foi a Base da Nova Aliança.....	40
Primeira Base: <i>suas doutrinas</i>	41
Segunda Base: <i>seu corpo partido</i>	42
Terceira Base: <i>seu sangue derramado</i>	43
Quarta Base: <i>sua morte e ressurreição</i>	45
Quinta Base: <i>sua ascensão aos céus</i>	46
Primeiro Povo – Israel.....	46
Segundo Povo – A Igreja.....	47
A Divindade do Filho de Deus	49
Sua Pré-Existência	49
Os Atributos do Filho de Deus	50
Jesus Cristo e Israel.....	52
Primeiro: <i>o passado de Israel</i>	52
Segundo: <i>o presente de Israel</i>	53
Terceiro: <i>o futuro de Israel</i>	54
Jesus Cristo e a Igreja	55
O ministério antes da glorificação.....	55
As características ministeriais	56
O ministério sacerdotal na Igreja.....	57
A continuidade do ministério	58
Jesus e o futuro da Igreja	59
Jesus e a ressurreição dos mortos.....	60
Jesus e o tribunal.....	61
Jesus e o governo eterno	64
A Glorificação do Filho de Deus	65
Conclusão	66
Louvor e Adoração uma prática pessoal do Cristão	67
O significado de Louvor	67
Conceitos de Louvor.....	69
O Significado de Adoração	70

Outras definições em hebraico são	70
Definições de Adoração em Grego	71
Demais definições de adoração.....	72
A música e sua história	73
Contexto histórico da música.....	74
O que significa música	76
A música no Antigo Testamento	78
A música no Novo Testamento.....	79
Os Efeitos da Música	81
Emoções ou sentimentos positivos	81
Emoções ou sentimentos negativos.....	82
A Bíblia e os Instrumentos da Música	82
Instrumentos de Corda.....	82
Instrumentos de Percussão.....	84
Instrumentos de Sopro	85
O que é Ministério de Louvor e Adoração.....	87
Conceitos de Ministração	87
O Ministério e a Palavra.....	88
Como preparar a ministração.....	89
O Ministro de Louvor e Adoração.....	91
Conclusão.....	92
Antropologia Bíblia.....	93
Conceito etimológico de Antropologia.....	93
Antropologia como Ciência.....	94
Significado de Antropologia.....	95
A bíblia e a origem do homem.....	96
A Ciência Evolucionista e a Existência do Homem	97
Quinto: A Verdade da Criação.....	99
A criação do Ser Humano.....	99
Como ocorreu a criação do homem.....	101
A criação do homem e a Criação.....	102
Na criação do homem houve a criação do governo	103

A Criação do Homem em relação à Imagem do Criador.....	104
A criação do homem vista na História	105
Imagem em Hebraico - מִלְצַ tselem.....	106
Semelhança em Hebraico - תּוֹמֵד d'emuwth.....	106
O Homem Imaterial	107
O que compreende o imaterial do homem.....	108
Significado da palavra: “Espírito”	109
Uma observação quanto ao coração na forma figurada.....	112
Habilidades e sanidades no Ser Imaterial.....	114
Intelecto	115
Consciência.....	116
Vontade	117
Antropologia Cultural	119
Veremos aqui alguns pontos curiosos em relação ao homem.....	120
Antropos – Como entender esta etimologia.....	120
Raça – O que na verdade isso significa	120
Divisão de Colorações da Pele – Como saber de onde surgiram estas variedades.....	121
Cultura – Formas diferentes de Cultura da alimentação.....	122
Alimentação Grega	123
Alimentação Romana.....	124
Alimentação Babilônica	124
Alimentação Pérsica	124
Conclusão	125
Referências.....	125

Comentário

Sou grato ao meu Senhor por me possibilitar na construção de mais um módulo. Meu desejo é que essas matérias que aqui vamos estudar venham ser de riquíssima importância e de um imensurável aproveitamento para os alunos da ETEB. Todos os estudantes das Escrituras já puderam reconhecer como é importante saber sobre as doutrinas bíblicas. E, foi justamente pensando nisto, que este módulo está constituído de três grandes disciplinas doutrinárias. Aqui, os alunos estarão estudando: Cristologia, Louvor e Adoração e Antropologia Bíblica.

A forma como essas doutrinas são ensinadas em muitos circuitos de teologia, ou até mesmo em muitas igrejas, tem motivado muitos cristãos a compreenderem e acreditarem de maneira conflitante com as Escrituras Sagradas, em alguns pontos determinantemente incorretos. Não somos os donos da verdade, mas, investimos na defesa da verdade, em especial, a verdade bíblica.

As definições de cada uma destas disciplinas podem ser plenamente compreendidas, quando analisadas bíblica e sistematicamente. Uma forma de elucidar os valores de cada uma delas, e buscar entender o que elas significam.

Cristologia

Os eruditos, os teólogos e mestres da Cristologia, são unânimes em aceitar que a história da humanidade não seria em qualquer nível, o que ela é hoje, se o Cristianismo não tivesse sua existência. Quando Jesus Cristo declarou em Mt 16.18 que Ele edificaria sua igreja, ele desejou que os homens entendessem que sem o nascimento de Jesus Cristo e da Igreja, a humanidade estaria em colapso há séculos. Tanto o ministério do Senhor Jesus Cristo, quando a repercussão deste ministério, trouxe para a humanidade uma perspectiva ampliada de vida.

Em Cristologia, não veremos somente o que Cristo foi na história dos homens pré-diluvianos, como, muito mais, no período após este juízo generalizado. A equação das obras para a revelação da redenção do homem possibilitou que, tanto no passado, como no presente e futuro, a humanidade pudesse olhar para a vida com um olhar fagulado de esperança.

Nesta matéria, os alunos poderão conhecer e compreender melhor os valores que existem em Cristo, tanto sua Divindade quanto Sua humanidade. Meu desejo é que esta matéria possa ser um divisor de águas em seu conhecimento, aluno ETEB.

Louvor e Adoração

Não são poucos os que ainda não entende o que realmente significa: Louvar e Adorar. Para muitos, louvar está relacionado a cantar; para outros, adorar, se relaciona a forma de glorificação, em especial, entre os cristãos pentecostais. Nossa intenção nesta disciplina é elucidar ao aluno ETEB, em especial à luz da Bíblia, como os cristãos devem se posicionar no louvor e na adoração. Fica mais fácil executarmos uma atividade, quando sabemos algo mais próximo do correto.

Antropologia Bíblica

1 - Quem é o homem?

- 2 - De onde o homem veio?
- 3 - Qual a razão da existência do homem?
- 4 - Para onde o homem vai?

Estas são algumas interrogações que parecem não terem uma realçada resposta. A compreensão do homem quanto a sua própria origem, tem sido o desafio dos mais sábios teólogos das Escrituras. Todavia, esta dificuldade em entender, está caracterizada na questão de aceitar a informação.

Tanto a Ciência Evolucionista quanto a Ciência Evolucionista-Criacionista, são paradoxal em relação ao Criacionismo. Tanto a criação do cosmos, como da fauna e flora, devem ser entendido na mesma dimensão que a criação humana. Quando isto ocorre, então, todas as interrogações quanto a origem da humanidade são dissolvidas instantaneamente.

Meu desejo é que ao finalizar estas três disciplinas, sua compreensão quanto aos assuntos que aqui serão abordados, possam estar mais bem compreendido e espontâneo para o aprendizado de outros que você poderá ser o mentor. Amém.



Cristologia Bíblica

Conhecendo a Divindade e Obra do Messias

Nós que professamos o Cristianismo, temos o desejo de conhecer mais sobre a Pessoa e Obra do Senhor Jesus Cristo. Na verdade, não deveria ser somente um desejo, mas, sim, uma meta ou obrigação. Isso, se levarmos em consideração que o conhecimento nos faria servir ao Senhor com uma melhor qualidade. Neste estudo de Cristologia, o estudante poderá compreender assuntos que elucidarão muito mais a visão do aluno, quanto as formas que a Bíblia revela, em relação a esta segunda Pessoa da Trindade: Jesus Cristo o Nosso Senhor.

Destarte que, estaremos nos dedicando em compreender assuntos de alta relevância sobre Cristologia que cercarão assuntos como:

- a) Significado do Nome Cristo.
- b) Profecias Messiânicas Pré-Diluvianas.
- c) Profecias Messiânicas Pós-Diluvianas.
- d) A Cristophânia Veterotestamentária.
- e) Os Tipos de Cristo no Antigo Testamento.
- f) A Revelação de Cristo no Novo Testamento.
- g) A Divindade do Filho de Deus.
- h) Os Atributos do Filho de Deus.

- i) Jesus Cristo e Israel.
- j) Jesus Cristo e a Igreja.
- k) A Glorificação do Filho de Deus.

Esses assuntos serão abordados, comentados e esclarecidos à luz das Escrituras Sagradas. Para que o aluno possa alcançar o objetivo desta matéria, que certamente é o entendimento sobre o que foi realizado por Cristo em conformidade com os projetos pré-estabelecidos divinamente. Sendo assim, é de fundamental importância que haja dedicação do aluno no estudo. E, lembre-se: é somente através de seus esforços ou dedicações, que o Senhor poderá lhe dar a oportunidade do crescimento em Sua Poderosa Palavra.

Significado do nome Cristo

Antes de darmos continuidade a este estudo de Cristologia, veremos o significado do termo: Cristo. Para muitos, o termo Cristo sugere um sobrenome ao nome Jesus. Todavia, o termo Cristo não é nada mais que um “título” que são integrados a alguém que recebeu uma “unção”. Sendo assim, o termo Cristo, pode vir do grego como do hebraico.

1 - Primeiro, encontramos o termo no idioma hebraico. Em hebraico o título é: “*Mashiach*” que significa – Ungido.

2 - Segundo, podemos encontrar este termo em grego. Em grego o título é: “*Christós*” ou “*Khistós*” que também significa – Ungido.

Este título foi dado a Jesus, que em hebraico se pronuncia: “*Yeshua há-Mashiach*” e em grego “*Isous Christós*”, ou seja, Jesus tanto do hebraico quanto do grego sig. “*Salvador*”, sendo assim, Ele foi Ungido para Salvar.

Profecias Messiânicas Pré-Diluvianas

Em toda a Bíblia encontramos uma forma de o Senhor revelar a Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Mesmo que possamos encontrar muitos teólogos desenvolvendo diversos tipos de conceitos em relação às profecias messiânicas, a Bíblia em si, possui sua própria e inerrante maneira de falar, acerca do Senhor Jesus Cristo.

Entre todas às profecias veterotestamentárias, a que mais se apropria para darmos início a este estudo está em Gn 3.13. Aqui encontramos os seguintes dizeres:

E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

Se houver o desejo de uma aplicação dos recursos hermenêuticos na interpretação deste texto, ele direcionará o aluno para o período do Império Romano. Pois, foi justamente neste período que esta profecia teve sua literal confirmação.

Se a semente da mulher é uma figuratividade da Pessoa do Senhor Jesus Cristo, Sua descendência, certamente, será a Igreja. Os conflitos aqui listados entre as duas descendências, coloca o Império Romano no cenário histórico, implicando assim, toda e qualquer perseguição contra a Igreja. Esse assunto será mais bem compreendido quando mais à frente estivermos comentando sobre “Jesus Cristo e a Igreja”.

Análise de Jesus Cristo antes do Dilúvio

Todo o período antes do Dilúvio deve ser visto como uma plataforma, onde a revelação nos direciona para uma larga escala da revelação messiânica. Aqui, veremos alguns pontos simbólicos e tipológicos sobre o Senhor Jesus:

I – Primeiro: Jesus Cristo no sacrifício de Abel – Gn 4.4

O altar que Abel preparou para ofertar ao Senhor tem uma nítida declaração de voluntariedade. Esta foi à forma voluntária

de Abel revelar a voluntariedade de Cristo em Se oferecer como sacrifício pelos pecados do homem. A atenção que o próprio Deus deu para Abel é algo bem exclusivo, quando olhamos para a atenção que Deus-Pai deu para todos os detalhes quanto da revelação humana do Cordeiro de Deus.

O nobre e jovem Abel, ao deitar o cordeiro com alegria sobre aquele altar de pedra, nos dá a permissão de poder tirar algumas lições:

1 Abel – Um tipo de Cristo que, de forma voluntária, buscou Se oferecer como sacrifício ao Pai. Jesus foi, além de o Cordeiro, o Ofertante que alegrou o coração do Pai, oferecendo o melhor sacrifício.

2 O Altar – Este altar está paralelo ao altar de Caim. Esta forma de alinhar esses dois altares, tende-nos a revelar o que estava acontecendo com o ministério sacerdotal nos dias de Cristo, onde se ofereciam sacrifícios rejeitados pelo Senhor.

3 O Sacrifício – Nesta ocasião a escolha do sacrifício não foi realizada por Deus. O sacrifício foi um ato de consciência, voluntariedade e apreciação dos ofertantes. Ou seja, cada um dos dois ofertantes teve a oportunidade de sacrificar primeiro a oferta que estava em seus corações, para depois, sacrificarem o que possuíam em suas mãos.

4 O Cordeiro – Não há como ignorar esta revelação! A oferta de Abel é uma estaca de iniciação, de indicação onde nos informa o futuro, ou seja, a ocasião em que um Cordeiro, não de escolha humana, mas, sim, pelo Pai, seria o ato da redenção da humanidade.

Jesus Cristo é o maior alvo da revelação veterotestamentária. Ele é a única solução de toda a humanidade, legando a esta à possibilidade da libertação e do livramento da condenação eterna.

II – Segundo: Jesus Cristo na Arca de Noé – Gn 7.7-14

Ao analisar a condição da humanidade, Deus então revela um projeto de destruição sobre tudo que respira sobre a terra – Gn 6.6-7. No diálogo do Senhor, iremos encontrar pela primeira vez a palavra “graça” ser utilizada – v.8. Foi justamente pela graça que Deus orienta o homem Noé a construir uma “arca” para a salvação dele e de sua família.

O sacrifício de Cristo Jesus, é a revelação do maior ato de juízo divino nas Escrituras. Todavia, em Gn 6, a água que foi o elemento do juízo divino, vindo de cima, como de baixo, [*Cristo veio dos céus, mas, também de baixo, ou seja, da sepultura na ressurreição*], trouxe a morte para todos; Jesus é a revelação na água. A água é um símbolo de Cristo em relação:

- a) O renascimento, ou seja, a regeneração do homem – Jo 3.5.
- b) Ao batismo como prova da declaração de fé no Cordeiro de Deus – Mc 1.4; At 2.38.
- c) Como a Palavra purificadora e santificadora – Ef 5.26; Jo 17.17.
- d) Como a fonte de vida, para todos os que dele beberem – Jo 4.14; Ap 22.17.

Todavia, no juízo de Gn cap. 6, a água veio para tirar a vida; em Cristo a “Água da Vida”, Ele veio para dar esta vida, quando Se ofereceu no lugar do pecador; a arca foi uma forma da revelação exclusiva a Noé; Cristo é uma revelação para toda a humanidade; na arca construída por Noé, somente ele e sua família foram salvos; em Cristo, a salvação foi direcionada a toda a humanidade, ou seja, a todos os que nele creem – Mc 16.15-16; no juízo diluviano, toda a terra ficou limpa dos pecados dos homens; em Cristo, a terra continua contaminada pelo pecado, mas, todos os pecadores podem ser limpos, sendo lavados pelo sangue do sacrifício do Cordeiro de Deus.

III – Terceiro: Cristo na Vida de Enoque – Gn 5.21-24

O relato que a Bíblia faz quanto a Enoque é extremamente diferente do que é visto no Livro Apócrifo de Enoque. Todavia,

não é este o assunto a ser tratado aqui. O que nos detém na vida de Enoque é justamente seu testemunho que faz alusão ao resultado do sacrifício de Cristo Jesus. Em Abel encontramos o sacrifício do Cordeiro de Deus; em Noé, encontramos o projeto da salvação revelado na arca, que sobreviveu ao juízo de Deus; em Enoque encontramos, tanto o sacrifício como a arca, sendo confirmados na vida daqueles que aceitaram o Cordeiro como Salvador e andaram em sua presença, obedecendo a seus ensinamentos e foram arrebatados aos céus, para estarem juntos do Senhor.

Enoque foi:

- ▶ Transladado pelo conhecimento do Senhor – I Co 12.1; I Ts 4.13.
- ▶ Conduzido pelo estreito relacionamento com o Senhor – I Co 10.16; I Jo 1.3-7.
- ▶ Arrebatado antes do juízo generalizado que o Senhor traria sobre toda a terra, em relação aos pecados do homem – Jó 22.16; Ap 3.10.
- ▶ O sinônimo do arrebatamento da Igreja, antes do grande juízo que Senhor derramará sobre a terra – Mt 24.21: A Grande Tribulação.

Embora, haja muitos que não concordam com esse pensamento ou interpretação pré-tribulacionista. Porém, temos muitas evidências que comprovam esta verdade de que a Igreja não estará aqui na terra, na ocasião da Grande Tribulação. Em Enoque e em Noé podemos entender que a Igreja poderá saber e vivenciar preliminares deste grande juízo. Mas, não há como ignorar que, quando as águas do Dilúvio atuaram no juízo sobre a terra, os pecadores não arrependidos estavam no solo da terra e Noé e sua família estava na superfície das águas; ou seja, enquanto o homem pecador estará aqui na terra na ocasião do juízo, a Igreja estará nas nuvens dos céus. Até porque, Paulo declara algo muito importante quanto a isso em Rm 16.20.

Profecias Messiânicas Pós-Diluvianas

Se, no período pré-diluviano encontramos diversas profecias que nos direcionam a revelação de Cristo Jesus. No período pós-diluviano estas profecias se revelam em números e ordens ainda maiores. O aluno precisará de tempo, dedicação, paciência e força de vontade para estudar tudo quanto estaremos abordando ou destacando aqui, acerca das profecias messiânicas pós-diluvianas.

Em Gênesis já foi dito que existe uma grande plataforma profética quanto ao Messias. Desde o cap.1 até o cap. 9 encontramos profecias pré-diluvianas se cumprindo e revelando projetos que se confirmariam na humanização do Cristo de Deus. Após Gn cap. 10 todas as profecias são de caráter pós-diluviana e atende aos recursos redentivos para toda a humanidade. Destarte que, os assuntos nessas profecias merecem e precisam de toda nossa atenção, pois elas são determinantemente messiânicas e estão relacionadas à Aliança de Deus com Abraão em Gn 12.1-3.

Características da Aliança Abraâmica

É, justamente na aliança que o Senhor fez com Abraão, que iremos ver o desenrolar do plano redentivo, executado pelo Senhor Jesus Cristo. Ao ser referido na descendência de Abraão, o Senhor Jesus estabelece um projeto coletivo de salvação para todas às famílias da terra [*sabemos que a palavra “família” aqui está relacionada às nações*].

O que devemos ressaltar aqui, é que a “descendência” mencionada nesta aliança, pode estar sendo entendida como uma definição à nação de Israel. Todavia, os seguimentos proféticos do Antigo Testamento nos colocam frontalmente com a Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Até porque, a humanidade não poderia conhecer o Salvador, se este não fosse primeiro conhecido pelos israelitas. A primeira vez que encontramos a nação de Israel rejeitar ao Messias [*esta nação está revelada na personalidade de Moisés*], está registrado em Êx 33.2,15.

O Anjo do Senhor apresentado neste texto, é uma revelação Theophânica ou Christophânica, declarando que a presença do Senhor Jesus seria com este povo na sua caminhada desértica em direção à terra de Canaã. Embora, o povo na pessoa de Moisés veio rejeitar o Anjo do Senhor, ou seja, o Messias, na forma Theophânica, Ele esteve entre eles na figuratividade de:

- 1) Maná para alimentá-los – Êx 16.4-7;
- 2) Codornizes para vitaliza-los – Êx 16.11-13;
- 3) Rocha emanando água para hidrata-los – Nm 20.10-11;
- 4) Coluna de Fogo à noite, para aquecê-los – Nm 9.12;
- 5) Uma Nuvem durante do dia, para protegê-los dos efeitos danosos do sol – Êx 13.22.

Os cuidados divinos para com o povo na figuratividade do Messias foram cotidianos e diuturnos. No Novo Testamento veremos todos esses cuidados sendo expressivos em seu ministério, quando Ele – O Senhor Jesus Cristo:

- 1) Alimentou o povo com os pães e peixes – Jo 6.9-13;
- 2) Quando Ele deu água à mulher samaritana – Jo 4.10;
- 3) Quando Ele curou muitos enfermos e aleijados – Mt 4.24; Mc 1.34; 6.13; Lc 7.21;
- 4) Na ressurreição de algumas pessoas – Mc 5.35-42; Lc 7.11-14;
- 5) Ele foi a Luz dos homens nas trevas da intelectualidade – Jo 1.4; 8.12;
- 6) Ele foi a Nuvem que os protegeu contra os efeitos do “sol” das doutrinas hipócritas dos homens – Mt 16.11; Mc 8.15; 16.6;
- 7) Ele conduziu uma grande multidão à terra de Canaã Celestial – Jo 14.3;

E ainda declarou que estaria com eles todos os dias, até a consumação dos séculos – Mt 28.20.

A Chistophânia Veterotestamentária

Não há dúvidas de que a comunicação divina foi à base de todas às revelações de Deus aos homens no passado. O escritor aos Hebreus, na sua condição de homem, não poderia imaginar a dimensão que existia e ainda existe, na palavra que inicia sua epístola, quando o mesmo declara: “*Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras...*” – Hb 1.1.

Entre essas “*muitas vezes*” e “*muitas maneiras*”, está relacionado à distinta forma das aparições de Cristo no Antigo Testamento. As formas de Suas aparições são hoje conhecidas como: Theophânia ou Chistophânia, porém, este é ainda um assunto discutido entre os mais versados teólogos, acadêmicos, doutores, comentaristas e vários alunos de grandes instituições de formação e graduação na área da teologia bíblica.

Não são poucos os que discordam da aparição física do Senhor Jesus, em especial, entre aqueles que aceitam ou defendem que essas aparições ou manifestações se tratam genuinamente de manifestações angelicais. Todavia, a Bíblia possui diversas argumentações que corroboram na Divindade do Messias, aceitando a Theophânia como a revelação de Cristo Jesus no cenário do Antigo Testamento, envolvendo assuntos de alta importância, tanto para o povo de Israel, como para toda à humanidade.

O que significa: Theophânia?

Para que esta palavra “Theophânia” possa estar mais bem compreendida pelos alunos, acho melhor dar aqui, alguns detalhes dos significados do termo:

a) *Primeiro*: o termo “Theophânia” é uma forma exclusiva de declarar a manifestação de Deus. Esta manifestação é física, tocável e audível.

b) *Segundo*: este termo é uma junção e tem sua origem no idioma grego que o define como: “*Théos*” – Deus e “*Phainein*” – manifestação. Destarte que, o literal significado deste termo seja a manifestação de Deus.

Somente uma breve observação: a teofania não ocorre no Novo Testamento. Só temos a Theophânia no Antigo Testamento. No Novo Testamento, encontramos a revelação de Cristo Jesus na Sua literal forma de humanização.

Os tipos de Cristo no Antigo Testamento

A Bíblia foi construída com uma grande diversificação de linguagem. Ente essas extraordinárias formas de linguagens, encontramos as “tipologias” onde há várias revelações sobre Cristo Jesus. Entre os diversos tipos de Cristo no Antigo Testamento, podemos destacar os seguintes:

- 1 - Na pessoa de Issac. Um tipo de Cristo Jesus, no relacionamento com a Igreja.
- 2 - Na pessoa de José. Um tipo de Cristo Jesus, no relacionamento com os judeus.
- 3 - Na pessoa de Moisés. Um tipo de Cristo Jesus, no relacionamento com a Lei.
- 4 - Na pessoa de Boaz. Um tipo de Cristo Jesus, na redenção do povo gentio.
- 5 - Na pessoa de Davi. Um tipo de Cristo Jesus, no Reinado Messiânico Eterno.

Esses são tipos humanos quanto a Pessoa, Ministério e Glorificação de Cristo Jesus o Messias. Todavia, podemos também apresentar aqui, mais alguns tipos, em especial, no que diz respeito ao ministério sacerdotal.

Tipologias Humanas de Cristo

As tipologias humanas de Cristo são à base da revelação sobre tudo o que iria decorrer sobre Jesus em sua humanização. São personagens que viveram paralelamente, aquilo que Jesus viveria em seu ministério futuro, porém, em Jesus os fatos seriam ainda

mais destacáveis. Sendo assim, veremos alguns desses testemunhos que, certamente, nos ajudarão a compreender muito mais sobre a humanidade e ministério do Senhor Jesus.

O Testemunho de Isaac

Se, alguém indagar sobre alguma tipologia anterior a de Isaac, com certeza, diríamos que “não são poucas”. Um exemplo: A Árvore da Vida; A Arca de Noé; o homem Melquisedeque. Mas, vou me dedicar em comentários sobre os assuntos que estão mais relacionados com a Igreja, do que com a Nação de Israel. Por esta razão, iniciaremos com Isaac.

Quais os detalhes da vida de Isaac, que podem ser relacionados com o ministério do Senhor Jesus Cristo? Vejamos:

- Em *Gn 24.1-4* – temos o patriarca Abraão, após a morte de Sara, decidindo em buscar uma esposa para seu filho. Abraão solicita a Eliézer que vá até a terra de sua parentela, para buscar uma mulher para Isaac. Porém, esta mulher deveria ser: parente de Sara. Sara aqui, pode ser definida como uma figura de Israel. Esta nação foi o zelo de Deus (Ou seja, Sara foi o zelo de Abraão enquanto vivia), até que ocorreu um tempo de silêncio (silêncio aqui é um símbolo de morte). Eliézer é uma figura do Espírito Santo que assumiu a responsabilidade de conduzir uma esposa para Isaac. Isaac é um “Tipo” de Cristo, enquanto que a futura mulher Rebeca é um “Tipo” da Igreja.

- Em *Gn 24.5-6* – vamos encontrar uma alusão ao sacrifício do Senhor Jesus, ou seja, um sacrifício já consumado. Quando Eliézer indaga a Abraão se a escolhida não desejar vir, se Isaac irá ter que ir pessoalmente a “terra” da parentela para buscar a noiva? Aqui, podemos entender algumas coisas importantes:

A) Que o diálogo de Eliézer (Um Tipo do Espírito Santo) define que, mesmo a noiva sendo “eleita”, ela ainda continua tendo seu “livre arbítrio”, podendo fazer suas escolhas.

B) Que uma possível recusa, demandaria que o Filho fosse obrigado a vir, para adquirir uma nova noiva (ou seja, edificar outra igreja).

C) Eliézer não poderia falhar na sua missão de trazer a noiva para Isaac. Entendemos que o ministério do Espírito Santo de convencer o homem de seus pecados esteja relacionado a isto.

D) No conceito de Abraão (Tipo de Deus-Pai), Eliézer não poderia deixar que Isaac tivesse motivo para voltar aquela terra. Ou seja, o Espírito Santo não pode permitir que Jesus Cristo tivesse que vir e sofrer outra vez na terra, para ter uma noiva para toda eternidade.

O que podemos entender aqui, é que o Senhor Jesus precisava de uma companheira, assim como Deus viu que Adão precisava de uma adjutora. Adão não poderia ficar só; o Filho de Deus não poderia ficar sem uma Noiva. O Espírito Santo jamais falharia em Sua missão de convencer a Igreja (ou seja, a Rebeca), de aceitar em vir casar-se e viver eternamente com o Filho de Deus.

- Em Gn 24.15-57 – encontramos toda narrativa da missão de Eliézer, na ida ao encontro daquela que seria a noiva de Isaac. Todavia, encontramos mais alguns detalhes aqui, que nos são muito úteis e não devem ser ignorados ou isolados deste estudo:

a) *Primeiro* – Eliézer viajou comprometido com uma aliança. Toda a ação do Senhor a fim de confirmar o projeto redentivo da humanidade, prometido primeiro a Adão em Gn 3.15, foi realizado sob diversas alianças, até que chegasse o tempo da Aliança do Filho de Deus.

b) *Segundo* – Eliézer não estava à procura de qualquer moça para Isaac. A moça escolhida pelo Senhor Deus, deveria atender alguns critérios que Ele mesmo estabeleceu para a escolhida. E, o critério era a ocupação, o comprometimento e a espontaneidade em servir.

c) *Terceiro* – Ela deveria dar água a ele e aos dez camelos que estavam com ele. Dar água a Eliézer não era uma tarefa difícil. Levando em consideração que Eliézer é um Tipo do Espírito Santo. Todavia, dar água aos dez camelos (cf. Gn 24.10) implicaria em muito esforço e dedicação. Esses dez camelos apontam para os dez dons que o Espírito Santo disponibilizou para a Igreja. Entre esses dez dons, encontramos nove que estão relacionados aos dons sobrenaturais de I Co 12.8-10 e, um dom, está relacionado à salvação – Rm 6.23; Ef 2.8. Esses dons devem ser hidratados com a Palavra de Deus, com a oração, com jejuns, com santidade, em tempo diuturno e incansavelmente, até que todos estejam saciados.

- Em Gn 24.58-61 – um projeto está chegando a sua finalização. Nesses versos finais, encontramos a Noiva indo em direção ao Noivo. Este é o momento ápice do Cristianismo, quando a Noiva é conduzida pelo Espírito Santo (na pessoa de Eliézer) ao Senhor Jesus (na pessoa de Isaac) às mações celestiais (a tenda de Sara) onde haverá a maior revelação do Senhor a sua Igreja.

Esses são pontos que definem as profecias em relação ao Messias na pessoa de Isaac. Os demais detalhes sobre esta tipologia, os alunos estarão conhecendo na matéria de Pentateuco, onde desenvolvemos mais comentários.

O testemunho de José

No tocante aos assuntos que envolvem a vida de José, o filho de Jacó (Israel), podemos compreender o porquê de os intérpretes das Escrituras se apoiarem tanto em estudar e correlacionar seu testemunho com a vida e ministério de Jesus Cristo. Aqui, destacaremos alguns pontos que estão diretamente ligados a Cristo em Sua humanização.

- *Primeiro* – José foi o primogênito de Jacó (Israel) – Quando analisamos o texto de Gn 29.21-27 entendemos que Jacó trabalhou e pagou o preço para ter Raquel como sua esposa.

Tudo isto estava diante dos olhos do Senhor. Por mais que Jacó viesse trabalhar mais sete anos para Labão, ele já tinha pagado o preço por Raquel. Os sete anos que ainda deveria trabalhar, não seria por Raquel, mas, sim, por Léia. Desta forma, diante da justiça de Deus, a primeira mulher de Jacó não foi Léia, porém, foi Raquel. Esta é a razão de José ser o primogênito de Jacó com a primeira mulher que ele trabalhou por ela.

- *Segundo – José foi odiado pelos seus irmãos* – No cap.37 de Gênesis, José destaca-se por desejar que seus irmãos façam as coisas de maneira correta. Todos os atos incorretos de seus irmãos eram conduzidos a Jacó por intermédio de José. Ao lermos as Escrituras Neotestamentária, vemos que o Senhor Jesus Cristo conduzia todos os problemas ocorrentes entre os judeus ao Pai celestial em oração. Assim como José, Jesus foi odiado por seus irmãos, por desejar que todos obedecessem aos mandamentos do Pai.

- *Terceiro – José foi vendido por trinta moedas de prata* – Em Gn 37.27-28 José foi vendido por vinte moedas de prata. Este era o valor que os midianitas pagavam por um escravo. Os romanos pelo que se percebe, pagavam mais caro por um escravo. Foi assim que Judas se apropriou desta política de mercado e vendeu Jesus Cristo para os sacerdotes por trinta moedas de prata.

- *Quarto – José serviu como escravo aos homens* – José não era escravo, mas foi feito como um escravo. Jesus não era escravo, mas assumiu a condição de homem escravizado pelo pecado. José foi honrado pelo seu pai. Jesus foi honrado em todo o tempo pelo Pai celestial. O sinal para o pai de que seu filho José estava morto foi sua túnica marcada pelo sangue de um animal. O sinal de que Jesus estava morto, foi sua túnica marcada pelo seu próprio sangue, o sangue do Cordeiro de Deus.

- *Quinto – José deu testemunho de Deus* – Em todo o tempo de José no Egito, ele fez os homens conhecerem ao Verdadeiro

Deus (cf. Gn 39.2-3,7-9; 40.8-14; 41.15-38). Toda palavra que saiu da boca de José se cumpriram literalmente. No ministério de Jesus, Ele declarou inúmeras verdades quanto ao seu povo, e nenhuma palavra que saiu de sua boca caíram por terra (cf. Mt 24.35).

- *Sexto – José não pecou contra Deus* – A vida de José no Egito foi marcada pela ausência de pecados contra Deus e contra o povo. A vida de Jesus na terra foi marcada pela ausência de pecados contra ao Pai e contra o povo. Esta foi uma das grandes razões de ter Deus abençoado à vida de José em tudo o que ele fazia.

- *Sétimo – José amou seus inimigos* – Em Gn 45.1-5 nós encontramos uma semelhança entre José e Jesus Cristo. Após tantos anos, seus irmãos acreditavam que jamais lhe encontrariam, pois aceitavam que José já estivesse morto. Quando José busca estar a sós com seus irmãos e se revela a eles, algo semelhante acontece em Jo 20.19-20. Nesta ocasião, Jesus se revela a seus discípulos e, assim como os irmãos de José, os discípulos ficaram boquiabertos ao saberem quem estava a se revelar. José consolou seus irmãos, declarando que tudo foi um projeto do Senhor, e não revelou outra coisa a eles, além de seu terno e grande amor.

- *Oitavo – José foi exaltado diante dos seus irmãos* – Assim como estava contido no sonho de José, assim se cumpriu e seus irmãos estavam todos ajoelhados diante dele (cf.). Gn 37.5-10. A Bíblia declara quanto a Jesus que todo o joelho se dobrará e toda língua confessará que Ele é o Senhor – Is 45.23; Rm 14.11; Fp 2.10-11.

- *Oitavo – José deu riquezas aos seus irmãos* – Além de José ter alimentado seus irmãos em tempo de grande aflição, ele ainda proveu recursos para toda sua parentela que ainda habitavam em Canaã. Após ter trago seus parentes para o Egito, sede de seu governo, ele providenciou um lugar exclusivo para que eles pudessem habitar. Jesus alimentou seu povo e proveu recurso para todos enquanto esta no cumprimento de seu

ministério. Todavia, Ele disse que os levaria para a Sede de seu governo: Os Céus – Jo 14.1-3. Além de providenciar um lugar exclusivo para eles: As Mansões Celestiais.

- *Nono* – José morreu na terra do Egito, mas seu corpo não ficou lá – Assim como José desejou que seu corpo não fosse deixado no Egito quando eles saíssem desta terra – Gn 50.24-26; assim foi feito, cumprindo seu desejo – Êx 13.19. Jesus foi morto em Sua terra, mas seus ossos não viram a corrupção da morte no corpo (cf. Sl 16.10; At 13.35). Após três dias, muitos puderam comprovar que Ele estava vivo; sendo elevado às alturas, após quarenta dias de sua ressurreição – At 1.9.

- *Décimo* – José ficou marcado na história da humanidade – Se, a humanidade em geral conhecem a história de José, em relação a Jesus não é diferente. Os homens deveriam ver e confirmar a exaltação de José, assim como os homens ainda verão e exaltarão ao Senhor, reconhecendo sua Grandeza e seu Poder.

É notável como a Bíblia declarou de forma maravilhosa esses testemunhos, em um tempo bem anterior aos dias de Jesus Cristo. Os tipos que foram usados para representar o Antítipo, que é Cristo, deram ao nosso entendimento a aceitação de que a salvação produzida por Jesus, não foi uma coincidência, mas, sim, um plano altamente perfeito e eterno.

O Testemunho de Moisés

Como homem, Moisés tem muito pouco para se assemelhar ao Senhor Jesus Cristo. Sendo assim, como podemos identificar alguma coisa em Moisés que possa servir de tipologia de Cristo? Bem, a Bíblia nunca irá nos deixar desamparados em relação às necessidades que temos de sabedoria. Sendo assim, é claro que ela contém algo que irá ilustrar de forma tipológica alguma coisa em relação à revelação do ministério do Filho de Deus. Então vejamos:

- *Moisés como Libertador* – Em Êx 3.7-10, um notável encontro será marcado por uma notável missão: Libertar os hebreus da terra do Egito. Esta foi a chamada de Moisés. Todavia,

o que ele jamais imaginaria, era que este encontro e esta missão estavam retratando o ministério de Jesus, pois Ele é o Verdadeiro Libertador do povo de Israel.

- *Moisés como Profeta* – Em Dt 18.15 Moisés é apresentado como um profeta, porém, o Senhor levantaria um profeta semelhante a ele. Em At 3.22 esta profecia de Moisés tem seu cumprimento relatado, pois Jesus veio para ser este profeta. As profecias de Jesus foram semelhantes à de Moisés, no que diz respeito a elas estarem relacionadas ao povo de Israel, há um tempo conhecido como “Dispensação da Lei”, e apontar para um tempo de plena libertação e de julgar os que não obedeceram a esta Lei.

- *Moisés como Fiel* – Uma das grandes definições quanto à vida de Moisés, encontra-se registrado em Hb 3.2-5, e que confirma o que foi dito pelo Senhor em Nm 12.7. Todavia, esta fidelidade serviu de cenário para revelar a fidelidade daquele que seria o Herdeiro de todas as coisas que pertence ao Pai – Jo 17.9-10.

- *Moisés como Legislador* – Assim como o Senhor entregou a Moisés a Lei, para que este pudesse aplica-la ao povo de Israel, Jesus recebeu do Pai novos mandamentos, para que Ele pudesse aplica-los a todos os que viessem aceita-lo como Senhor e Salvador – Mt 5.17; Jo 13.34.

Não há dúvidas de que os vultos que foram surgindo no Antigo Testamento serviram de caminho para a chegada e entrada de Jesus no cenário humano. O lamentável, é que o povo para quem esta lei foi revelada, não O reconheceu, quando Ele se manifestou – Jo 1.1-5.

O testemunho na pessoa de Boaz

Deparamo-nos com mais um tipo de Cristo no Antigo Testamento: Boaz. Mais um exemplo de que à consciência dos homens não estavam relacionada ao que viria acontecer em futuro, próximo ou distante. Aqui, encontramos alguns detalhes que também não podem ser ignorados. Vejamos:

Primeiro: Em Rute cap.2.4 Boaz é aquele que vem de Belém. Todos nós sabemos que Jesus Cristo nasceu na Cidade de Belém (cf. Mt 2.1; Lc 2.11). Já no início, na aparição de Boaz nas Escrituras, ele age como de fato a Bíblia fala de Jesus. Pois, Jesus já via a Igreja estando ainda em início de seu ministério na Seara.

Segundo: Boaz traz ensinamentos e doutrinas para Rute e os seus servos – vers.7-9; desta mesma forma, Jesus deu instruções aos seus discípulos, quanto aos cuidados que eles deveriam ter às suas ovelhas (uma figuratividade ou forma de como Jesus chamaria no futuro sua Igreja) – Ez 34.15; Jo 10.14-27; 21.16-17.

Terceiro: Em Rt 3.7-12 Boaz termina a colheita (ou seja, seu trabalho), após isto, ele e seus servos participam de uma refeição onde comem e bebem (uma referência a Ceia do Senhor – Mt 26.20-30). Foi justamente neste cenário que Boaz se revela a Rute, declarando que ele era o seu redimidor – v.12. Jesus é o Redimidor da humanidade que confiam em seu sacrifício.

Quarto: Em Rt 4.9-10 temos todo o critério necessário para que Boaz pudesse redimir Rute e tudo o que outrora lhe pertenceria, fosse por ele resgatado. Assim ele o fez, sem se importar com o preço que deveria pagar. Jesus veio o redimiu para Si um povo, resgatando tudo o que antes fora perdido, e para isto, Ele pagou um preço muito alto: Derramou seu próprio sangue, em resgate de muitos – Mt 26.28; Mc 14.24; I Co 7.23; I Pd 1.18-19.

Em nossa matéria dos Livros Históricos I, trazemos mais detalhes sobre a vida de Rute e Boaz. Aqui, destacamos somente alguns pontos onde revela-nos algumas tipologias acerca do ministério do Senhor Jesus Cristo.

O testemunho na pessoa de Davi

Não são poucos os exemplos que poderíamos usar aqui sobre Davi, que se harmonizaria com o ministério de Jesus Cristo. Mas, nesta parte de nosso estudo, só vou destacar três:

- *Primeiro: Davi ungido na casa de seu pai* – Em I Sm 16.13 nós temos um cenário atípico em relação a tudo o que está registrado na história monárquica de Israel: *Davi não foi ungido a rei, para ser rei*. A unção de Davi na casa de seu pai Jessé, é uma forma de entendermos que tudo teve seu início na eternidade, em uma ação proposital da Trindade, onde Jesus haveria de ser colocado como Rei de Israel, mas que esta unção veio ocorrer nos céus; sendo assim, Davi, como já disse, não nasceu para ser rei, ele já nasceu rei, por uma escolha pré-ciente de Deus (cf. I Sm 15.28-29). Levando em consideração que Saul havia reinado dois anos quando o Senhor o rejeitou, ele ainda reinou por mais trinta e oito anos, somando um total de quarenta anos. Se, esta é a forma correta de analisar o tempo de reinado de Saul, e se Davi quando iniciou seu reinado, ele tinha trinta anos, isso significa que, quando Samuel falou essas palavras com Saul, faltavam ainda oito anos para que Davi nascesse. Sendo assim, Davi já nasceu rei de Israel, segundo a escolha do Senhor.
- *Segundo: Davi é ungido em Hebrom* – É fundamental que compreendamos o texto de II Sm 5.1-5. Antes que Davi fosse rei sobre todo o Israel, ele foi primeiro ungido na casa de seu pai Jessé, depois ele foi ungido em Hebrom, em Judá. Esta unção de Davi em Judá, corrobora com o ocorrido em Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22, que determina a segunda unção do Senhor Jesus Cristo. A primeira unção de Jesus pode ser vista em Is 11.1-5; 61.1.
- *Terceiro: Davi é ungido em Jerusalém* – Agora, estaremos diante do rei de todo o Israel. Em II Sm 5.3 está definido que Davi reinou em Hebrom sete anos e meio, vindo após isso, reinou em Jerusalém. Mas, Jerusalém ainda não existia. Como se deu isso então? Bem, pelo que podemos constatar os vers.6-8 é um resumo do que realmente aconteceu contra a cidade dos Jebuseus (cf. I Cr 11.4).

Na tipologia de Davi em relação a Jesus Cristo, encontramos esses três exemplos que nos elucidam como a Bíblia tem resposta

para todas às nossas interrogações. Todavia, aprendemos que Jesus veio ungido pelo Pai; após trinta anos, Ele foi ungido pelo Espírito Santo às margens do Jordão em Judá; na sua crucificação, Jesus foi reconhecido como “O Rei dos Judeus” em Jerusalém, pelos soldados romanos e no calvário por Pôncio Pilatos – Jo 19.19-22. Um dia, esta unção dada a Jesus, será reconhecida por Israel. Nesta ocasião, Jesus restaurará o trono de Davi, e reinará por toda a eternidade – Is 16.5; Zc 6.12-13.

A revelação de Cristo no Novo Testamento

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento tem a revelação da Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Porém, é aqui, no Novo Testamento que encontramos o esclarecimento de todas às profecias que falaram dEle, antes de seu nascimento. É aqui, no Novo Testamento, que nós aprendemos a nos relacionar com Ele, recebendo de Seus ensinamentos a verdadeira transformação de vida. Não vou me ater aqui, nos parâmetros dos Livros do Evangelho, pois já temos uma matéria que nos conduz a esses assuntos. Porém, aqui, estaremos analisando o comportamento de Jesus diante dos homens e o comportamento dos homens diante de Jesus.

Antes de irmos à busca de detalhes sobre Jesus Cristo em torno de Seu ministério, necessário se faz, que compreendamos quem é Jesus Cristo? Esta foi uma questão debatida em Mt 16.13-19 que, pelo que se parece, não ficou muito bem elucidada. Mas, vamos tentar entender quem foi Jesus Cristo. A pergunta é:

Quem foi Jesus Cristo?

Esta é uma pergunta que ainda ecoa nos ares da teologia neotestamentária: “Quem é Jesus Cristo”? Podemos assim entender que esta interrogação tem levantado diversas dúvidas e questionários. Para alguns comunicadores das Sagradas Escrituras, Jesus Cristo foi apenas um homem que não se diferenciava dos demais, exceto na

questão de seu límpido caráter. Já, existem os que acreditam que Ele foi à encarnação de Deus e que não viveu na terra, contendo os limites presente na estrutura física do homem. E, pasmem-se o estudante, há uma classe de “naturalistas” que acreditam ser Jesus Cristo apenas uma lenda, ou seja, um mito; alguém que possuiu uma personalidade formada pela imaginação de homens sábios e persuasivos, que desejaram moldar o “*homem imperfeito*”, para que outras cópias pudessem ser reproduzidas do “*homem perfeito*”.

Na matéria de Cristologia da Universidade da Bíblia¹ achei interessante um comentário já no início do estudo:

no período compreendido entre 1774 a 1778, foi iniciada a procura do Jesus Histórico. Lessing publicou pós-morte as anotações de Hermann Samuel Reimarus. Esse estudioso questionava a tradicional forma de apresentar Jesus na Igreja e no Novo Testamento. Para ele Jesus nunca fizera uma reivindicação messiânica, nunca instituiu qualquer sacramento, nunca predisse a sua morte e nem ressuscitou dentre os mortos. Dizia que Jesus era um engodo. Essa atitude instigou a busca do Jesus ‘verdadeiro’. A metodologia racionalista foi a predominante como método de pesquisa dessa busca, peculiar a primeira parte do século XIX. A polêmica desses estudos foi um terreno fértil para nascerem obras pró e contra Jesus.

Todavia, o que ninguém ainda conseguiu provar, é a inexistência do Senhor Jesus Cristo. Ele deixou um legado potente e eterno, conforme Sua própria natureza, chamado de: Igreja. E, não há como questionar fatos, quando esses comprovam a veemência das coisas. Mas, vamos buscar responder esta que interrogação: “Quem foi Jesus Cristo”?

Jesus foi o Cordeiro de Deus

O que tornou Jesus Cristo tão primordial, tanto para o Pai, quanto para os homens, foi justamente a sua primeira revelação. João Batista O introduz na sociedade judaica, declarando-O como o Cordeiro de Deus – Jo 1.29,36; Ap 5.6; 7.10; 14.4; 19.9; 21.1,22. Toda humanidade estava almejante desta revelação, pois somente um Cordeiro na qualidade de Jesus, poderia trazer a remoção dos

¹ Examinais as Escrituras: Cristologia.

pecados do homem, removendo determinadamente assim, a sua culpa – Cl 2.14.

Jesus foi o sumo Sacerdote

No tempo do sacerdócio de Israel, o sacrifício pelos pecados deveria ser ofertado todas às vezes que o homem cometesse uma transgressão. Todavia, antes de o sacerdote oferecer o sacrifício pelo pecador, ele deveria oferecer um sacrifício por si mesmo (cf. Lv 7.8). Todavia, Jesus veio na condição de Sumo Sacerdote, sem ter que oferecer sacrifício por Si mesmo (cf. Hb 7.27), assim como faziam os sumos sacerdotes e sacerdotes na Antiga Aliança (Hb 9.7). Desta forma, Ele pode oferecer o verdadeiro sacrifício, e veio tornar-se o Sumo-Sacerdote eternamente de nossas almas – Hb 3.1; 9.11-15.

Jesus foi o verdadeiro Pastor

A mensagem que foi por Ele mesmo transmitida, está em Jo cap.10. Neste capítulo Ele é designado como o Bom Pastor. Porém, em que tipo de argumento Jesus se baseia, para que Ele possa ser visto e aceito como “O Bom Pastor”? Bem, podemos já de antemão entender que Jesus não está se conflitando quando disse ao jovem: “Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus” – Lc 18.18.

O que na verdade encontramos Jesus declarando aqui, é que a “bondade” como critério de natureza, não existe mais no homem, em especial, após a queda edênica. Somente Deus porta em Sua natureza a essência de toda a bondade. Todavia, como “pastor”, Jesus é bom no sentido de Se doar pelas suas ovelhas. Se em Ez 34.2-10 os pastores são definidos como alguém que só pensam em si mesmos, Jesus não agia assim. O v.12 de Ez 34 faz uma declaração profética do ministério de Jesus Cristo como “este pastor” que viria para livrar suas ovelhas dos lobos, como uma referência aos sacerdotes e demais líderes dos judeus. Jesus é o Verdadeiro Pastor que dá a sua vida pelas ovelhas – Jo 10.11.

Jesus foi a Revelação do Pai

Os homens do passado não conseguiam ver em Deus, o que Ele sentia pelo seu povo: Amor. Se, alguém falasse acerca de Deus para qualquer que fosse o sujeito, o resultado seria, mais tremor do que temor. O homem tinha medo de Deus! Alguém precisava mudar esta forma de o homem olhar para o Criador e Senhor de todas às coisas. Jesus veio e fez isto – Jo 17.1-8. Acredito que esta foi à oração que finalizou o ministério de Jesus no Getsêmani – Mc 14.32.

A revelação que Jesus fez em Jo 3.16 era quase que absurda aos ouvidos de uma grande maioria de judeus. Eles jamais poderiam acreditar que alguém pudesse falar de amor, relacionando a este sentimento o Deus de Israel. Todavia, Jesus provou que não somente o amor do Pai pode ser experimentado pelos homens, mas, também Sua misericórdia, sua Bondade, sua Longanimidade, sua Temperança, e o perdão de todos os pecados – Mc 11.25; Lc 23.34.

Jesus foi o Edificador da Igreja

Em se tratando de uma Nova Aliança, podemos entender que, assim como Deus fez com Israel, que ordenou que um Tabernáculo fosse construído no meio do povo no deserto, para que Ele pudesse habitar entre eles (Êx 25.8), assim Jesus também tinha a intenção de edificar seu próprio Tabernáculo (Mt 16.18). Todavia, a Igreja tem suas próprias características. Entre elas, devemos destacar os ministros e os utensílios que eram presentes nas liturgias.

a) *O Sumo-Sacerdote* – Os sacerdotes deveriam ministrar no Tabernáculo, na presença do Senhor. O primeiro critério para exercer este ministério estava nas vestes dos sacerdotes – Êx 29.30; 39.41. Jesus vestiu suas vestes sacerdotais, quando assumiu o rigor das torturas produzidas pelos soldados romanos. Ali, Ele estava vestido de Santidade, de humildade, de Mansidão, de Amor. Nada poderia impedir que o Sumo Sacerdote e o Sacrifício chegasse ao seu definitivo propósito: Se ofertar ao Pai!

b) *O Sacerdote* – Como os sacerdotes eram responsáveis pelo ensino, pela oração, pela manutenção do Tabernáculo, assim Jesus atuou na igualdade, ensinando, orando e mantendo o Templo (ou Tabernáculo) organizado. Mas, nada se comparava ao Tabernáculo que era o Seu próprio corpo.

c) *Os Utensílios* – Os utensílios do Tabernáculo eram uma figuratividade da Pessoa e Natureza do Senhor Jesus Cristo. Aqui, podemos destacar alguns detalhes desses utensílios:

- *A Bacia de Bronze* – Êx 30.18. A humanidade de Jesus é a revelação nesta bacia de bronze. Lembrando que cada mineral, cada tecido, e até a madeira do tabernáculo apontam para algo na vida e ministério de Jesus. Embora, o bronze seja uma representação da natureza pecaminosa do homem, Jesus não possuía uma natureza pecaminosa, mas levou sobre Si, todos os nossos pecados – Is 53.4-5.

- *A Mesa dos Pães da Presença* – Êx 25.23-30. Mais uma alusão a Pessoa e ministério do Senhor Jesus. Esta mesa era de madeira de acácia (cf. Êx 25.23; 37.10). Embora, esta madeira seja a representação humana de Jesus, o que veremos aqui, era o que se depositava sobre ela. Os pães que depositavam sobre ela eram doze, e esses doze pães representam os doze apóstolos do Senhor. O pão é a representação de Jesus Cristo, como o Pão da Vida. Foi este Pão que fora repartido na ocasião da Ceia do Senhor. O pão da presença ou da comunhão, conforme a tradução de algumas Bíblias representa o Senhor buscando o homem caído e lhe restituindo a presença ou a comunhão com o Criador.

- *O Candelabro de Ouro* – Êx 25.31-40; 27.20-21. Aqui, encontramos mais um utensílio que se distingue dos demais utensílios do Tabernáculo. Esta distinção é nítida, quando observamos que o Candelabro, ou castiçal ou Menorah, conforme o aluno queira chamar, é a representação da Luz no Tabernáculo. João declara que Jesus é a Luz do mundo – Jo 8.12; 9.5. A Igreja também está presente nesta revelação, pois

a Igreja revela a natureza de Deus. Por esta razão, Jesus disse que ela seria também, a luz do mundo – Mt 5.14.

• *O Altar do Incenso* – Êx 30.1-10; 37.25-29. É importante lembrarmos que havia dois alteres: *a)* Um de Bronze que ficava no pátio do Tabernáculo, *b)* Outro de Ouro que ficava no interior do Tabernáculo, próximo do Véu que separa o lugar Santo, do Santo dos santos. O altar de bronze era para queimar os sacrifícios de holocaustos, enquanto o altar de ouro era para queimar o incenso. O incenso representa a oração. Jesus sempre estava na presença do Pai, intercedendo pelas nossas vidas, e esta deve ser a nossa maior alegria e segurança, saber que Jesus ainda está como Nosso Intercessor e Mediador.

• *A Arca da Aliança* – Êx 25.10-22; 37.1-9. Este é um dos utensílios que mais devemos nos dedicar em sua tipologia bíblica. Já é sabido que o Antigo Testamento se dedica em apresentar uma revelação quanto à Cristo, relacionando Sua obra e Sua Divindade. A Arca da Aliança nos traz uma grande verdade quanto ao assunto em estudo. Podemos destacar aqui, os seguintes itens sobre esta tipologia messiânica:

1) *Primeiro*: A Arca da Aliança traz uma revelação da salvação de Deus aos homens. Em destaque, já encontramos a arca feita de madeira de acácia; diferente da arca de Noé que foi revestida por dentro e por fora de betume, esta foi revestida por dentro e por fora de ouro. O betume aponta para a condição do homem nas trevas do pecado; o ouro é uma representação da natureza divina em Cristo, que por dentro era cem por cento, divino e, por fora, Ele era cem por cento, homem, mas que possuía a presença do Espírito Santo sobre Ele.

2) *Segundo*: Enquanto Noé e sua família foram salvos das águas diluvianas pela ação provedora da arca, os filhos de Israel foram salvos das águas jordânicas, pela presença da Arca da Aliança. Enquanto Jesus estiver guiando o homem pelos seus

diversos caminhos da vida, este não perecerá, pois Cristo assumiu a responsabilidade de salvar aquele que trilha nesta vida, guiado por Ele e pela Sua Poderosa Palavra.

3) *Terceiro*: A madeira de acácia é originária do deserto. Uma planta que sobrevive a aridez desértica e ainda produz fruto. A tradução de Septuaginta descreve esta madeira como “inocorrível”. Sendo assim, ela pode representar a natureza do Senhor Jesus Cristo, que mesmo sendo homem, viveu entre os homens pecadores e não cometeu nenhum pecado.

É notável ver como Jesus foi resistente à ação pecaminosa que Lhe cercou por todos os dias de sua vida na terra. Não houve semelhante a Ele e nem haverá entre os homens, alguém que possa resistir aos impactos do pecado. Isso, por se tratar de que todos os homens possuem a natureza pecaminosa. Muitos cogitam na possibilidade de Jesus poder ter cometido algum tipo de pecado. Esta possibilidade é plenamente impossível, pois se Ele tivesse esta possibilidade, não poderia representar a humanidade na sua justificação. Ele viveu sim, os limites do corpo humano, porém, sem qualquer possibilidade de pecar.

Jesus foi a Base da Nova Aliança

A Nova Aliança é conhecida também, como o Novo Testamento. Um Testamento que possibilitou a humanidade de poder herdar riquezas incommunicáveis. Uma herança incommunicável significa uma riqueza que não pode passar para outrem. Um exemplo: Quando um casal oficializa núpcias, em alguns casos esta núpcia é feita em “separação de bens”. Com isto, o conjugue que enlaçou em matrimônio, se for possuidor de bens, não tem a obrigação de comunicar esses bens em um caso de separação. Seus bens estão protegidos pela forma “incommunicável”.

Na Nova Aliança, Jesus fez a Igreja herdeira desses valores – Ef 2.7; Fp 4.19; Hb 11.26. Todos os que são considerados “filhos de

Deus” – Jo 1.12, ou seja, filhos por adoção são chamados de irmãos de Jesus Cristo – Hb 2.11; um critério para isto é realizar a vontade do Pai – Mt 12.50. A obediência marcou o ministério do Senhor Jesus – Hb 5.8 e deseja que a Igreja seja de igual forma obediente aos padrões da Divindade – Ef 6.5; Cl 3.20; Hb 13.11; I Pd 3.1.

Levando em consideração que Jesus foi à base da Nova Aliança, devemos buscar compreender em que sentido Ele se revela como esta base:

Primeira Base: *suas doutrinas.*

Embora, possamos encontrar muito dos ensinamentos do Senhor Jesus nos Livros do Evangelho relacionados com a Nova Aliança, é na epístola aos Hebreus que podemos nos apossar de um melhor entendimento quanto a isto. Os que leem e estudam o Novo Testamento, já concordam que a Epístola aos Hebreus fora escrita para os “*judeus convertidos*” que estavam espalhados por terras gentílicas – Hb 13.24; Tg 1.1; At 11.19. Todavia, eles não poderiam se esquecer das alianças que foram feitas anteriormente (cf. Gn 9.8-16; 12.1-3; Êx 19.5; Sl 89.3-4; II Cr 7.11-22; Js 24.14-24), e que não possuíam seguimentos doutrinários que poderia formatar a fé do pecador, fazendo este se conscientizar acerca da conduta de Cristo que deveria ser reproduzida em seus seguidores. As principais doutrinas ordenadas por Jesus fora:

1) *O Ensino. A responsabilidade de ensinar aos novos convertidos* – Mt 11.1; Lc 11.1. O método de ensinar os povos não é uma opção da igreja – Mt 28.19-20; Jo 8.30-32. A igreja que não ensina seus novos convertidos deverá aplicar disciplinas quando estiverem velhos na fé. O ensino ainda é a melhor maneira de construir os pilares do caráter e da maturidade cristã. Sem o ensino, certamente, o povo irá perecer – Dt 32.2; Pv 4.2; Os 4.6.

2) *O Batismo. O ato do batismo é uma ação irreversível da fé cristã.* Na verdade, o batismo em relação à Nova Aliança, serve como uma declaração pública de que o batizando está confirmando e aceitando fazer parte do Corpo de Cristo que é a Igreja. Assim como Jesus entrou na sepultura em forma

humana e saiu em forma divina, assim o pecador no batismo, está sepultando o “velho homem” e ressurgindo como uma nova criatura – Mt 28.19; Mc 16.16; Jo 3.5. Com esta ação, o batizando está legalizado a entrar em comunhão com Cristo e com a Igreja.

3) *A Ceia do Senhor. Uma forma de adquirir vida e remissão dos pecados.* No cap.6 de João, encontramos um arsenal de ensino relacionado à Ceia do Senhor, sempre apontando para um critério significante. Se, no “ensino” o pecador é conscientizado acerca de sua condição pecaminosa, no batismo ele está fazendo o sepultamento desta condição. A Ceia é um critério para que este convertido possa fazer parte do arrebatamento. O ato de dar Sua carne e Seu sangue nos arremete ao Calvário, local do sacrifício. Sem este sacrifício, não haveria a possibilidade da tão sonhada reconciliação – II Co 5.18-19 e muito menos do arrebatamento – Jo 6.53-57.

Segunda Base: seu corpo partido.

A Pessoa do Senhor Jesus Cristo tem uma singular importância em todo o contexto bíblico. No Antigo Testamento, Jesus Cristo é tipificado pelo pão na mesa da comunhão no interior do Tabernáculo. O pão só poderia ser comido pelos sacerdotes, pois como representantes de Deus entre os homens, eles deveriam ter plena comunhão. Desta mesma forma, Jesus Cristo tem plena comunhão com o Pai, lembrando que Ele é o Único representante entre Deus e o homem – I Tm 2.5; Hb 12.24.

O pão deveria ser partido entre os sacerdotes. Levando isso em consideração, Jesus não estaria fazendo nada novo diante dos olhos dos discípulos, se eles fossem da Tribo de Levi. Como eles eram da Tribo de Judá, eles não deveriam estar participando de algo que era exclusivo dos levitas. Mas, Jesus estava construindo seu sacerdócio, para integrá-los aos gentios.

Agora, Jesus não dá a eles um mero pedaço de pão. Jesus coloca este pão como símbolo de Seu corpo. Este pão estava

representando a Vida. A vida que a Igreja necessitaria para sobreviver suas agruras e aflições. O pão partido implica em dizer que Cristo não é somente de uma pessoa, ou de um grupo, ou de uma nação. O pão partido é uma declaração de que todos os povos da terra deveriam ser alcançados e alimentados por este “Pão Vivo” que desceu dos céus.

No tempo de Moisés, os pães eram partidos e comidos no interior do Tabernáculo. No tempo da Igreja, isso é muito diferente. Primeiro o Pão Vivo foi partido entre os discípulos. Após isso, este mesmo Pão Vivo, foi rasgado em público pelos romanos, levando em conta que os sacerdotes judeus O rejeitaram. Após o espetáculo no Pátio do Templo em Jerusalém, Jesus foi levado para fora e crucificado diante dos homens. Os sacerdotes ministravam os sacrifícios no Pátio do Tabernáculo. Eles só enviavam para fora do pátio aquilo que era rejeitado. Quando Jesus foi direcionado para fora do Pátio do Templo, os sacerdotes estavam confirmando a rejeição do Filho de Deus.

Terceira Base: *seu sangue derramado.*

Entre todos os elementos que eram destacados no “Ritual de Ofertas”, o derramamento do sangue era algo que, tanto os sacerdotes como todo o povo criavam muitas expectativas. Isso por se tratar de algo que trazia o perdão dos pecados, como uma forma da aceitação do sacrifício pelo Senhor.

Quando Jesus Cristo declarou que seu sangue seria derramado por muitos, Ele estava declarando algo jamais visto pelos israelitas, fossem eles sacerdotes ou ofertantes de todas às demais tribos. Se, no ritual da Lei em relação ao holocausto oferecido pelo pecador era Deus quem aprovava e aceitava o sacrifício, no tempo da Igreja, este sacrifício oferecido por Jesus, deveria ser aprovado e aceito pelo pecador. Esta foi à razão de Jesus ter dito: “*Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é DERRAMADO POR MUITOS, para remissão dos pecados*” – Mt 26.28.

Neste acontecimento encontramos mais revelações bíblicas que nos leva a entender melhor sobre Cristo e Suas diversas revelações tipológicas. Podemos destacar o seguinte:

- a) No Antigo Testamento o Cordeiro do sacrifício ficava na observação de Deus.
- b) No Novo Testamento o Cordeiro do sacrifício fica na observação do pecador.
- c) No Antigo Testamento o sangue do sacrifício era derramado por apenas o ofertante.
- d) No Novo Testamento o sangue de um Único Cordeiro foi derramado por todos os pecadores.
- e) No Antigo Testamento o sacrifício não dependia do ofertante para a aceitação do Senhor, dependia da condição da oferta.
- f) No Novo Testamento o sacrifício não depende da oferta para a aceitação do pecador, mas, na condição em que o pecador se encontrar.
- g) No Antigo Testamento o “Sangue do Sacrifício” era derramado sobre a “Tampa do Propiciatório”.
- h) No Novo Testamento o “Sangue do Sacrifício” deverá ser derramado sobre o “Altar do Sacrifício – A Cruz”.
- i) No Antigo Testamento o sangue do cordeiro derramado representava a morte do ofertante.
- j) No Novo Testamento o sangue derramado representa a morte da oferta, para que o pecador tenha vida e a tenha em abundância – Jo 10.10.

Poderíamos dizer então, que a fala do Senhor Jesus Cristo em declarar “*derramado por muitos*”, não implica em aceitar o que alguns buscam dizer quanto à limitação que o sacrifício tem quanto à quantidade de justificados, mas, sim, que o pecador é quem está na condição de aceitar ou rejeitar a vida, pelo sangue de Cristo, reconhecendo seus pecados juntos ao altar, ou seja, junto a Cruz.

Quarta Base: *sua morte e ressurreição.*

O verdadeiro valor da vida está explícito em Cristo Jesus. Ele é a Vida! Quando nos deparamos com a morte e ressurreição de Cristo Jesus, logo nos vem à memória o que seria da humanidade hoje, se Cristo não tivesse ressuscitado de entre os mortos? Qual seria a mensagem de paz para a humanidade, que vive e convive com a violência, com a miséria, com a marginalidade, com a criminalidade? O que seria das famílias? O que seria das pequenas nações? O que seria do mundo?

Mas, graças a Deus, Ele nos deu a revelação do Filho em diversos ângulos, nos mostrando que em Seu Filho, todas as coisas são direcionadas e por Ele tudo é equilibrado até que venha o tempo de Seu Justo e Eterno Governo. Nossa esperança quanto a isto, pode ser sustentado em apenas um texto das Escrituras Sagradas – Jo 11.25: *“Eu Sou a ressurreição e a vida”*.

Jesus Cristo, quando ressurgiu dentre os mortos diante de seus discípulos, confirma todas as promessas e esperanças que a Bíblia veio colocando no coração do homem, desde Adão até o último dos homens, no Dia da Glorificação. A Sua morte não foi o final de Seu ministério, como entendemos literalmente, ao ler e estudar sobre Cristologia ou Os Livros do Evangelho. Não! No ato de Sua morte Ele finaliza o que podemos dizer de “Primeira Etapa” ou “A Etapa Mais Desafiadora”. Isso, pelo fato de Ele ter que cumpri-la na condição de homem.

Mas, em Jo 10.16-17 Ele diz que ninguém tem o poder de Lhe matar. Ele é quem deu a sua Vida e tem o Poder de torná-la a resgatar, pois isto ficou concordado bem antes de Ele ter Se humanizado. A fase de maior glória do ministério de Jesus Cristo será ainda, revelado à toda humanidade, principiando por Israel e dimensionando ao restante dos povos, quando Ele vier com sua Igreja cercado pela glória do Pai, dos anjos e dos santos – Lc 9.26. Neste momento, toda humanidade compreenderá o verdadeiro significado da morte e ressurreição do Filho de Deus.

Quinta Base: sua ascensão aos céus.

Em At 1.9 o cenário é de grande expectativa. Jesus está sendo elevado às alturas e os olhos de todos que Lhe acompanharam até o Monte das Oliveiras viram quando uma nuvem ocultou Jesus de seus olhos. Tudo parecia que estava acabado, pois o Mestre estava indo embora. Todavia, o que estava acontecendo era justamente o início de um grande fenômeno que acontecerá muito em breve. Se, foram apenas “quase quintas pessoas que O viram subir” (cf. I Co 15.5-8), a quantidade dos que verão Ele voltar serão inumerável (cf. Mt 24.30; Mc 13.26; Lc 21.27).

Mas, qual a importância da ida e vinda do Senhor Jesus Cristo neste episódio? Como podemos relacionar este acontecimento como algo que confirma às profecias relacionadas à Cristologia ou a base da Nova Aliança? Bem, para isto, devemos separar primeiro os povos relacionados e assim, poderemos entender às profecias.

Primeiro Povo – Israel

Primeiro devemos entender que uma sequência de profecias foi dada exclusivamente aos israelitas, prometendo assim, a vinda do “*Māshiah*”. Entre estas profecias, podemos destacar:

a) *Primeira profecia* – Dt 18.15. Esta foi uma profecia que se cumpriu literalmente, pois Jesus veio e se tornou um profeta superior a Moisés. Por mais que Moisés veio ser um vulto de elevada importância para os israelitas, ele jamais poderia se posicionar diante do povo, na qualidade de Jesus Cristo. No Monte da Transfiguração, Moisés aparece com reverência ao *Māshiah* prometido – Mt 17.2-5.

b) *Segunda profecia* – Is 7.14. Nesta profecia, a informação declara o que realmente aconteceu com uma jovem virgem por nome Maria. Ela foi escolhida entre outras que eram semelhantes a ela, para dar a luz ao menino que salvaria o seu povo de seus pecados – Lc 1.28-33.

c) *Terceira profecia* – Mq 5,2. Aqui encontramos outra profecia que veio se cumprir literalmente na Cidade de Belém – Mt 2.1; Lc 2.11. Com o nascimento de Jesus Cristo em Belém, Ele não só confirmou a profecia, como ganhou a devida legalidade de reivindicar por direito, o trono de Davi. Ou seja, Jesus é O herdeiro legitimo de seu ancestral humano Davi – Jr 23,5-6; Mt 2.1.

d) *Quarta profecia* – Os 11.1. Outra profecia que não haveria como deixar de se cumprir. Por ocasião da visitação dos magos do Oriente, a vida do menino passou a correr risco de morte. Sendo assim, o único recurso foi os pais se refugiarem nas terras do Egito, até que uma ordenança fosse dada para o retorno a terra de sua origem – Mt 1.16.

e) *Quinta profecia* – Is 9.1-4. Embora, na ocasião de seu nascimento a geografia do Norte de Israel respondia por “Galileia”, a profecia veio se cumprir assim como foi predita. Jesus veio morar em Nazaré e depois foi para Cafarnaum – Mt 4.17.

Estas são algumas das profecias que foram direcionadas com exclusividade ao povo de Israel. Destarte que, mesmo possuindo estas profecias eles não deram o devido credito. Isso, porém, não impediu que Jesus cumprisse todo o projeto pelo qual Ele veio executar.

Segundo Povo – A Igreja

Entre todas as profecias que podemos vir estudar sobre Jesus Cristo, as que estão relacionadas à Igreja deve ser o ponto focal dos que são chamados “gentios”. Estas profecias arrolaram os que não conheciam a Deus, a um plano redentivo, onde Jesus seria o Edificador, o Redentor e Cabeça. Os planos de Deus para a Igreja são diferenciados em relação aos planos de Deus para Israel. A aliança de Deus com Israel tem como base à pessoa de Abraão – Gn 12.1-3; a aliança de Deus com a Igreja tem como base a Pessoa do Senhor Jesus Cristo – Jr 31.31-34; Mt 26.26-29.

A) *Primeiro: Deus falou de um povo que não O conhecia* – Is 65.1; Rm 10.20. É notório que esta profecia de Isaías que está sendo confirmado pelo apóstolo Paulo veio se cumprir literalmente. Assim que a mensagem sobre Jesus Cristo chegou a terras gentílicas, Jesus passou a ser buscado por esses povos, e ainda é assim até hoje – Sl 68.31.

B) *Segundo: Cristo ofereceria um sacrifício aceito* – Is 53.1-12. No início do cap.53 de Isaías, o profeta ministra uma interrogação messiânica: *Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do Senhor?* – Is 53.1. Observem que temos duas interrogações distintas, porém em ordem opostas. Colocando estas interrogações na ordem cronológica, poderíamos entender isso da seguinte maneira:

- “*E a quem se manifestou o braço do Senhor?*”? Com esta primeira interrogação, entendemos que a profecia está falando sobre o sacrifício do Messias que antecedeu a pregação do Evangelho aos gentios. Não haveria como realizar um trabalho de evangelismo mundial, pregando sobre a morte e ressurreição de Jesus, sem que Ele já houvesse morrido e ressuscitado.
- “*Quem deu crédito à nossa pregação?*”? Assim que o sacrifício foi oferecido por Jesus Cristo e decorrido a isso, a sua ressurreição, a pregação deveria ganhar notoriedade entre os gentios. Agora, podemos dizer que uma Igreja está para surgir, pois Jesus executou todos os critérios necessários para isto.

C) *Terceiro: Cristo e a Igreja em Cantares de Salomão* – Ct 4.7. Não há como descrever aqui neste pequeno espaço, todos os elementos que informam Cristo Jesus como a base da Nova Aliança no Livro de Cantares. Podemos dizer que, assim como Isaías é aceito como o profeta messiânico, Cantares de Salomão e o ápice da revelação eclesiástica. Mesmo que a estudante ou leitor desta obra não queira aceitar a linguagem figurativa de Cristo e a Igreja em Cantares, não há como negar esta verdade com argumentações.

Jesus Cristo veio para inaugurar um sacerdócio cristocêntrico

ou messiânico – Êx 19.6; I Pd 2.9; Tt 2.14. Neste sacerdócio, Ele é o Sumo-Sacerdote que exercerá Seu ofício por toda a eternidade. O seu Reino e seu Sacerdócio jamais findarão.

A Divindade do Filho de Deus

Falar da divindade do Filho de Deus parece ser algo simplório. Todavia, quando nos deparamos com algumas linhas de teologia, percebemos que esta verdade bíblica ainda é algo muito confuso na mente de uma grande quantidade de seguidores do Cristianismo. A Bíblia é determinante em revelar que o Filho de Deus veio ao mundo com uma natureza humana, porém, possuía também uma natureza divina. Alguns textos bíblicos será o suficiente para nos comprovar esta verdade como fato.

Sua Pré-Existência

A Pré-Existência do Filho de Deus pode ser constada através de textos como: Jo 3.13. Neste texto há uma confirmação da origem de onde Jesus veio. Jo 3.31 mais uma vez ressalta que Ele é do alto, ou seja, de cima, e onde está estabelecido o seu governo, o seu reino. Tudo isto focado em sua forma e natureza celestial.

Outra constatação quanto a Sua Pré-Existência pode ser vista em Jo 1.3 onde o texto declara ser Ele o Autor da criação. Este texto correlaciona-se com – Cl 1.6 e Hb 1.2, pois ambos os textos são determinantes em afirmar que tudo veio à existência por intermédio dEle. Ora, se Ele foi o Criador de todas às coisas, significa que, antes que todas às coisas existissem, Ele é visto como o EU SOU. Sendo assim, Ele existe antes de todas às coisas. Ele é o Criador e ao mesmo tempo, Ele é Incriado. Ele subsiste por Si mesmo.

O Senhor Jesus possui um estreito relacionamento com o Pai e isso pode ser visto em Jo 10.30. Lembrando que, quando Jesus diz: “Eu e o Pai somos Um”, Ele não está falando de uma unidade, mas, sim, de essência, de Natureza. Ou seja, os mesmos atributos que

são encontrados na Pessoa do Pai, são encontrados na Pessoa do Filho (cf. Jo 17.5). Esta verdade pode ser vista também nos escritos de Paulo, como em Fp 2.6.

O pregador que foi revelado como “O Precursor do Messias” declara que Jesus veio após ele, porém, Ele era antes dele. João Batista sabia que na natureza humana, ele tinha seis meses a mais de vida que Jesus. Porém, ele também sabia que antes de ele existir, Jesus já existia (cf. Jo 1.15). A observação do Dr. Ryrie é que, “o sentido literal de ‘antes de mim’ faz referência à preexistência como base da superioridade de Cristo sobre João”.²

Os Atributos do Filho de Deus

Os pontos que estaremos relacionando aqui são pertinentes aos atributos que revelam a Divindade do Filho de Deus. Por mais que existam os críticos negativistas desta verdade, ela jamais deixará de existir e pode ser comprovada à luz das Escrituras.

1) *Primeiro: A Onipotência do Filho de Deus.* Em relação à Onipotência de Jesus, que é um de seus atributos naturais, o Dr. Severino Pedro da Silva faz a seguinte declaração: “Em várias passagens, menciona-se a onipotência do Senhor Jesus. Em Isaías são citados cinco nomes de Cristo em uma mesma passagem; um deles (Deus Forte) refere-se à onipotência de Cristo: ‘Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz’ – Is 9.6.”³

2) *Segundo: A Onipresença do Filho de Deus.* Aqui, encontramos outro atributo natural da Divindade de Cristo: Onipresença. O Dr. Esequias Soares declara o seguinte: “A onipresença é o poder de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Jesus é ilimitado no tempo e no espaço. Ele disse: “Porque onde

² RYRIE, Charles C. *Teologia Básica ao Alcance de Todos*. 1 Ed. São Paulo: Associação Editora Religiosa Mundo Cristão, 2004, p. 274.

³ SILVA, Severino Pedro. *Teologia Sistemática Pentecostal: Cristologia – A Doutrina de Cristo*. 2 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 128.

estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (MT 18.20), e mais: “Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”. Amém” (Mt 28.20). Essas duas passagens mostram que Jesus está presente em qualquer parte do universo porque Ele é Onipresente. Nós encontramos o cumprimento de suas palavras na própria Bíblia: “E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram”. “Amém”! “(Mc 16.20), e hoje, nos cultos, em nossas vidas, no trabalho, na escola, no lar”.⁴ Jesus está presente em todos os momentos de nossas vidas, seja ela a mais efêmera possível.

3) *Terceiro: A Onisciência do Filho de Deus.* Com este atributo, o Senhor Jesus Cristo pode ter o devido conhecimento de todas às coisas que existiram e existem. A sua presciência Lhe permite saber de tudo que ainda existirá. Mas, em relação a sua onisciência, podemos ver ela em ação nos seguintes textos: Mt 16.21. Aqui, Jesus inicia uma sequência de informações que só seria possível a um Ser Divino que possui o Poder de ver e saber de coisas futuras, como se já estivessem existindo (cf. Lc 6.8; 11.17; Jo 4.29).

Com esses atributos, Jesus já deve ser visto e aceito como um Ser revelado pela Bíblia que possui a natureza de uma Divindade. Outras formas que podemos entender à Divindade do Filho de Deus, se revelam em suas diversas ações como: 1) Perdoar os pecados dos homens – Mc 2.1-12; 2) Ser a Única Verdade revelada ao homem – Jo 14.6; 3) Outorgar a Vida ao homem que tem a morte como herança – Ef 2.1; Jo 5.21; 4) Possuidor de Uma visão Presciente – Jo 2.24-25; 6.64; 5) O Único capaz de julgar com plena justiça – Is 11.4-5; Jo 5.22-27; 6) O Único ser capaz de agir com plena retidão – II Tm 4.8.

⁴ Cf. SOARES, Esequias. *Cristologia: a doutrina de Jesus Cristo*. 1 Ed. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

Jesus Cristo e Israel

O ministério do Senhor Jesus Cristo, embora seja destinado em primeira mão aos israelitas, Ele só foi aceito mesmo pelos gentios. Todavia, mesmo não sendo aceito pelos judeus, Seus projetos não foram anulados em relação ao seu povo. Porém, fica a questão: O que ainda ocorrerá em relação ao futuro com Cristo e Israel? É sobre isso que iremos estudar aqui neste ponto.

Primeiro: o passado de Israel

No passado, Israel teve toda a oportunidade de poder se relacionar com o Senhor e viver a plenitude das promessas que lhe foram feitas. Todavia, o que veremos aqui, é totalmente o contrário em relação a esta verdade. Israel deveria ter tido um passado marcado pelas riquezas nacionais e espirituais que o Senhor prometera realizar – Êx 19.6.

Podemos analisar este período histórico marcado por acontecimentos que são conservados propositalmente, para nosso conhecimento da Grandeza e Bondade do Senhor em relação à humanidade:

- Do século XX ao XV a.C. entramos o relacionamento do Senhor com este povo, já na aliança que Ele fez com Abraão – Gn 12.1-3; com Moisés – Êx 3.8-10. Essas duas etapas das alianças de Deus, deveriam ser marcadas pela obediência aos critérios divinos. Porém, não é bem isto que a história nos revela.
- Do século XV até o XI a.C. encontramos o Senhor realizando grandes feitos em favor de Israel. *Primeiro*, o Senhor remove os hebreus das terras egípcias com excelente poder – Êx 7.1-5; *Segundo*, o Senhor iniciou um novo tempo para seu povo Israel – Êx 12.1-2; *Terceiro*, o Senhor os conduziu pelo deserto realizando grandes sinais – Êx 16.4-5; proveu a carne para eles – Êx 16.12-15; *Quarto*, o Senhor lhe proveu de vestes e calçados – Dt 8.4; 29.5; Ne 9.21; *Quinto*, o Senhor os introduziu em uma terra que mana leite e mel –

Êx 13.5; Nm 14.8; Dt 31.20. Porém, o povo não conservou este relacionamento com Deus.

- Do século XI até o VI a.C. O Senhor deu aos filhos de Israel o que eles desejaram: Um governo monárquico – I Sm 8.1-5. Esta foi uma escolha que desenvolveu uma transição de governos entre a Teocracia e a Monarquia. Porém, esta monarquia veio sofrer vários golpes ao longo de sua história: a) em 1010 a.C. veio o reinado de Davi, que foi aprovado por Deus e pelo povo; b) em 970 a.C. veio o reinado de Salomão, marcado pela sabedoria e idolatria; c) em 931 a.C. veio o reinado de Roboão onde ocorreu a divisão do Reino de Israel. Neste mesmo tempo, surgiu o reinado do Jeroboão; d) em 722 a.C. veio o primeiro exílio de Israel – Reino do Norte pela Assíria; em 606 a.C. e o exílio do Reino do Sul pela Babilônia; e) em 539 a.C. ocorre à repatriação do Reino do Sul, ou seja, Judá, que vai sobreviver até o ano 70 d.C. quando ocorre a Diáspora.

Todo este contexto histórico foi marcado e registrado por Deus em Sua Poderosa Palavra, para que entendêssemos hoje, que não é o Senhor quem desiste do homem, mas, sim, o homem quem desiste do Senhor. Quando Jesus nasceu, Seu ministério era justamente para livrar o povo de seus pecados – Mt 1.21; Lc 1.77; salvar as ovelhas perdidas de Israel – Lc 19.10; Mt 10.6; e restaurar o Reino de Deus – Lc 9.2; 13.18-20. Porém, o povo mais uma vez desperdiçou a oportunidade de vivenciar as riquezas das promessas do Senhor.

Segundo: o presente de Israel

Este período que aqui é identificado como: “O Presente de Israel” está relacionado ao tempo em que Jesus cumpria seu ministério. Sendo assim, veremos qual foi o comportamento dos judeus em relação à manifestação do Messias.

- 1) A primeira coisa que percebemos, foi que os judeus não estavam preparados para receber o Filho de Deus – Jo 1.5.

O termo “compreender” do grego “*katelaben*” é “vencer” e sig. “obter vitória sobre outro”, “vencer uma concorrência”, “uma disputa”, “uma guerra” ou “*antilambánome*” para “compreender” e que sig. “receber”, “entender”, “passar a ter aquilo que dão para si”. Eles na verdade, não estavam preparados para isto.

2) A segunda coisa que percebo no presente de Israel em relação à manifestação do Messias, é que, a ingratidão entre os judeus eram maior que a suas necessidades. Em Lc 6.35 encontramos dois termos gregos para “maus” e “ingratos”: a) Maus do gr. “*acharistus*” que sig. “mal-agradecido”, “ingrato”;⁵ b) Ingratos do gr. “*ponerós*”⁶ que sig. “fisicamente, danoso”, “doloroso”, “penoso”. Esta era a condição de muitos nos dias de Jesus, e esta característica moral do povo, foram vista em ações contra o próprio Messias.

3) Terceira coisa que podemos identificar aqui, é que os judeus se dividiram mais em religiosidade do que espiritualidade. Com esta religiosidade, Jesus declarou que eles não entrariam no Reino de Deus, e ainda, impediriam os que desejavam entrar – Mt 15.1-6.

Este Sermão do Monte, como é assim conhecido, tende a nos declarar que os ensinamentos do Senhor Jesus eram acompanhados de muita elucidação e originalidade. Era notória a forma da pedagogia de Jesus, pois ao mesmo tempo em que prega Ele ensinava, e quando Ele ensinava, não faltava uma pregação expositiva. Até os dias atuais, os estudantes dos Escritos Neotestamentários ficam boquiabertos de admiração pela metodologia de Jesus, pois não houve e acredito, não haverá outro que possa se comparar com o Mestre na arte de ensinar – Mt 7.29; Mc 1.22; Jo 8.20.

Terceiro: o Futuro de Israel

Por mais que Israel não aceitou o *messianato* de Jesus Cristo, com esta atitude, eles não conseguirão impedir que Jesus, seja o Rei

⁵ ROBNSON, Edward. *Léxico Grego do Novo Testamento*. 1 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 141.

⁶ *Ibidem*, p. 763.

de Israel. O profeta Isaías em suas predições foi bem categórico quando profetizou sobre este reinado (cf. Is 9.6.a). Quando o anjo Gabriel foi ter com Maria, ele confirmou esta profecia (cf. Lc 1.32-33). Sendo assim, não é uma questão de opção esta monarquia messiânica, mas, sim, um projeto divino.

Nesta ocasião, Jesus reinará e terá sob este povo a ação de Sua Legislação; esta Legislação está relacionada à Lei Moral, onde todos os povos da terra deverão ser adequados – Jr 31.34; Hb 8.11. Embora, Jesus em Sua humanização foi rejeitado, mas, em Sua segunda vinda para os judeus, Jesus será recebido com plena aceitação e honras. Nesta ocasião o cetro não se arredará de Judá – Gn 49.10; os inimigos de Israel deixarão de existir – Nm 24.17; o verdadeiro Legislador estará de posse de seu povo e sobre eles, Ele governará e os povos atenderão a sua voz – Dt 18.15-19.

Jesus Cristo e a Igreja

Podemos alinhar aqui, o que na verdade Jesus deseja que seja realizado na Igreja. Foi justamente para este fim, que Ele atuou na formação de um ministério específico em benefício da Igreja – Ef 4.11-12. Todavia, não vou ressaltar aqui, o que falamos na Teologia Pastoral ou Teologia do Obreiro. Desejo ressaltar aqui, a participação de Cristo na Igreja, produzindo assim, o que foi por Ele estabelecido.

O ministério antes da glorificação

A promessa mais significativa do Senhor Jesus Cristo para o ministério eclesiástico, como para toda a Igreja, está presente em Mt 28.20, ocasião em que Ele promete estar conosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Outra grande promessa está em Jo 14.16-18. Estas promessas são repetidas em Jo 15.26 e 16.7. O Espírito Santo que fez parte integral do ministério de Jesus, não terminaria Sua tarefa com a ascensão do Filho de Deus. Ele, por outro lado, intensificaria ainda mais Sua participação no ministério de Cristo, cuidando da Igreja que Ele edificou.

As características ministeriais

Podemos assim, compreender a grandeza da obra do Senhor Jesus, quando levamos em consideração o que Paulo declarou em Ef 5.23. Após sua ascensão, Jesus confirma todos os projetos da redenção e edificação da Igreja e inaugura o ministério eclesiástico. Este ministério é dividido em “Ministério Específico” e “Ministério Geral”.

O que não podemos deixar de entender, é que Ele formou um corpo que deve Lhe honrar, assim como Ele honrou o Pai. Um paralelo pode ser utilizado aqui, se aceitarmos que em Gn 1.26-27; 2.7 o Pai formou um corpo na semelhança do Filho, porém o corpo não tinha vida. O Espírito Santo veio sobre este corpo e assoprou-lhe nas narinas o fôlego de vida. Em Atos cap.2 Jesus estava formando um corpo, cuja cabeça seria Ele. A cabeça é a Vida, mas o corpo precisava ter vida também. Sendo assim, quando chega o sétimo dia após a Ascensão, o Espírito Santo vem sobre este corpo e assopra sobre ele, e assim nasce a Igreja.

A ação do batismo revelou outro Personagem de inigualável importância para esta obra: O Espírito Santo. É pelo Espírito que as pessoas são conduzidas a Cristo. Agora, a humanidade pode desfrutar de uma vida nova, pois tudo que é necessário para isto já está consumado – Rm 6.4-5.

Outros pontos podem ser evidenciados aqui, que demonstram a grandeza da manifestação de Jesus na ação do ministério da Igreja:

- *Primeiro: Jesus é a Cabeça deste ministério.* É maravilhoso quando conseguimos entender alguns significados das palavras das Escrituras Sagradas. Um exemplo disso está na palavra “cabeça”.⁷ No hebraico o termo “cabeça” é “*Rosh*” e sig. “topo”, “altura”, “chefe”, “frente”, “líder” – (referindo-se a homem, cidade, nação, lugar, família, sacerdote). No idioma grego o termo “cabeça” é “*Kephalé*” e sig. “algo supremo”, “principal”, “proeminente”, “mestre senhor”, “um marido em

⁷ Cf. STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. [Dicionário Bíblico Strong, Hebraico, 07218; Grego, 2776].

relação a sua esposa”, “de Cristo, Senhor da Igreja”. Em Dn 2.32, Nabucodonosor foi posto por cabeça, em relação ao sonho da estátua; Israel foi colocado como cabeça das nações; Jesus é a Cabeça da Igreja – Ef 5.23. O domínio deste ministério está sob sua vontade – Jo 15.16.

Segundo: Jesus é a fonte da estrutura corpórea da Igreja. Em relação à sustentabilidade da Igreja e de tudo quanto criou, a Bíblia define o seguinte: a) Ele é o Autor da criação – Jo 1.3; b) Ele foi até Sua humanização o Autor anônimo da Criação – Jo 1.10; c) Ele estabeleceu o seu próprio templo – A Igreja, para neste templo realizar Sua habitação – At 17.24; d) Os poderes e hostes celestiais, tanto de anjos como de homens foram criados por Ele, e todos os poderes nos céus e na terra, devem estar submetidos a Ele – Sl 33.9; Dn 5.21; Cl 1.16.

Terceiro: Jesus determinou às preliminares do arrebatamento. Quando Jesus finalizou sua obra na superfície da terra, Ele foi para dar início à outra obra, nas partes mais baixas do abismo – Ef 4.7-13. Quando Ele desce a estas regiões inferiores da terra, Ele realiza o traslado daqueles justificados que estavam em uma localização conhecida até então como “Seio de Abraão” – Lc 16.22-23, os conduzindo para as regiões acima do céu cósmico; Ele os levou para um lugar intermediário conhecido como: Paraíso – Lc 23.43; II Co 12.4; Ap 2.7. Esta ação do Senhor Jesus, está plenamente compatível com os acontecimentos futuro, em especial, o arrebatamento da Igreja.

Todo este conteúdo até aqui estudando, nos deportam para os efeitos do trabalho que a Igreja realiza em parceria com o Espírito Santo, mas, cumprindo o que já havia sido anteriormente estabelecido pelo Edificador da Igreja – Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador.

O ministério sacerdotal na Igreja

Em relação a este tema, não são poucos os textos neotestamentários que descrevem a importância e a orientação

quanto à execução deste sacerdócio, tanto na Pessoa e Obra do Senhor Jesus, como de sua Igreja. Em razão de a Igreja ter o Senhor Jesus como seu Sumo Sacerdote, ela pode contar com sua Fidelidade, com sua Graça, com sua Misericórdia e com seu Socorro – Hb 2.18; 4.14-16. A grande maravilha de Hb 4.14-16 está nas ações deste Sumo Sacerdote: *a) Ele é o Grande Sumo Sacerdote; b) Ele é O Filho de Deus; c) Ele penetrou nos céus; d) Ele Se compadece de nós; e) Nele alcançamos – “confiança”, “graça” e “misericórdia”. Aleluia!*

A continuidade do ministério

Mesmo que já tenhamos comentado parcialmente sobre alguns assuntos de natureza profética, ainda devemos nos ater aqui em mais alguns detalhes. O ministério do Senhor Jesus não terminou no Calvário, como já foi frisado anteriormente. Ainda existem outras ações que Jesus está realizando antes e depois de Sua Ascensão aos céus. A vinda do Espírito Santo em At 2, é uma base para a devida continuidade das ações do Senhor Jesus Cristo. Além de Ele interceder junto ao Pai por nós, Ele ainda cuida para que às orações da Igreja sejam devidamente respondidas pelo Pai, desde que seja feita em seu Nome – Mt 21.22; Jo 14.13-14; 15.16; 16.23-26.

Se, os judeus não permitiram que Jesus cumprisse em suas vidas o que realmente Ele desejava, certamente, Ele cumprirá na Igreja. Essas ações do Senhor Jesus em relação a sua Igreja pode ser vista como:

- Ele é o Bom Pastor – Jo 10.11; Hb 13.20; I Pd 5.4.
- Ele é a Advogado – I Jo 2.1.
- Ele é o Maná que desceu do céu – Jo 6.21.
- Ele é a Luz do mundo – Is 60.20; Mq 7.8; Jo 8.12; 12.46;
- Ele é o Legislador – Is 33.22; Tg 4.12.
- Ele é o Autor da salvação – Hb 5.9.
- Ele é o Bispo de nossas almas – I Pd 2.25.
- Ele é a Cabeça da Igreja – Ef 5.23.

- Ele é o Juiz – Tg 5.9.
- Ele é o Mediador – I Tm 2.5; Hb 9.15; 12.24.

Na verdade, não há como listar aqui, todos os títulos que revelam ainda a ação do Senhor Jesus Cristo em função de sua Igreja. Mesmo que estejamos na Dispensação do Espírito Santo, Jesus ainda está conosco, sendo sempre Nosso companheiro Fiel – II Tm 2.13.

Jesus e o futuro da Igreja

Quando falamos de Jesus Cristo e o futuro da Igreja, não há como deixar de iniciar este futuro, relacionando-o com o arrebatamento. Todavia, o marcante deste momento, ou seja, o que o torna tão especial, tão expectativo, talvez seja o que fora dito por Paulo em I Ts 4.13-17. Todavia, a verdadeira confiança na ressurreição deve estar no que foi dito por Jesus em Jo 5.28.29:

não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação.

Observem o detalhe: “*todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz*”! Todos os que partiram desta vida justificados pelo Seu sangue, ouvirão a voz do Senhor Jesus Cristo tirando-as das entranhas das sepulturas e lhes trazendo fisicamente outra vez à vida.

Embora, Jesus declara que haverá dois grupos de pessoas com seus corpos mortos, mas, eles não ressuscitarão simultaneamente. A primeira ressurreição será tão somente para os justificados pelo Seu sacrifício. A segunda ressurreição se dará com os que rejeitaram Seu sacrifício ou aceitaram, mas, não viveram em obediência a Sua Palavra.

Muitos intérpretes das Escrituras arriscam em afirmar que o texto de Dn 12.2 esteja declarando que os justificados no tempo do Antigo Testamento, não serão ressuscitados juntamente com a Igreja. Isso, pelo fato de não terem sido feitos participantes da Nova Aliança. Eles declaram que os justos do Antigo Testamento

ressuscitarão na segunda ressurreição, juntamente com os ímpios, e ali, o Senhor separará as ovelhas dos bodes com relação a esses textos Ez 34.17; Mt 15.24; 25.32-33. Todavia, não é bem isto o que entendemos quanto a Ap 20.6.

Jesus e a ressurreição dos mortos

A ressurreição dos mortos é um assunto bem discutido nas Escrituras, em especial, entre os povos judeus. A primeira passagem bíblica sobre a ressurreição dos mortos é encontrada em Gn 22.5 quando o patriarca Abraão foi oferecer Isaac em sacrifício ao Senhor. Mesmo sabendo que o elemento do sacrifício seria seu filho, ele disse que após o ritual, ele e o menino voltariam. Ou seja, ele cria na ressurreição de Isaac, mesmo sabendo que iria imolá-lo em oferta a Deus.

Uma segunda passagem bíblica muito utilizada nos estudos sobre ressurreição é encontrada em Jo 11.23-25. Neste texto, podemos notar que Marta possuía o conhecimento de uma ressurreição futura. O que ela não sabia, era que, o processo da ressurreição está confinado na ordem de Jesus, pois Ele é o mentor da ressurreição.

Uma terceira observação quanto à ressurreição é bastante destacada em I Ts 4.13-17, onde Paulo faz declarações mais sistemáticas em relação a este acontecimento. Todavia, a confusão que encontramos existente entre os irmãos de Tessalônica, pode ter sido gerada pela falta de informação quanto ao assunto. Destarte que, diante desta ausência de informação, o apóstolo Paulo necessitou dar uma explicação com mais detalhes.

Jesus tem papel fundamental na ressurreição dos mortos. Ele declarou algo que comprova esta verdade bíblica em Jo 6.48-56. O Novo Pacto ou Nova Aliança tem diversas promessas. Entre essas diversas promessas, a ressurreição está entre as mais comentadas. O apóstolo Paulo ao escrever aos irmãos de Corinto, ele faz declarações sobre os elementos sobrenaturais que se darão neste momento, como em nenhum outro texto das Escrituras Sagradas (cf. I Co 15.12-58).

Jesus e o tribunal

Não podemos confundir “Tribunal de Cristo” (cf. Rm 14.10; II Co 5.10) com o “Grande Trono Branco” (cf. Ap 4.2-4; 7.9-10; 16.17; 19.5; 20.11). O Tribunal de Cristo só tem um propósito em ser acionado: a recompensa das obras dos santos. Mas, como se dará tudo isto?

Primeiro, vamos identificar o que realmente significa este tribunal. No idioma grego, o termo “tribunal” é “*Bema*”. Sendo assim, podemos entender que o Tribunal de Cristo se trata de uma ampla plataforma, onde há um trono e o Senhor estará assentado sobre ele. Todos deverão comparecer diante deste trono para receber suas respectivas recompensas, ou seja, galardões.

Paulo faz uma referência óbvia em relação ao Tribunal de Cristo em Rm 14.10, não para amedrontar, mas, sim, para alertar que ninguém ficará fora desta cerimônia. O termo que Paulo usa para “comparecer”, vindo do grego, é “*phonero*” que sig. “ser claramente visto”, “ser explicitamente manifesto ou discernido”. A revelação das recompensas não será algo particular, embora seja pessoal e individual. Todavia, quando Paulo, o apóstolo, escreve aos coríntios ou a Igreja que estava em Corinto, ele diz que “as obras de cada um se manifestará” – I Co 3.13. Mais uma vez, Paulo faz uso do termo “*phonero*”, aludindo a cumplicidade de cada um com seus atos diante do Senhor.

Podemos definir esse assunto analisando alguns detalhes individualmente. Sendo assim, podemos destacar o seguinte:

- a) *O julgamento*. Em conformidade com I Co 1.8 e II Co 5.10 o julgamento não será condenativo, pois não é esta a primária obra de Cristo Jesus, mas, sim, compensativo.
- b) *Qual o tempo deste julgamento?* Esse julgamento acontecerá assim que ocorrer o arrebatamento da Igreja. Embora, este arrebatamento estará cercado de alguns eventos que antecedem o julgamento. Mas, o julgamento segue-se após o arrebatamento.

c) *Quem comandará este julgamento?* No Tribunal de Cristo, será o próprio Senhor Jesus quem estará à frente deste evento. Pois é Ele quem analisará as obras de cada um, e Ele mesmo as recompensará – Hb 11.6.

d) *Haverá condenação pessoal neste tribunal?* Podemos assim afirmar que, a verdadeira objetividade deste tribunal não está em analisar as condições dos que comparecerão, mas, sim, as obras que foram realizadas por cada indivíduo. Em Mt 6.2 Jesus já deixou este assunto bem explicado.

e) *Como ocorrerão as avaliações das obras?* Em se tratando de uma grande multidão e com ações totalmente diferenciadas, estas obras seguirão os seguintes critérios:

- Primeiro, deve-se analisar a intenção que cada um teve ao desenvolver a obra do Senhor. Paulo define esta questão em I Co 4.5.
- Segundo, cada indivíduo deve entender hoje, como a obra do Senhor deve ser realizada. Não podemos fazer a obra do Senhor fora dos padrões já pré-estabelecidos por Ele (cf. Ap 1.3).
- Terceiro, a análise será realizada buscando compreender o que motivou cada cristão em fazer a obra do Senhor. Paulo descreve esta questão em II Co 5.10. Se, agimos em benefício do Reino de Deus, porém, os métodos não são adequados em conformidade com a Palavra do Senhor, isto pode ser avaliado negativamente.

f) *Quais são as classificações destas obras?* As classificações destas obras são manifestadas em harmonia com a Palavra do Senhor:

1. Em I Co 3.12 Paulo classifica as obras como sendo – ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha. Esses tipos de materiais são simbolismos das intenções de cada um. Cada cristão verá se seus trabalhos foram motivados para glória do Senhor ou para suas próprias glórias.

2. O ouro é um simbolismo das coisas espirituais ou celestiais, que possuem suas naturezas em relação à natureza de Deus. Toda obra que tem a característica de ouro, são as que estão sendo realizada em parceria com o Espírito Santo – Jo 3,21; 15,4-5; Gl 5,22-23.
3. A prata é outra simbologia da redenção do homem. Jesus pagou o preço de nossa redenção, porém, Ele foi vendido por trinta moedas de prata. Se a prata reflete-se na graça redentora de Cristo, toda obra que for realizada em função desta graça, ou seja, da gratidão do crente pela salvação que lhe fora dada, receberá sua devida recompensa (cf. I Co 15,10; Fp 2,13; Cl 2,6).
4. Pedras preciosas são simbolismos das ações que procedem da Pessoa do Espírito Santo. É aceito que estas pedras estejam se referindo aos adornos espirituais que o Próprio Espírito Santo confere aos santos do Senhor – Jo 17,22; I Co 2,1-5; Rm 14,17.
5. Em relação à madeira, a própria Bíblia faz alusão a este material como símbolo da natureza humana. Ou seja, as obras que são realizadas e identificadas como madeira, são aquelas obras que buscam o crescimento da honra somente dos homens. Não é importante trabalharmos muito na Seara do Mestre, se a intenção não for conduzir a glória para Ele – I Co 10,31.
6. Em relação ao feno, ou seja, ao capim seco, estas obras não interessam ao Senhor. Em Is 15,6 e 51,12 podemos definir que todo aquele que realizada a obra do Senhor atraídos por dinheiro, por fama, por elogios, por popularidade, por destaque, infelizmente, suas obras não suportarão ao olhar de justiça do Senhor.
7. A palha é uma característica de alguém que não possui conteúdo. Na sega a semente do trigo é separada da palha. A palha não possui firmeza. A palha não possui resistência. Aqui, encontramos pessoas que são facilmente conduzidas

por ventos de doutrinas. Pessoas que não são sustentadas por convicções. Tudo que elas fazem, não germina, não produz fruto, pois não há o essencial: a vida interna. Suas obras já são reprovadas ainda nesta vida. No tribunal de Cristo, só serão confirmadas às devidas reprovações – (cf. Sl 1.4; Jó 21.18; Os 13.3; Jr 23.28; Ef 4.14).

É importante lembrar que estamos diante dos olhos do Senhor Jesus Cristo. Ele acompanha cada detalhe de nossos movimentos, sempre buscando pelo Espírito Santo nos orientar onde e como devemos corretamente andar e nos comportar. Sendo assim, deveríamos levar mais em consideração o que está escrito em Hb 12.1-2.

Jesus e o governo eterno

Embora, já mencionamos algo bem parecido com o “Governo de Cristo” que se dará no tempo da Dispensação do Milênio. Aqui, iremos abordar algumas características deste governo. Não podemos jamais entender que este governo será semelhante aos governos históricos ou o que vemos no presente. O governo de Cristo terá características bem diferenciadas:

- ▶ *Primeira diferença* – Este governo será repleto de bondade – Êx 15.18; Sl 33.5; 145.7.
- ▶ *Segunda diferença* – Este governo será próspero e crescente –
- ▶ *Terceira característica* – Este governo será de justiça, de paz e de alegria – Rm 14.17.
- ▶ *Quarta característica* – Neste governo, a vontade do Pai será feita aqui na terra – Mt 6.10.
- ▶ *Quinta característica* – Este governo será marcado pela ausência da morte – Rm 5.21; um governo acessível – II Pd 1.11; um governo absoluto – Ap 11.15.

Neste tempo todos conhecerão o Senhor – Jr 31.34 e não haverá qualquer dificuldade que possa levar um servo do Senhor, seja de que povo tenha sua origem, ter um momento de tristeza, de

decepção, de agonia, de fraqueza. O reinado do Senhor Jesus Cristo será marcado pela perfeição que Ele desejou na vida de Adão e que foi interrompido pela presença do pecado.

A Glorificação do Filho de Deus

A glorificação do Filho de Deus é o estágio final de todas as coisas relacionadas a Seu ministério redentivo. Embora, vamos encontrar o texto de Jo 17.5 declarando que Ele já anelava por esta restauração. O que podemos aprender aqui, quanto ao estado de glorificação do Filho de Deus?

a) *Primeiro* – A glorificação finaliza todos os atos redentivos do Senhor, em relação ao plano de salvação da humanidade caída.

b) *Segundo* – A glorificação de Cristo Jesus veio tornar-se uma doutrina, pois este estado está relacionado com a glorificação também da Igreja. O ato redentor do Senhor Cristo Jesus, não foi somente para nos perdoar os pecados, mas, também, para nos colocar em estado de perfeição. O homem vive em estado de vergonha (queda), mas em Cristo, ele viverá em estado de glória (Restauração à comunhão com o Criador).

c) *Terceiro* – A glorificação de Cristo Jesus, também permitirá que os salvos por Ele, possam ter acesso a presença do Pai e do Espírito Santo – Jo 14.6. Neste estado, o homem redimido poderá ver a Trindade assim como ela é – I Jo 3.2.

d) *Quarto* – A glorificação do Filho permitirá que o Pai também seja glorificado – Jo 13.31; 15.8. A verdade da glorificação do Pai está naquilo que o Filho fez, e que não foi feito por Adão. Se, Adão deixou o Pai entristecido, Jesus veio ser Sua alegria maior – Mt 3.17; Lc 9.35.

e) *Quinto* – A glorificação do Filho de Deus foi revelada parcialmente no Antigo Testamento – Sl 24.7-10, assim como também no Novo Testamento – At 1.9-11. Mas, será na sua

plenitude, quando Ele vier nas nuvens dos céus – Sl 102.16; Is 2.19-21; Mt 25.31; Lc 9.26.

O que seria da humanidade, se este Ser Maravilhoso, cheio de amor e bondade não se importasse com ela. Foi por puro amor, por pura bondade, por imensurável misericórdia, que Ele deixou tudo em cima nos céus, para vir resgatar o homem. O que Ele deseja saber, é se o homem está disposto a deixar tudo aqui em baixo, para viver as maravilhas que Ele preparou para os salvos, nas mansões celestiais.

Conclusão

Em todo o tempo da história da humanidade, o Criador deixou um legado para o homem, com o desejo de que este pudesse viver além daquilo que é visto na terra. Todavia, nem sempre o homem se posicionou com atração a este legado. O que estudamos nesta lição, vai além de tudo que a humanidade pudesse esperar do Criador. Seu Filho, vivendo todas as agruras do mal, só para dar ao homem a liberdade de poder viver: aquilo que os olhos não viu, os ouvidos não ouviu, e que não subiu ao coração dos homens. Tudo isto está guardado para ser revelado para os que declararem seu amor por Ele – I Co 2.9.

Louvor e Adoração

Uma prática pessoal do Cristão

Nesta introdução, devo dizer aos alunos, que me sinto extremamente grato ao Senhor, por ainda poder fazer parte do grupo daqueles que se preocupam com os critérios litúrgicos da Igreja. Entre tudo que percebemos que a liturgia exige dos cristãos, o Louvor e Adoração fazem parte primária e que não pode ser praticado de qualquer maneira. Mas, como realizar algo de forma correta, se não existir a correta informação? É justamente pensando nisso, que estamos aplicando esta matéria aos nossos alunos da ETEB: Louvor e Adoração.

O significado de Louvor

Antes de qualquer coisa, é importante olharmos para o louvor à luz da Bíblia e não sob a óptica da música. Somente assim, conseguiremos entender o que é louvor; qual é sua essência, sua substância, sua verdadeira natureza. Deveríamos responder a nós primeiro o que é, ou, em que consiste o verdadeiro louvor? O que realmente envolve o louvor? Louvor ou louvar caracteriza-se a mesma coisa: declarar algo positivo a cerca de alguém ou de alguma coisa. Todas às vezes que existir a transferência de um elogio, de uma admiração, ou um aplauso, está em destaque o significado de louvor.

Antes de continuarmos o desenvolvimento deste assunto, me sinto na responsabilidade de destacar os valores etimológicos

da palavra: Louvor. O que realmente significa louvar? A palavra: “louvor” tem sua origem no idioma hebraico. Em conformidade com o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, o louvor pode ser entendido da seguinte forma:

‘esta raiz conota as idéias de estar sincera e profundamente agradecido e de estar satisfeito em elogiar alguma (s) qualidade (s) superior (es) ou grande (s) feito (s) os objeto da ação’. Seus sinônimos são *yādā* (hifil), ‘louvar, dar graças’; *rānan*, ‘cantar ou gritar de júbilo’; *shir*, ‘cantar (louvares)’; *bārak* (piel), ‘louvar, bendizer’; *gādal* (piel), ‘engrandecer’; *rān* (polel), ‘exaltar’; *zāmar* (piel), ‘cantar, tocar, louvar’ – que devem ser todos consultados. Quanto a cognatos, ver o acadiano *alālu*. 1. *Atlalu*, ‘gritar, vangloriar-se’; 2. *Šululu*, ‘cantar, aclamar, gritar, demonstrar alegria’.¹

Todos esses termos hebraicos relacionados com a música cantada vindo do “*halal*” e que são encontradas mais de 160 vezes no Antigo Testamento, tendo como raiz a palavra “*Haleluiah*”, que por sua vez, é uma forma reduzida do termo: *YAHWEH*. *YAH* (aquele que faz as coisas serem) – Ed 3.10-11; II Sm 6. Esse termo está relacionado ao verbo hb. “*HILEL*” que significa “louvor”, vindo do Piel, tornar-se uma construção que indica o intensivo, que na segunda pessoa do plural do imperativo é *HALELU* que junto ao termo *YAH*, indica *HALELUYAH*, ou seja, “louvado seja *YAH*” que no português é “Louvai ao Senhor” ou “Louvai a *YaHWeH*”. Por esta razão, não se devem dizer “Aleluias” colocando o termo no plural, pois assim, seria uma solicitação a “louvai aos senhores” e não “Louvai ao Senhor”. O termo *ALELUIA* é singular e não plural. Com as informações aqui citadas, já temos uma prévia noção de que o louvor desenvolve atitudes, emoções e reações na vida de quem louva como também, em quem recebe o louvor.

Ainda nos detendo na palavra – louvor, vamos analisar como esta palavra é definida no idioma grego. Os termos gregos para louvor são:

a) *Eulogeo* – “louvar, celebrar com louvores”, “invocar bênçãos”, “consagrar algo com solenes orações”;

¹ HARRIS, R. Laird; JÚNIOR, Gleason L. Archer; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1 Ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1998, p. 357.

b) *Eulogia* – “louvor”, “enaltecimento”, “gradidão a Cristo ou Deus (Pai)”;

c) *Eucharisteo* – “ser grato”, “sentir gradidão”;

d) *Eucharistos* – “grato”, “agradecido”;

Enfim, devemos sempre ter em mente, que o ato de louvar deve sempre estar relacionado com a gradidão, ou pelo Senhor, ou por alguém que nos abençoou, mesmo sem que venhamos merecer.

Conceitos de Louvor

O louvor deve estar sempre em nossas vidas como algo que nos move, nos direciona a alguém (cf. Pv 31.30; I Co 4.5) ou, em especial, ao Senhor – Sl 138.1. Em nossas liturgias, o louvor deve sempre ser visto como um elemento que possibilita os primeiros acessos dos crentes a presença do Senhor. O louvor é como uma ponte que conecta os crentes a Deus, independente das circunstâncias. Mas, nem todos conhecem o verdadeiro sentido ou significado do louvor. Então, serão apresentados aqui alguns exemplos:

1) O louvor tem a representação de um elogio, de alguém que está expressando admiração a alguém ou a algo.

2) O louvor pode ser entendido como uma forma de revelar um sentimento de profunda reverência. Em se tratando de louvor na liturgia da Igreja, esta reverência deve estar direcionada ao Senhor.

3) O louvor também pode ser uma maneira de o cristão se prostrar diante daquele que ele deseja enaltecer, engrandecer, declarar íntima gradidão.

O louvor vem fazendo parte da ação do homem diante de Deus, ou diante de pessoas que são vistas dignas de méritos. Isso acompanha o homem desde o princípio da criação – Lv 22.29; II Sm 22.4,50; I Cr 16.27; Sl 47.6; 109.1; Pv 27.21; Is 42.12; Jr 49.25; Ef 1.6,12-14; Fp 1.11.

Podemos então definir que o louvor é uma ação ou um ato de elogiar, um ato de glorificar, um ato de exaltar ao Senhor por tudo que Ele fez, e pelo que Ele faz e, por tudo que Ele ainda fará, não somente em nossas vidas, como também nas demais vidas que Lhe servem no seio da Igreja. Assim como Ele faz, nós devemos também tudo fazer para glória de Seu precioso Nome – I Co 10.31. O salmista tem uma forma magnífica de aludir ao louvor diante dos homens e diante do Senhor, quando ele diz: Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome – Sl 103.2.

O Significado de Adoração

A adoração também está intrinsecamente ligada à liturgia da Igreja. Mas, como saber diferenciar o louvor da adoração? Ou, será que a adoração e o louvor não são atos diferentes? Bem, podemos definir aqui, que louvar e adorar são ações extremamente diferentes. Então, vejamos o que realmente significa adoração:

Hb. (*sāgad*) – prostrar-se em adoração. (Empregado somente em Is 44.15,17,19; 46.6). Um verbo comum em aramaico e possivelmente um empréstimo linguístico em hebraico. Parece que a palavra indica uma posição de prostração na oração. O árabe *masğid* significa ‘mesquita’.²

Outras definições em hebraico são:

A) Hb. “*sgid*” – “adorar”, “prestar homenagem”. Usado com referência a Deus, ídolos e pessoas. Usado com o hebraico *sāgad*.³

B) Hb. “*hāwá*” – “prostrar-se”, “adorar”. Em seu sentido original o verbo significa prostrar-se no solo, como em Neemias 8.6, “adoraram” (ARC, ARA), porém mais corretamente “prostraram-se” (como na BJ), como é exigido pela expressão ‘*ārtsá* (“até o solo”).⁴

Diante destas observações do idioma hebraico para a palavra “adoração”, podemos entender que o ato de adorar, pode ser

2 HARRIS, R. Laird; JR, Gleason L. Archer; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento...* Op. cit., p. 1027.

3 *Ibidem*, p. 1715.

4 *Ibidem*, p. 434.

direcionado a Deus, como também a homens, e até às imagens. Todavia, diante da revelação bíblica, o homem só deve ou deveria se prostrar-se em adoração diante do Verdadeiro Deus.

Definições de Adoração em Grego

Segui aqui alguns dos termos da adoração em grego, pois não são poucos os termos que este idioma reserva para a adoração:

A) *Metanoia* – Esta palavra é uma composição de dois termos gregos: “*meta*” que sig. “além ou depois” e “*noéu*” que sig. “mudança de mente”, “compreensão”. Sendo assim, podemos entender que “*metanoia*” é uma atitude pessoal de quem se arrepende e volta a atrás de algo. Em nosso caso, nossa conversão ao Senhor é em si, um ato de adoração.

B) *Latréia* – Esta é uma palavra que tem sua origem no idioma grego e nos trás a idéia de quem serve. Aliás, o termo “*latréia*” significa “servir”. Quando o homem deixa de servir ao pecado e passa a servir ao Senhor, ele está realizando um ato de adoração.

C) *Leitourgia* – Mais uma palavra composta de dois termos gregos: “*lós*” que sig. “povo” e “*érgon*” que sig. “trabalho”, “esforço”. Desta palavra vem o tremo “liturgia”. Embora a palavra “liturgia” esteja definida na ação de realizar ou fazer. O termo “liturgia” é a composição do grego “*leitos*” (que sig. público) e “*érguein*” (que sig. fazer). Ou seja, quando o povo está fazendo algo direcionado ao serviço do Reino de Deus, este povo está em processo de adoração. Pois está inclinado diante do Senhorio do Eterno Deus, servindo-Lhe e reconhecendo Sua grandeza.

Todos que servem ao Senhor na igreja, de forma direta ou indireta, estão realizando um verdadeiro trabalho ou serviço (*leitourgia*) – II Co 9.12-13. A ação de servir uns aos outros, impulsionados pelo: ágape de Deus está realizando uma (*leitourgia*) – At 13.2.

Demais definições de adoração

Insistir neste assunto é fator crucial para o entendimento do aluno, no que diz respeito à adoração. Não são poucos os métodos de adoração que devem ser estabelecidos na Igreja na forma de instrução pelos líderes. Poucos servos do Senhor entendem que servir a Deus ou servir aos membros da Igreja faz parte do culto racional (Gr. *logikem* e que sig. “razão, entendimento”). Sempre levando em consideração que a palavra *latréia* está relacionada a cultuar, adorar.

Todos que foram chamados para servirem ao Senhor, seja na área ministerial como na geral, deveriam dar total dedicação a Deus, usando para isto, toda sua potencialidade, sua capacidade, sua inteligência, sua experiência com dedicação ao Senhor que é Absoluto-Soberano dos Céus e da Terra (*Theóphoros* – *Théos* = Deus e *Phoros* = sustentado ou morada. Sendo visto assim, a definição de *Theóphoros* e “Sustentado por Deus”). Os servos do Senhor no passado entendiam que o Espírito Santo residia neles e isso os levava a crer nas suas sustentações. Desta forma, eles reconheciam a “graça” e o “amor” do Senhor, e experimentam esta dádiva na adoração.

Quando analisamos os Escritos Sagrados, passamos a entender de forma mais óbvia, mais clara, o verdadeiro significado de adoração. A adoração sempre estará vinculada ao culto, que é uma resposta que damos diretamente a Deus, reconhecendo Sua Magnitude. Além de fazermos declarações diretas quanto a seus Atributos Morais: Santo, Justo, Amoroso, Soberano, Misericordioso e Imutável (cf. Sl 96.9; Ap 4.8-II; 7.II-12; II.16-17). Devemos sempre levar em consideração que a Bíblia é bem enfática em declarar sua reprovação quanto ao ato de adorar seres como:

- *Primeiro* – Anjos: Os anjos não foram criadores para serem adorados. Por mais que os homens respeitem, admirem ou desejam ver suas manifestações. Os anjos são seres criados para servirem aos que herdarão a salvação – Hb 1.14. Na verdade, os anjos são seres adoradores – Sl 148.2; Hb 1.6; Ap 7.II; 22.8-9.

- *Segundo – Demônios.* Os demônios em si, buscam receber adorações de forma direta e indireta. Mas, nenhum deles deseja tanto a adoração igual ao Diabo. Ele já deixou bem explícito que carece de adoração – Lc 4.7-8; Ap 9.20; 16.2.
- *Terceiro – Homens.* Esta é uma terceira classe que não deveriam ser adorados, mas, pelo fato de muitos não entenderem o que realmente significa adoração, acabam por cometerem este pecado. A Bíblia é categórica em afirmar que não devemos adorar aos homens – Dn 3.12; At 10.25-26.

Olhando para o que fora dito por Jesus em Jo 4.23, podemos entender que existem os verdadeiros adoradores, e que, sendo assim, há também os que são falsos adoradores – Mt 15.9; Mc 7.6; Jo 4.22; Ap 19.20. Mas, os que aprenderam a verdadeira adoração, sabem diante de quem devem estar prostrados.

A adoração deve vir de forma voluntária diante do Senhor. Deus não fez o homem já adorador. Sendo assim, esta adoração deve ser o resultado da gratidão pelos atos que o homem recebe daquele que age em seu benefício. Todos nós temos diversas razões para nos inclinarmos diante do Senhor e adorá-lo. Mas, nem todos entendem desta maneira, por esta razão, temos muitos cultuantes e poucos adoradores.

A música e sua história

Quando iniciamos um estudo histórico, principalmente com a relação à música, o texto bíblico mais sugerido para isto é Gn 4.21. Nesse texto o autor define: “O nome de seu irmão era Jubal; este foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta”. Ante de darmos seguimentos aos pontos históricos da música, vamos nos ater aos significados de alguns termos neste texto bíblico.

- *Primeiro: O significado de Jubal.* Esse nome masculino tem origem hebraica e significa “um riacho”, “um córrego». Ou seja, o início de um grande rio, sempre está em uma pequena fonte ou em um suave e raso córrego.

- *Segundo: O significado de Pai.* Em hb. “aba” ou “abba” é um vocábulo que sig. “pai”. Esta palavra está ligada diretamente a alguém que assume a condição de um genitor. Ou seja, de alguém que deu origem, ou que gerou. Sendo assim, podemos entender que Jubal é o genitor ou originador de todos os que são destacados com o dom ou técnica de tocar instrumentos de cordas e de sopro.
- *Terceiro: O significado de Harpa.* Uma antiga tradição, tanto dos Celtas como dos Caldeus, defendiam que a harpa era um instrumento dos deuses que ao ser tocado, adormecia ou acalmava os que lhes ouviam. Os gregos defendiam que a harpa era um instrumento usado pelos anjos. Todavia, a palavra harpa tem sua origem provavelmente pelo tanger da corda do arco do caçador. A evolução do uso da harpa registrado pela história, remonta por volta de 3000 mil anos a.C., nas regiões do Oriente Médio e Egito.
- *Quarto: O significado de Flauta.* Embora seja apenas um tubo que contém algumas perfurações, a flauta é em si, um instrumento que tem atraído admiração em vários povos e por muitas gerações. Não há como se ter uma orquestra completa, se faltar à flauta.

Contexto histórico da música

Não podemos entender a história da música se negarmos sua origem nos céus. Para alguns comentaristas da Bíblia e em conformidade com alguns dicionários bíblicos, a música teve sua iniciação e originalidade nas regiões celestiais. Com isso, eles afirmam que a música foi criada pelo Senhor, e adornava a adoração dos anjos diante do Deus Todo-Poderoso – Jó 38.7. Alguns pontos aqui podem ser destacados:

- *Primeiro: A administração do louvor.* É aceito que o louvor nos céus, ou seja, a música que fazia parte do louvor a Deus era administrada pelo anjo que a Bíblia descreve como – “*Querubim Ungido*”. A Bíblia Hebraica quanto a Septuaginta,

faz referência a este ser, denominando-o como “Lúcifer” (cf. Ez 28.14). Este líder dos anjos precisava estabelecer a administração da música, levando esta a direcionar honra e glória a Deus. A Trindade era adorada de diversas formas e uma delas era através da música.

- *Segundo: Significado do nome de Lúcifer.* Em primeiro lugar é necessário identificar a categoria deste anjo. Ele é visto como pertencente da classe dos “Querubins”. Lúcifer foi colocado em relação aos demais anjos, em uma posição de alta excelência. O altar da adoração deveria ser mantido acessível e ele era a pessoa responsável para isto. A palavra ou termo Lúcifer tem sua origem no Latim – Lux que sig. “luz” e Ferre que sig. “fazer”, “produzir”, “carregar”. A etimologia de “Lúcifer” traz a idéia de um ser que “portava luz”, ou seja, o portador do “archote”. Esta palavra define que este ser carregava a luz. No hb. “*Heilel Bem-Shachar*”. Era assim chamado, pois “*heilel*” sig. “Vênus” e “*bem-shachar*” sig. “o luminoso, filho da manhã” (cf. II Pd 1.19; Ap 22.16).

- *Terceiro: Quem são os querubins.* Os querubins são seres apresentados pelas Escrituras Sagradas, na forma de seres cheios de “poder e majestade”. Esses anjos vivem em torno do Trono de Deus – Sl 99.1. O termo “querubim” tem sua origem no idioma hebraico. Em hb. “*keruv*” singular e “*keruvim*” no plural. Nas Escrituras esses anjos fazem parte de uma larga lista de atividades: Gn 3.24 eles foram colocados na parte Oriental do Jardim, sendo esta a primeira vez que esses seres aparecem nos textos bíblicos com a identificação de Querubim. Além de a Bíblia nos mostrar detalhes físicos desses seres (cf. Êx 25.20; Ez 1.5-8; 41.18-19).

Na atualidade, após ter ocorrido a fatalíssima rebelião dos anjos, esse ser angelical passou a responder pelos títulos de Diabo e Satanás. O termo Diabo do Gr. “*Diabolós*” que sig. “acusador”. De este ser agora, a única coisa que se pode esperar é as consequências que a humanidade viveu e continua a viver: distanciamento de Deus, mortes criminosas, o inocente sofrendo as agruras do criminoso, o

mal convivendo com o bem, a vida limitada pela morte, o criminoso defendido e o inocente acusado.

Outro título que este ser adquiriu foi “Satanás”. Este termo tem sua origem no hb. “*Shai'tan*” e sig. “adversário”. Ele tem sido o adversário do Senhor e inimigo dos homens. A primeira coisa que ele deseja roubar do Senhor é a adoração e o louvor, que o homem precisa e deseja direcionar a Deus. Como Demônio, eles são os perturbadores da humanidade. É bom lembrarmos que os gregos chamavam os deuses de pequena classe de demônios. Porém, eles entendiam que, mesmo sendo “deuses menores” eles eram mais poderosos que os homens.

O que significa música?

Em primeiro lugar, devemos entender que música e louvor são dois elementos bastante distintos. Enquanto louvor é uma ação que compromete “elogios” a música é em si, uma “arte” que pode combinar sons e letras de diversos gêneros. Sendo assim, uma pessoa pode louvar sem usar da música, como pode usar da música sem declarar nenhum louvor. Neste caso, em se tratando do Senhor.

Mas, como posso entender melhor a questão da música? Como fazer para avaliar os efeitos que a música pode gerar em uma pessoa? Será que a música pode alterar o comportamento psicológico de um indivíduo? Bem, para que estas interrogações possam serem todas respondidas, a melhor coisa a ser feita é investigar mais de perto sobre a questão da música.

1 - Primeiro: A divisão da música. Uma análise mais sistemática em relação à música, podemos dividir esta arte em três partes:

a) Sua melodia – a melodia da música deve ser vista sob o ponto de uma combinação que comporta diversos sons. Este som pode ser detectado sob a forma de à capela ou através de um instrumento musical;

b) Sua rítmica – a rítmica de uma música é detectada quando um conjunto de sons é utilizado simultaneamente. Não

há como evitar a presença da rítmica na música, pois ela movimentamos nossos pontos emocionais, nos levando agir em acompanhamento corporal;

c) *Na sua harmonia* – esta é a parte mais rica da música: sua harmonia! A harmonia da música só é possível, se houver uma verdadeira combinação de sons. Esta harmonia é brevemente detectada, em especial, quando alguém faz uso de um instrumento que distribui mais que uma sonorização.

2 - *Segundo: O som e sua propriedade.* Aqui está mais uma das qualidades da música: sua propriedade sonora. Mas, como entender se a sonorização da música está correta? Bem, temos quatro pontos básicos para isso.

a) *Seu timbrado* – o timbrando é em si, a qualidade ou o tipo de som que está fluindo no momento em que a música está surgindo;

b) *Sua altura* – Esta forma de identificar a propriedade da música não está em seus decibéis, mas, sim, no distanciamento entre o que é conhecido entre “grave”, “médio” e “agudo”;

c) *Sua intensidade* – neste caso a forma de detectar a intensidade de um som, é mais provável quando o instrumento é de sopro ou eletrônico;

d) *Sua duração* – Esta duração é conhecida quando a nota musical é estendida a um som longo ou quando é reduzida a um som curto.

3) *Terceiro: Sua composição.* Não são poucos os motivos ou razões que conduz um músico à sua própria composição. O que mais é exigido aqui, ou visto como maior critério é se o músico possui este talento ou uma devida inspiração. A criação ou composição de uma letra ou de sua melodia, nunca deve ser realizada com certo tipo de apreensão, ou seja, agir e maneira obrigatória ou forçosamente. Tudo deve fluir de maneira o quanto mais natural.

Após termos as noções básicas sobre o que é a música, resta-nos mais uma vez falarmos sobre o que realmente é um louvor. Aqui, podemos desenvolver uma idéia de louvor na música. Bom, de imediato, já devemos saber que, tanto a música quanto o louvor são elementos distintos e intransponíveis.

A música no Antigo Testamento

No AT encontramos um ponto que deve ser observado: Jubal teve um irmão, e seu nome foi Jabal, que em Gn 4.20 declara que ele foi o pai de todos os que habitam em tendas e criam gados. Com isso, podemos definir que ele o genitor dos “pastores de gados e ovelhas”, levando-nos a acreditar que Moisés pode ter sido influenciado por esta técnica através desta raiz. Na verdade, os pastores de gados eram em si, voltados também para a música. Quando entendemos alguns detalhes sobre a vida e ministério de Moisés, damos mais atenção a alguns detalhes que até então não tinham certas importâncias. Um exemplo:

- Miriam cantou um cântico que ficou eternizado nas Escrituras Sagradas. Com sua atitude, ela conseguiu atrair várias mulheres para agir como ela estava agindo. A verdadeira adoração é atraente, é contagiante.
- Moisés compôs um salmo que está eternizado na Palavra de Deus. Esta atitude do Legislador de Israel, até hoje fala aos corações dos da humanidade. Nada é mais conservável que uma ministração sob a orientação do Espírito Santo.
- Os filhos de Israel tinham festas e com suas festas havia os cantores e tocadores. Quem ensinou esse povo a tocar e cantar? Provavelmente, Moisés. Atrás de cada ferramenta, sempre haverá um grande profissional. Sempre atrás de uma grande igreja, sempre haverá um excelente líder.
- Moisés ao ser conduzido pela filha do Faraó, sendo adotado como filho, recebeu toda educação na cultura egípcia. Para os egípcios, a música era algo inseparável na formação de um nobre da corte.

- O primeiro contato que Arão teve com Faraó relacionado à saída dos hebreus das terras egípcias, foi para que eles pudessem ir ao deserto e celebrar uma “festa” ao Senhor. Ou seja, não há festa, se não houver trabalho (leitourgia ou adoração) e música (louvor) – Êx 5.1.
- Provavelmente, Moisés poderia ser uma espécie de “mestre da música”, capacitado para conduzir o povo a louvar e adorar ao Senhor (cf. Êx 15.1-21; Nm 21.17-18; Jz 5.1-31; I Sm 18.6-7).
- Ao conduzir a Arca da Aliança para Jerusalém, Davi mandou que os tocadores e cantores fossem todos disponibilizados para tocar e cantar, quando a Arca entrasse na cidade – I Cr 15.12-22.
- Provavelmente um coral formado de uma orquestra com aproximadamente quatro mil componentes, cantaram louvores em adoração ao Senhor quando Salomão foi ungido rei de Israel – I Cr 23.5.

Está mais que confirmado que o Senhor estabeleceu a música, os louvores e adoração ao Seu Santo Nome, desde tempos infinitos até os dias hodiernos. A Bíblia confirma esta verdade de Gênesis até Apocalipses. O viável é que as pessoas que são separadas pelo ministério da Igreja, para fazerem parte de todos e quaisquer grupos de louvor, que tenham um breve conhecimento sobre o assunto de louvor e adoração à luz das Escrituras.

A música no Novo Testamento

Não são poucos os eventos no Novo Testamento que está relacionado à música. Podemos realizar aqui uma listagem desses eventos, e assim então, perceberemos o quanto a música faz parte da natureza e harmonia da humanidade.

- *Primeiro: Maria e Izabel.* Em Lc 1.41-55 encontramos um cenário onde duas mulheres com idades extremamente diferentes, vivenciando um evento plenamente sobrenatural. Diante deste acontecimento, tanto Izabel quanto Maria,

ambas é possuída de tal alegria imensurável que elas iniciaram pelo Espírito Santo uma sequência de adoração em forma de louvor, e tudo indica que ambas cantavam o que profetizavam acerca do menino Jesus.

- *Segundo: Os anjos.* Em Lc 2.11-14 temos mais um cenário relacionado ao nascimento de Jesus Cristo. Nesta ocasião, após os pastores serem informado do nascimento do menino e o local deste nascimento, um coral inumerável de anjos são vistos nos céus, louvando ao Senhor com cânticos, cumprindo assim o que está escrito em Sl 148.2; Hb 1.6.

- *Terceiro: Jesus na Ceia.* Em Mt 26.30 Jesus está finalizando o ritual que culminou com a realização da Nova Aliança. Após Ele e seus discípulos terem comido a Páscoa (*Pessach*), eles cantaram um hino (*Halel de Pessach*), ou seja, um Hino de Páscoa que poderia ter sido o Sl 113 ou 118.

- *Quarto: Jesus no Calvário.* Em Mc 15.34 Jesus sentiu algo que não havia sentido ainda como homem: A ausência da presença do Pai. Nesta ocasião, onde se finalizava Sua oferta pelos pecados dos homens, Jesus faz referência a um salmo: Sl 22.1. Não ousamos dizer aqui que Jesus cantou este salmo estando rendendo o Espírito ao Pai, mas, não podemos negar que sua melodia não estava em sua mente.

- *Quinto:* Em At 16.25-26, tanto Paulo como Silvano (ou Silas) estava em uma prisão na Cidade de Filipos. O texto define que, se aproximando da meia noite (*lembrando que os judeus não utilizam desta medida de tempo. Se fosse os judeus, certamente o texto diria: “e chegando ou se aproximando da terceira vigília”*) iniciam o cântico ou uma seção de cânticos, e algo extraordinário acontece: as portas do cárcere se abrem e as paredes caem por terra.

- *Sexto: As liturgias.* Em Cl 3.16 e Ef 5.19, o apóstolo Paulo faz uma breve recomendação aos irmãos que não deixem de realizar as liturgias. Porém, que nas liturgias, não venha faltar os cânticos. Os que se reuniam para cultuar ao Senhor eram

plenamente instruídos a adicionar a música nas reuniões dos santos.

Com estas observações feitas até aqui, não temos dúvidas de que a música possuía um papel de destaque entre os povos antigos, tanto no Antigo, como no Novo Testamento. Hoje não é diferente. A música tem sua entrada cativa nas reuniões dos santos do Senhor. Não há uma denominação eclesiástica que não faça uso da música em suas liturgias.

Os Efeitos da Música

Seja quem for que esteja ouvindo a melodia de uma música, não pode negar que ela desperta algum sentimento, ou seja, uma reação no seu setor emocional. Todas as pessoas, desde seu nascimento até o final de seus dias, são atraídas pela música. Isso, por que a música tem em si, um poder de persuasão indelével. Ela pode gerar emoções positivas, como também, negativas. Vejamos alguns pontos relacionados a isso:

Emoções ou sentimentos positivos

Em conformidade com alguns especialistas no assunto, a música pode despertar diversos tipos de emoções em uma pessoa. Entre estas emoções, encontram-se: alegria, relaxamento, sonhos, ansiedade, animações. Mesmo com todas essas variedades emocionais, a música é algo que assume uma importância vital na vida do ser humano. Existem os que fazem da música um aparato de meditação; outros não conseguem deitar e dormir, sem que para isto esteja ouvindo uma música; existem os que, ao se levantar, a primeira coisa que faz é buscar ouvir uma música.

A Bíblia nos declara que nas ocasiões em que Davi estava diante do rei Saul e ele era atormentado por espíritos malignos, a única solução para que ele pudesse ser tranquilizado, era Davi tocar sua harpa – I Sm 16.17-23.

Emoções ou sentimentos negativos

Não era para ser assim, mas, a música tem a potencialidade de gerar sentimentos negativos em uma classe de ouvintes. Entre os conceitos que são aplicados a música, encontramos o “melancólico”. A música melancólica é geralmente assim definida, simplesmente pelo fato de poder gerar sentimentos de tristeza, nostalgia, monotonia. Algumas pessoas são estimuladas a fazer algo incomum, simplesmente, pelo fato de estar realizando alguma atividade ouvindo uma música. O exemplo disso, podemos destacar aqueles que excedem em velocidade no trânsito, justamente pelo fato de estar ouvindo uma música que o motiva a isso. Existem os que criam projetos de vingança, relacionado à emoção negativa que a música está gerando na ocasião. Outros criam conceitos de inferioridades, dependendo de o que a música está lhe fazendo rememorar. Mas, o que ninguém pode e consegue provar, é que a música é algo inseparável do ser humano. Seja positiva ou negativa, a música tem uma capacidade ativa de marcar a vida do ser humano, seja em que ocasião ou circunstância que for.

A Bíblia e os Instrumentos da Música

Neste ponto de nossa matéria de Louvor e Adoração, iremos observar os instrumentos que a Bíblia nos informa que eram usados no passado e que ainda são vistos nas liturgias da Igreja. Muitos fatos bíblicos são comprovados pelas descobertas da arqueologia. Esta ciência que busca desvendar os segredos do passado através de achados tem sido muito importante no que diz respeito aos assuntos discutidos em relação à Bíblia. Destarte que, não são poucos os achados que comprovam a ligação dos instrumentos e a liturgia em diversos povos da antiguidade. Porém, não vamos nos deter em outros povos. Vamos analisar os instrumentos usados pelos israelitas e que hoje fazem parte do uso da Igreja.

Instrumentos de Corda

Os tipos de instrumentos são bastante diversificados. Entre os mais antigos e mais usados, estão os instrumentos de corda.

Esses instrumentos de cordas eram chamados de: “Saltério” que no Gr. “*Psaltérion*”. O “*psalterion*” era um instrumento que possuía uma forma semelhante aos instrumentos de corda dos portugueses, espanhóis e mexicanos. Era um instrumento de cordas e tinha a forma interna de um bojo. Isso fazia melhor a sonorização. O termo Gr. “*psallo*” se relaciona a forma de “tocar”, ou seja, “tanger”, o que caracteriza o nome do instrumento.

Quando se traduz o termo Gr. “*psallo*” para o hb. “*nével*”, identifica o instrumento como algo que era usado para acompanhar os que cantavam, tangendo ou dedilhando. Já o termo hb. “*asowr*” indica que este instrumento possuía dez cordas. Na Septuaginta é concordantemente aceito como “*psaltérion*”.

O instrumento conhecido como “*psaltérion*” é um tipo de “alaúde”, algo bem parecido com a viola. Porém, sua estrutura é semelhante a um triângulo. Esta forma de instrumento era conhecida também pelos israelitas com o nome de “*Nével*”. Suas cordas só poderiam ser tocadas com o uso dos dedos (cf. Is 33.2; 144.9; Is 5.12; 14.11; Am 5.23; 6.5). Vamos identificar esses instrumentos distintamente:

- *Alaúde* – Este instrumento de cordas é bem semelhante à forma estrutural de uma viola. Segundo alguns especialistas em instrumentos de cordas, o alaúde é a forma mais antiga do violão. Ou seja, o alaúde é considerado o pai do violão.
- *Harpa* – Este instrumento, também de cordas, é identificado pelos hebreus como “*Kinor*”. Em conformidade com Gn 4.21, este é o mais antigo tipo de instrumento de cordas. Este tipo de instrumento ganhou uma enorme repercussão, mesmo após o dilúvio. Lembrando que sua invenção foi feita antes do dilúvio. Provavelmente, Noé ou um de seus filhos ou uma de suas noras, possuíam uma certa intimidade com esse tipo de instrumento (cf. Gn 31.27).
- *Lira* – Este tipo de instrumento é bem semelhante à harpa. Sua identificação não é diferente da harpa pelos israelitas. A lira em hb. “*Kinor*”, tem sua origem no período pós-diluviano

5 Strong, 06218.

pelos Celtas, que povoaram a região Norte da Mesopotâmia, hoje conhecida como Iraque. Alguns textos bíblicos fazem referência a este instrumento, chamando-o de harpa (cf. I Sm 10.5; 16.16-23; 18.10; Jó 30.31; Sl 137.2).

No Livro do Profeta Daniel, cap.3 encontramos uma sequência de instrumentos que formam uma listagem interessante. Porém, em Dn 3.10 a identificação para Lira é “*Sabeka*”. Porém, para alguns comentaristas, este instrumento é uma Cítera, ou seja, uma harpa de pequeno porte, com um formato triangular, que possuía apenas quatro cordas, e que produzia uma sonorização extremamente alta. Já, existem algumas traduções que chamam este instrumento de “*Trigono*”, por sua forma triangular.

Instrumentos de Percussão

Outro tipo de instrumento que era muito usado na música entre os povos antigos, em especial, entre os israelitas, eram os de Percussão. No idioma hebraico, o instrumento de percussão era chamado de “*Tof*”. Esse nome descreve um instrumento em formato de um tambor. Todavia, sua estrutura era forma de um círculo coberto com um manto de couro de animal, e algumas travas laterais que sustentava o couro esticado, capacitando-o assim, a dar sonorização. Hoje, em nossa cultura, conhecemos este instrumento como “Pandeiro”.

Todavia, vamos analisar os três instrumentos de percussão mais utilizados na antiguidade e que podem ser vistos na Bíblia:

- *Tambor* – Como já disse antes, o termo hebraico que identifica este instrumento é “*Tof*”. Na verdade, tanto os tambores pequenos como os médios, eram identificados com este nome. Acredito que, pelo fato de ser um instrumento que comportava parte de um animal morto, ele não poderia ser usado no interior do templo. As únicas vezes que vamos encontrar este instrumento sendo usado pelos judeus, é nas festas externas ao templo, onde havia muita dança – Gn 31.27; I Sm 10.5; II Sm 6.5; Sl 150.4; Is 24.8; Jr 31.4; Ez 28.13.

Tamborins – Este instrumento parece que veio ser declarado pela primeira vez em Êx 15.20. Depois, este instrumento é novamente mencionado em outros textos como: II Sm 6.5; Jó 21.12. Esse instrumento atravessou séculos e ainda hoje faz parte da dança cultural de muitos povos, em especial no Oriente.

Címbalos – Em hebraico o címbalo é chamado de “*Menaneim*”. Esta é uma palavra que possui um duplo sentido, pois encontramos-la na Vulgata como “Címbalo” ou “Guizo”. Já na Septuaginta, este instrumento é chamado de “*Kúbamlo*”. Esta forma de escrita deve ser por causa da ausência da letra “C” que não existe no alfabeto grego. Por esta razão, em português é “Címbalo”.

Em I Co 13.1 parece ser a única vez que esta palavra é usada e justamente o apóstolo Paulo é quem faz menção dela na sua orientação quanto ao dom do amor ser superior ao dom de profetizar ou de falar em línguas.

Instrumentos de Sopro

Agora vamos analisar os instrumentos de sopro. Esses instrumentos em sua maioria eram feitas de chifre de animais. Por esta razão, esses instrumentos eram chamados em hebraico de “*Shophar*”. Os animais que tinham seus chifres utilizados para produzir esses instrumentos, deveriam estar na lista dos animais limpos, dentro da Dispensação de Lei. Eram as diversas ocasiões em que esse instrumento era utilizado pelos israelitas – Js 6.4; I Rs 1.39; Zc 1.18. Os *Shophar* de Israel podem ser divididos da seguinte maneira:

- *Flauta* – Não é uma definição exata o termo hb. “*Ugav*” para flauta. Isso, devido à variedade de instrumentos de sopro que existem entre os povos da antiguidade. Em conformidade com as várias traduções bíblicas, não são poucos os sinônimos que encontramos para “*Ugav*”.
- *Flauta Pequena* – No idioma hebraico esta flauta pequena é chamada de “*Alamoth*”.

- *Flauta Dupla* – Não tem uma explicação lógica para isso, mas esta flauta dupla é também chamada de “*Alamoth*”. Porém, este tipo de flauta é mais comum nas regiões do Egito, da Assíria e da Grécia.
- *Pífaro* – O Pífaro que em hebraico é “*Mashroqita*” parece ser visto exclusivamente no livro de Daniel. Uma breve observação quanto a este instrumento, é que ele foi destacado na Babilônia, e sua procedência parece ter tido origem na raiz da palavra “*saraq*” que sig. “soprar” ou “silvar”.
- *Gaita de Foles* – Este instrumento é identificado pelos israelitas como “*Chémet Chali*”. Em algumas versões este instrumento é identificado como flauta. O termo “*Chalil*” tem alguns significados, porém, o mais comum é “soprar”. Mas, pelo visto este era um instrumento de uso bastante comum no mundo antigo.
- *Buzinas* – O que realmente significa este instrumento? Totalmente fora do que entendemos em nossa cultura. Na verdade, o hebraico identifica este instrumento com o nome de “*Chatsotserah*”, ou seja, uma trombeta comprida que era comumente usada pelos sacerdotes em ocasiões bem distintas. Talvez isso este em conformidade com Paulo em I Ts 4.16, identificando o instrumento como um “alarido”, por questão da formação física do instrumento.

Na atualidade, muitos desses instrumentos são ainda usados pelos judeus. Porém, este último da listagem, nós não podemos afirmar que ainda esteja em uso, pois, somente os sacerdotes eram licenciados para usá-los. Para os judeus, este instrumento era sagrado e eles até o faziam de prata e guardavam em um local de acesso somente dos oficializados para o uso. Não poderiam usar este instrumento em conflitos militares.

O que é Ministério de Louvor e Adoração

Muitos não realizam este ministério na dinâmica que ele merece, é devido à ausência da informação. É justamente para isso que estamos realizando e disponibilizando esta matéria. Para iniciarmos este assunto, o ideal é perguntar “o que significa ministério de louvor”? A partir do momento que soubermos responder esta pergunta, nosso entendimento irá se aflorar em relação a esta atividade litúrgica.

- *Primeiro: Significado de Ministério.* Ministério é o ato de “servir a alguém ou algum propósito”. Sendo assim, quando estamos ministrando, estamos servindo.
- *Segundo: Quando é Praticado o Ministério?* Desde que estamos “ministrando” estamos exercendo o ministério. Podemos assim realizar nossa ministração em direção ao Senhor, como aos membros da Igreja.

Quando executamos um serviço direcionado ao alto, ou seja, quando nosso trabalho no Reino de Deus for à forma vertical, estamos atuando para que o Senhor seja nossa maior prioridade. Porém, quando nosso alvo é horizontal, nosso principal alvo é a Igreja. Esta igreja pode ser coletiva como seletiva, ou seja, pode ser grupal como individual. O importante sempre é ter em mente o valor de servir.

Conceitos de Ministração

A ministração eclesial é algo distinto na vida de cada cristão. Nada deve ser feito forçosamente. A voluntariedade é uma virtude que tem sua origem em Deus. Esta ministração voluntária tem sua forma agradável ao Senhor. Ela é receptível nos céus. Todos os membros da Igreja podem ser “ministrantes”, mas, ministros só os vocacionados. Os conceitos da ministração precisam ser vista e praticada com os seguintes critérios:

- Direcionado pelo Senhor, o departamento de ministração atuará após terem sido tocados em seus corações.

- Quando é visto este ministério obtendo resultados, o significado disso é a “unção” que estará sendo comprovada na vida de cada cristão.
- O Espírito Santo agindo através da ministração, significa que Ele está satisfeito com a ação sincera do ministrante. A ministração não pode ser realizada por emoção. Emoção não comove os céus, apenas o “ego” do ministrante.
- O ministrante deve sempre estar em um patamar superior aos que receberão a ministração. Para isto, é necessário que este ministrante tenha mais comunhão e intimidade com o Senhor.
- Não há favorecimento em mecanizar o ato de ministração. Sendo assim, para cada liturgia, pode ser realizada uma ministração diferente em conformidade com as instruções do Espírito Santo.
- Na ministração, a Igreja é deslocada de seu materialismo, e conduzida para uma atmosfera espiritual. Sendo assim, cada membro do grupo de ministração, devem estar harmoniosamente unidos em comunhão com o Senhor e uns com os outros, para que o Diabo não venha ter acusações legítimas que possa impedir o agir do Senhor.

O Ministério e a Palavra

Toda forma de Louvor e Adoração devem trilhar direcionado pela Palavra do Senhor. A Palavra do Senhor deve ser o manual primário na formação e condução de todos os componentes do grupo de ministrantes. Um ministrante sem a devida orientação bíblica pode comprometer todo o grupo. Sendo assim, é necessário que:

- a) Cada componente reconheça sua necessidade de relacionamento com o Senhor pela Sua Palavra.
- b) Cada componente deve viver nas margens de II Tm 2.15, preservando sua identidade de cristão, reconhecendo que é uma referência.

c) Cada componente compreenda que sua ministração contribuirá para que a fé dos demais membros seja alimentada. Sendo assim, o testemunho de Cristo na vida dos componentes é um ponto vital para o ministério.

d) Cada componente deve entender que a ministração é algo pessoal, mas, interpessoal. Ou seja, o ministrante não ministra para ele e nem sobre ele. O ministrante tem como alvo aquilo que o Senhor também tem: o próximo.

Um ministrante sem conhecimento bíblico é tão danoso como um obreiro que não possui o devido conhecimento para ensinar, mas que assumi o ministério do ensino. Se eu não sei, não posso realizar. Quer ensinar, aprenda primeiro, quer ministrar, aprenda primeiro. A Bíblia tem os devidos critérios para a ministração do Louvor e da Adoração. Sem a Bíblia, podemos ter uma ministração, só não realizaremos o alvo da ministração: O Louvor e a Adoração.

Como preparar a ministração

O preparo da ministração deve sempre ser objetivado pela direção do Espírito Santo. Na verdade, tudo que é realizado na Igreja, deve ser direcionado pelo Espírito Santo. A obra do Senhor não deve ser realizada por “*improvisão*”, mas, sim, por “*planejamento*”. Sendo assim, segui aqui algumas orientações quanto ao prepara para a ministração do Louvor e Adoração na Igreja:

I – Primeiro: Uma ministração elaborada. Esta etapa do preparo para a ministração, deve ser elaborada e realizada de forma consciente. Ou seja, o ministrante, em especial o que lidera o grupo, deve saber de antemão o que realmente irá ministrar. Para isso, deve ser colocado em prática o relacionamento intimo com o Espírito Santo (relacionamento vertical) e a necessidade da Igreja (relacionamento horizontal).

II – Segundo: O louvo deve ser estar em harmoniosa com a liturgia. Não há como o grupo de louvor entoar um cântico na Igreja,

sem que para isso, os componentes do grupo estejam plenamente familiarizados com a letra da melodia. E, a letra da melodia, deve estar intrínseca com a liturgia. Para cada liturgia, pois elas são diferenciadas, os cânticos devem ser adaptáveis.

III – Terceiro: Harmonizar grupo e líder. Embora, parece que já tenhamos falado sobre este assunto, mas, nunca é inútil a forma da comunicação. Sendo assim, vale ressaltar aqui, que, tanto os cantores, como os tocadores, e os maestros ou regentes, devem estar em harmonia com o líder do grupo, sempre atendendo todas as orientações que por ele forem sendo dadas. Lembrando que, no momento da ministração, todo assunto que compreende particularidades pessoais, devem ser deixadas no lado externo da Igreja. Não é admissível argumentos como:

- Nós estamos tratando de assunto relacionado à música, ou a nota, ou a afinação de instrumentos. Esta é uma justificativa pior que se fosse algo de ordem pessoal, pois se tratada de “irresponsabilidade” com o ministério de louvor e adoração.
- Nós estamos preocupados com o bom funcionamento dos aparelhos ou dos instrumentos. Lembrem-se: se não é favorável assumir a ministração litúrgica sem os devidos preparos, como no caso dos ensaios, quanto mais à manutenção dos aparelhos eletrônicos ou manuais que são usados durante a ministração. Tudo isto deve ser estar extremamente preparado, organizado, ajustado, antes que as portas do templo sejam abertas para recepção dos membros, para iniciar a liturgia.
- Qualquer que seja os motivos, os membros do grupo de louvor não devem deixar ser atraído por conversas particulares (chamadas de cochichos), isso é confrontante; ter extremos cuidados com alguns tipos de gesticulações, isso pode ser constrangedor; algumas falas corporais, sempre lembrando que um gesto pode dizer aquilo que a boca jamais teve a intenção de falar.

Uma atitude consciente ou inconsciente de algum membro ou alguns membros do grupo pode converter às bênçãos do Senhor em

escândalo. Lembre-se: para se construir uma casa com segurança, os critérios são diversos; mas, para demolir, bastam alguns golpes na base. As atitudes desenvolvidas pelos membros do grupo de louvor, quando estão em ato de ministração, são detalhadamente observadas pelos membros da Igreja. Eis aí uma das maiores razões para que todo o cuidado seja visto como irrisório.

O Ministro de Louvor e Adoração

Como podemos identificar um “*Ministro de Louvor e Adoração*” no núcleo da Igreja? Quem pode ser considerado como “*Ministro de Louvor e Adoração*” em atividade nas liturgias da Igreja? Bem, antes de qualquer coisa, é importante que compreendamos que todos os elementos que geram honras ao Senhor, deve ser visto como “louvor” e tudo que serve ao Senhor, devem ser considerados como “adoração”, pois ambos os elementos buscam reconhecer a grandeza daquele que estamos inclinados diante dEle. Sendo assim, quem são os ministros de louvor e adoração?

- *Primeiro*: todos os que estão na prática de servir, estão na qualidade de ministros. Pois os ministros são os que servem; são os que atuam na condução de adoração ao Senhor.
- *Segundo*: todos os que estão relacionados no grupo, seja ele cantor, seja ele tocador, seja ele maestro, seja ele regente, todos que estão comprometidos com a ministração do louvor na liturgia da Igreja, devem ser vistos como “ministros de louvores”.
- *Terceiro*: Em algumas denominações do Cristianismo, os ministros de louvor não são vistos no mesmo ângulo. Em alguns casos, para ser ministro de louvor, deve ser confirmado sua vocação para música; em outros casos, basta estar envolvido com a música sacra; há também os que ocupam esta função por questão de ausência de mão-de-obra; e, existem os que são posicionados assim, somente pelo fato de gostar de atuar nesta área.

- *Quarto*: O ministrante deve ser visto sempre como alguém que possui autoridade e amor, para realizar uma ministração sobre uma igreja ou sobre uma pessoa. Quando alguém atua desta maneira, ele deve ser identificado como um “ministro”. Se esta ação for durante o período de louvor, então esta pessoa deve ser identificada como “ministro de louvor”, pois ministra enquanto louva (*no sentido de cânter músicas sacras na igreja*).

A Igreja do Senhor é uma fonte de bênçãos que estão disponíveis á todos os que anseiam por elas. Resta-nos tão somente, nos inclinarmos diante do Senhor com um coração delatado de amor por Ele, e suplicarmos por estas bênçãos. Nossa ação diante do Senhor deve ser objetiva e este objetivo deve ser “servir” aquele que vive e reina para todo o sempre.

Conclusão

Diante do Senhor, devemos estar disponíveis em todo o tempo, para servir, tanto de forma pessoal, como coletiva, aos propósitos eternos que nos foram confiados. Que o Senhor venha ter cada vez mais, pessoas disponíveis para se entregar de corpo e alma, no que diz respeito ao Ministério de Louvor e Adoração na casa de Deus que é a Igreja aqui na terra. Sempre lembrando, a pregação e os ensinios, terminam no arrebatamento. Mas, louvor e adoração, nos acompanharão por toda a eternidade. Amém.

Antropologia Bíblia

Nesta matéria, buscamos compreender os valores que existem neste ser criado, e que despertou tanta alegria no Criador: O homem. Embora a ciência tenta desvendar esses valores, mas, os servos do Senhor entendem que somente a Palavra de Deus é autorizada a declarar a verdade sobre este ser. O homem é a maior prova do amor de Deus. Nada é tão observado e cuidado pelo Criador, quanto o homem. Sendo assim, vamos estudar esta matéria sob a óptica divina, para entender um pouco mais sobre o ser que despertou em Cristo Jesus o desejo de vir buscar aquele que havia se perdido.

Conceito etimológico de Antropologia

A Antropologia Bíblia apresenta-nos uma resposta, quanto à formulação de algumas perguntas como: O que realmente é ser “humano”? Para que esta formulação venha ser respondida de forma aplausível, é de fundamental importância que acreditemos nas informações que a Bíblia nos reserva. Exemplo disto está em: Gn 1.27, diz: “*E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*”.

Estamos diante da maior de todas às verdades em relação à existência do homem. Nada poderá ser superior em verdade, que a Palavra do Senhor para nós. Ela é inquestionável!

Antropologia como Ciência

Antropologia tem como fundamento primário apresentar o máximo sobre a existência do gênero humano. A antropologia, seja ela bíblica ou científica, vê no homem uma caixa de enigmas que precisam ser respondida. É justamente por esta causa que aprendemos na antropologia, alguns princípios que não devem jamais sair de nosso alvo de estudo. Todavia, quais são os meios de estudo da antropologia científica que podem nos auxiliar nesta busca pelo entendimento?

Em relação a esta questão, é necessário que busquemos compreender a antropologia diante dos seguintes critérios:

- Trabalhar o conceito real da existência.
- Compreender os comportamentos que oferecem a possibilidade de serem uns diferentes dos outros.
- Não avaliar o homem por uma época ou história em que não compete com a sua real existência.
- Desenvolver uma aplicação bíblica sobre a criação do homem.
- Buscar compreender o porquê a Ciência da Criação é tão refutada pela Ciência da Evolução.

Segundo alguns teólogos, a antropologia é a ciência que estuda o homem; é a ciência que estuda o homem em relação a suas obras e comportamentos. Para alguns teólogos como: *Bancroft, Chafer, Champlin* e outros, a antropologia pode ser examinada de duplo ângulo: *a) O ângulo da filosofia humana, e b) O ângulo da Revelação Bíblica.* Destarte que, tanto na estrutura física quanto somática, o homem deve ser avaliado pelos seus comportamentos.

Na antropologia Bíblica, devemos estar alertas quanto ao fato de que, o homem está em plena atividade relacional com o mundo:

- Religioso, ou seja, que estabelece ao mesmo o desejo de se relacionar com seu Criador.

- Físico, ou seja, que o faculta na condição de ser relacionável com seus semelhantes.

Desta forma, tanto o homem pode relacionar-se com Deus quanto com os homens. Isso só é deveras preocupante, porque, assim como o homem, não se assegurou de manter seguro seu relacionamento com o Criador, assim ele pode desenvolver uma barreira de relacionamento com seus semelhantes.

Na forma da ciência, a antropologia tem sua existência há alguns séculos. Na sua forma enigmática, ela vem conflitando a mente do homem há milênios. A antropologia tende a despertar no homem, uma busca incansável por resposta que, na sua maioria, não teríamos respostas como desejamos. A peculiaridade da antropologia científica, tenta encontrar no homem, algo que represente a sua totalidade, não apenas naquilo que envolve sua origem, como também, suas atividades, modos, costumes, hábitos e culturas.

O estudante da antropologia científica, tem consciência de que, ao lado de tantas informações quanto ao ser humano, algo ele irá encontrar que o dará alguma resposta sobre suas dúvidas.

Significado de Antropologia

A palavra “*Antropologia*” tem seu veraz significado na condição de “*Estudo do Homem*”. Isto é, antropologia é uma mesclagem de dois termos gregos:

- *Antropos* – Homem ou Humano.
- *Logos* – Verbo, Palavra, Estudo ou Ciência.

Como já vimos, há duas formas de estudarmos antropologia.

- Antropologia no critério da ciência.
- Antropologia no critério da teologia.

A ciência antropológica busca ter como objeto de estudo, o homem e tudo aquilo que possa estar intrinsecamente ligado a suas formas, hábitos e características.

A antropologia bíblica busca apresentar o homem, assim como ele é visto pela base da teologia: O homem é uma, das mais belas obras da criação, realizada pelo Criador do universo. Deus ao fazer o homem, o adornou de perfeição (Ec 7.29), e outorgou-lhe características pessoais (Gn 1.26a, 27a), que a nenhum outro ser criado pode ser encontrada. Na verdade, meu único desejo na apresentação desta matéria, não é formalizar uma visão científica, mas, sim, apresentar o que a Bíblia tem-nos a comunicar em relação à origem do homem.

A bíblia e a origem do homem

A origem do homem, foi, é e sempre será algo que irá desafiar as pesquisas e os conceitos da psicologia em relação a sua existência. Somente a Bíblia pode dar ao homem, toda verdade quanto a sua verdadeira fonte de existência. O problema maior em tudo isso, é que o homem, na busca pela sua própria origem, não está aberto a aceitar o que a Bíblia tem em lhe oferecer como informação. Como surgiu o homem? Esta interrogação vem acompanhando o homem historicamente. Seria mais viável, se olhássemos para a Bíblia, levando em consideração que no passado, nem os historiadores, nem os cientistas conseguiram suprir suas necessidades pela busca do início da existência do homem.

Quando analisada a origem do homem pela Bíblia, iremos encontrar a Bíblia dizendo:

- O homem é um ser intelectual (II Co 3.15).
- O homem é um ser que pode ter atitude própria.
- O homem tem sentimentos pessoais.
- O homem pode irritar-se.
- O homem tem desejos de riquezas.
- O homem pode ver o espiritual.
- O homem pode criar leis.

- O homem pode ser juiz.
- O homem pode ser governo.

São inúmeras as formas que a Bíblia apresenta o homem, levando-o ao conhecimento de si mesmo. Desta forma, o caminho mais confiável para o homem seguir na busca por suas origens, ainda é a Palavra de Deus.

A Ciência Evolucionista e a Existência do Homem

Na construção das definições da ciência, o homem é visto como algo plenamente destituído da ação criadora de Deus. A ciência evolucionista atribui a existência do homem, como fator imediato da evolução da espécie. Como isso é desenvolvido?

Primeiro: O Evolucionismo na visão de Charles Robert Darwin.

No século XIX, Darwin iniciou uma pesquisa que culminaria na conclusão, de que o homem é aparentado com outras espécies que viviam em lugares plenamente diferentes. Nesta pesquisa, Darwin chegou a uma conclusão, realizando comparações básicas quanto à semelhança entre outros animais que ainda viviam, em relação a alguns que já se encontravam em extinção. Foi justamente nesta ocasião que Darwin tirou a conclusão que os seres que são característicos, podem sofrer um processo dinâmico onde fatores de origens naturais poderiam ser os responsáveis pela modificação de seus organismos vivos.

Segundo: O Naturalista Jean-Baptiste Lamarck.

No século XIX, Lamarck foi o primeiro francês a integrar na lista dos cientistas, uma informação que traria a origem das espécies na sua forma atual. Nas suas leis fundamentais, ele se baseou em duas leis: a) A lei do uso e b) A lei do desuso. Na primeira, ele acreditava que as alterações eram proporcionais a uma necessidade que estaria presente na vida dos seres. Exemplo: A Girafa comia dos frutos e folhagens baixas. Todavia, os elementos que as nutriam foram ficando mais escassos na parte baixa das árvores, e estes animais começaram a esticarem seus pescoços para alcançarem os frutos

nas regiões mais altas. Nesta rítmica constantes, as gerações futuras destes animais foram sofrendo alterações, levando-os a chegarem na forma como os vemos hoje. Outras espécies poderiam ter formas diferentes no passado, porém, pelo fato de alguns desusos, também sofreram alterações nas suas formas.

Terceiro: A Evolução na Visão do Ateísmo.

Levando em consideração a importância da etimologia de uma palavra, devemos entender o significado de evolucionismo ateu. Isso significa: indica uma espécie de algo que está passando por uma espécie de processamento em ordem crescente. Todavia, quando este conceito ou significado está direcionado ao ser humano, sua forma de entendimento ganha outras propriedades. Estas propriedades são vistas na gênese da ser humano. Desta forma, o estudo da “Evolução Ateu”, está direcionado na busca por respostas quanto ao processo natural que alcança a gênese da primeira substância como evolução da mesma.

Não é viável ignorar que algumas mudanças acontecem por consequência do tempo, destarte que, para alguns evolucionistas, uma mudança deve acompanhar a sequência genealógica de um ser, até que este se apresente como fecundador de novas espécies. Está deve ser a intenção de Charles Darwin o pai de muitos evolucionistas, quando disse: “*Não darei absolutamente nada pela teoria da seleção natural se ela requerer adições milagrosas em qualquer de seus estágios*”.¹

Quarto: A Evolução na Visão do Teísmo.

Dentro do conceito evolucionista, há os que são conhecidos como: “*Teístas*”. De acordo com o que já é ensinado, os teístas não desabonam a realidade da criação. Todavia, desejam que acreditem que Deus direcionou de forma usual, todo o processo da evolução, para que Sua intenção de criar fosse realizada.² Desta forma, compreendemos que os evolucionistas teístas, querem mesmo é

¹ CLARK, R. E. D. Darwin: Before and after. In: RYRIE, Charles. *Teologia Básica*. Mundo Cristão: São Paulo. 2004, p. 196.

² *Ibidem*.

mesclar o criacionismo ao evolucionismo, para que ambas as partes possam estar satisfeitas com suas idéias e conceitos. Uma forma de simplificar este conceito, está na apresentação do primeiro casal. Segundo os teístas evolucionistas, o homem Adão, veio surgir de uma espécie já em existência. Esta espécie já existia com uma vida que Deus decidiu soprar o espírito de vida. Todavia, em se tratando da mulher: Eva, Deus precisou agir de forma especial, para que esta viesse a existir. Com esta conceituação, subentende-se que a evolução só agiu na espécie masculina.

Quinto: A Verdade da Criação.

Toda a origem da criação só é possível de ser encontrada, analisando-se corretamente a Bíblia Sagrada. Diante de toda e qualquer forma de informação ideológica quanto à criação de todas as coisas, somente há uma fonte autorizada por Deus para dar respostas às interrogações que são geradas quanto à existência do que existe: A Bíblia. Em Gn 127; 2.7, temos uma primeira e única idéia de como o homem veio a existir. Depois de a Bíblia nos dar esta informação, só nos restam aceitar que, antes do Criador fazer o homem do pó de terra, não houve nem uma outra espécie de ser humano ou subumano, que pudesse ser trabalhado pela força da evolução. Nada sofreu qualquer alteração na sua forma, para que o homem fosse vir a existência. Antes do homem, nada existia que tenha a mesma qualidade de biologia que há no homem.

A criação do Ser Humano

Quando analisamos alguns textos da Bíblia Sagrada, encontramos o Senhor nos revelando como foi à criação do homem. Podemos e devemos entender que nada foi criado pelo Senhor, como foi à humanidade. A humanidade é uma criação singular, e que não pode jamais perder sua legítima importância para Deus. Vejamos alguns textos importantes para esta matéria:

- Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez (Mt 19.4).

- Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram. Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos (Rm 5.12-19).

- Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual. O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu. Qual o terreno, tais são também os terrestres; e, qual o celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial (I Co 15.45-49).

- Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade (I Tm 2.3,4).

Diante de todas as dúvidas que encontramos quanto à criação ou existência do homem, nada pode ser mais aplausível que as

informações que temos do mesmo pela Bíblia. Desta forma, podemos compreender que somente Deus poderia ser a verdadeira causa da existência do homem. Desta forma, somente Ele pode dar ao mesmo, repostas quanto a suas necessidades e leva-lo a compreender o que ainda não é compreendido. Toda atividade quanto à criação de Deus em relação ao: “Céus e a Terra”, só podem ser encontrados em Sua Palavra. CHAFER declara sobre Gênesis capítulos 1 e 2 que: “Nenhuma outra literatura no mundo é tão repleta de revelação direta destinada a informar a mente do homem e orientar pesquisas científicas como essas primeiras páginas da Bíblia”.³

Para um cristão que acredita na veracidade das Escrituras, nada é maior e mais garantido para ele, que a própria Bíblia. Com isso, não se há dúvida de que foi Deus quem criou o homem na sua própria forma de existência. Nós que somos servos do Senhor, que acreditamos na revelação de Deus, não devemos ficar incomodados se a ciência diz ou o que ela diz sobre a origem das espécies. O que o Evolucionismo diz ou o que a historicidade diz. Não podemos evitar que algumas inverdades sejam aplicadas nos espaços de educação do nosso país, todavia, podemos apregoar diferente de alguns teólogos, aquilo que a Bíblia nos revela.

Lembramos que a criação do homem não foi algo realizado acidentalmente. Não! Deus criou o homem de forma perfeita e imediata. Isso já era um projeto divino. O homem já existia na mente do Criador, mesmo antes de o Criador ter o formado do pó da terra.

Como ocorreu a criação do homem

Esta não é uma resposta difícil de ser aplicada, quanto às interrogações dos estudantes de antropologia. Se atentarmos para o que a Bíblia em Gênesis 1.26-27 nos diz, então, veremos que Deus criou o homem da seguinte maneira: *E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e*

3 CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. v. II Hagnos: São Paulo, 2003, p. 545

sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra (Gn 1.26-28).

Diante desta revelação, não há como destacar qualquer que seja a conceituação ideológica ou científica, que possa concorrer na adição da verdade, quanto ao que é apregoado pelos evolucionistas. Deus não necessitou de uma forma já existente, para dar existência ao que Ele chamada de: “*Sua Imagem e Semelhança*”. Desta forma, devo acreditar que não houve uma ação de transferência de Deus, por quanto da efusão do sopro de vida que o Espírito Santo injetando em um macaco. Não! Deus não deu a um animal atributos que são pessoais ou que revelem propriedades daquilo que é somente Seu. Deus comunicou estes atributos naturais, somente para a criação que carregaria para sempre as características de Sua imagem: O Homem.

A criação do homem e a Criação

A maravilhosa ação criadora do Senhor deve ser vista desta forma, pela qualidade do que foi feito, levando em consideração a causa ou razão que levou Deus a criar tudo o que conhecemos. Quando paro para contemplar a obra da criação do Senhor, é inevitável observar o quanto Ele diferenciou o homem das demais criações. Os animais e vegetação são elementos que não se comparam ou reflete-se em nada, nas estruturas da criação do ser humano. Se há distinção entre fauna e flora, nada se compara ao homem.

Em Gênesis 1.11 e 1.21, Deus estabelece a existência dos elementos que existem, colocando todos eles na qualidade de *Vegetações* e *Animais*, sendo assim, inferiores ao homem. O homem já foi criado com a responsabilidade de governar sobre tudo o que foi criado pelo Senhor. Percebemos que na ordem da criação, cada um dos feitos divino, é marcado pelas suas distinções (Gn 1.25).

Se, aceitamos a Bíblia como a Palavra de Deus, levando-a em consideração, vendo-a como a inerrante e irreversível fonte de toda a revelação de Deus ao homem, então, jamais negaremos que o homem não tem, qualquer que seja a possibilidade, de ter surgido de uma evolução, pois o homem foi criado diretamente de uma forma diferenciada em relação aos outros seres criados. Quem quer que seja, ou que deseja colocar o homem e sua existência, relacionando-a com relação à evolução de uma espécie, deverá ter em mente, que está negando a única verdade que de Deus recebemos, fazendo-o desta forma, um Ser mentiroso, e que tem por intenção enganar os que Lhe servem.

Na criação do homem houve a criação do governo

É fato que toda criação cósmica teve seu início no primeiro dia, sendo concluída no sétimo dia (Gn 2.1-2). Diante da ação de Deus, Ele estabeleceu a existência de tudo o que existe, pois tudo foi feito por Ele e para Ele e sem Ele nada do que foi feito se fez (Jo 1.3). Deus teve o maior cuidado em estabelecer a existência dos animais e vegetais, levando-os a virem à existência, nos grupos distintos conforme suas espécies. Estes seres criados, não conhecem a personalidade de Deus. Somente ao homem foi dada esta honra.

- Ao homem foram dadas as características da forma de Deus.
- Ao homem foram outorgados atributos pertinentes ao Criador.
- Ao homem foi estabelecida uma base de governança.
- Ao homem foi estabelecido o livre-arbítrio.
- Ao homem foi estabelecida uma estrutura dividida em três partes: a) Espírito, b) Alma e c) Corpo. Esta estrutura é conhecida como: “*Tricotomia*”.
- Ao homem foi dada a possibilidade de poder viver, tanto na terra como no céu.

São diversos os elementos que fazem do homem um ser totalmente distinto de tudo o que já podemos ter visto. Se o homem é uma espécie em estado de evolução, então o que está de fato evoluindo no homem? Sua forma física, sua forma intelectual ou sua forma espiritual. E, se há uma possibilidade de o homem ser físico e espiritual, sendo ele vindo de uma evolução, destarte que os outros animais também deveriam são seres dotados de espiritualidade, porém, não evoluída. Se, de fato é assim, então os animais necessitariam de um redentor, para que pudesse restaurar lhes a vida espiritual atingida pelo pecado. Será que na morte de Cristo, Ele estabeleceu a salvação para o homem, ou para sua criação animal e vegetal? Se há espíritos nos animais (*o que acredito que não haja*), então nosso problema com a Bíblia é bem maior do que podemos imaginar.

A Criação do Homem em relação à Imagem do Criador

A antropologia não é um estudo simplório. Na antropologia, há textos e contextos que são desafiadores para qualquer interprete das Escrituras. Nem mesmo os mais conceituados dos teólogos, irão declarar que falar de antropologia é coisa fácil. Diante das dificuldades da antropologia, está à questão de responder perguntas que na verdade, são incógnitas há séculos. Neste ponto do estudo, vou tentar estabelecer uma forma de aplicar ao estudante ETEB, uma clarividência quanto à imagem de Deus no homem.

I – Primeiro: A imagem de Deus no homem, é o melhor que o Senhor poderia ter compartilhado com a obra que Ele fez, notabilizando-a como algo singular em relação as outras coisas criadas: *A Imagem do Criador*. Somente o homem tem esta honra, em poder carregar a imagem do Senhor em sua forma física.

II – Segundo: Analisando esta expressão dentro do idioma Latim, ela é conhecida como: *Imago Dei*. É, justamente pelo fato de o homem ter esta consciência de diferenciação em relação às outras criaturas, que não podemos aceitar uma informação evolucionista, de que o homem é alguém que se tornou o que hoje

é, somente pelo fato de ter sido alvo de uma transformação, ou mudança de forma.

III – Terceiro: A imagem de Deus no homem deve ser respeitada. Quando Noé saiu da Arca, Deus deu a ele alguns requisitos (Gn 9.1-6). Entre estes requisitos estão:

- ▶ Frutificai-vos.
- ▶ Multiplicai-vos.
- ▶ Enchei a terra.
- ▶ Os animais terão pavor de vós.
- ▶ Tudo o que se move, que é vivo será para vossa alimentação.
- ▶ Não comereis a carne com seu sangue.
- ▶ Não derrame o sangue do homem, pois quem assim fizer, lhe será cobrado com a mesma medida. Isso por quê? Por que o homem tem a minha IMAGEM.

A imagem de Deus no homem, ainda deve ser respeitada, mesmo após a queda. O homem teve alterado a semelhança de Deus em sua existência (*Atributos morais que foram comunicados ao homem, porquanto de sua criação*). A semelhança de Deus no homem, ainda é algo a ser resgatada, e isto o será no arrebatamento da Igreja (I Jo 3.2; Fp 3.21).

A criação do homem vista na História

É de salutar importância que haja uma análise quanto aos conceitos históricos sobre a imagem de Deus no homem. Diante de algumas autoridades da igreja, em especial nos idos primitivos, iremos nos deparar com algumas múltiplas equações sobre as verdades em relação a este assunto. Em relação ao homem, eles o descreviam, avaliando alguns pontos próprios como:

- A capacitação de se manifestar diante do Criador e dos demais pontos criados, como alguém que detinha a condição racional de avaliar de forma concisa, algo que poderia ser

absorvido ou refutado. Esta é uma prática que reflete a presença da volatilidade no homem.

- O homem é dotado de alta capacitação de construir ou subordinar-se a uma ordem formadora de conceitos, vista como ética, que administras os trejeitos e atitudes de uma sociedade ou de um indivíduo em sua particularidade.
- O homem foi capacitado pelo Criador, para se eximir de condições agravantes em relação à moralidade divina. Quando detectado estes agravantes, o homem tem algo que lhe condiciona a sair do palco de ação do pecado, optando pela santidade. Isto só é devido, se levado em consideração os valores da personalidade encontrada em Deus e transferida em partes (*atributos morais*) ao homem.

Contudo, as coisas não terminam somente nestes itens. Há, ainda, algo que se deve acrescentar aqui: Eles – os pais da teologia primitiva – acreditavam na condição de o homem ter em si, uma forma física em relação ao Criador.

É notável que ainda hoje, encontramos pessoas que tem certa dificuldade em ver uma característica de Deus, na estrutura física do homem. Lembre-se, Deus fez o homem conforme: *a) Sua Imagem e, b) Sua Semelhança*. O que é uma imagem. Vejamos:

Imagem em Hebraico - תצלם *tselem*.

- A) Representação de pessoa ou coisa.
- B) Figura ou efígie de um...
- C) Semelhança.
- D) Representação (no espírito) de uma ideia.
- E) Pessoa formosa.

Semelhança em Hebraico - תמונה *d'emuwth*.

- A) Similaridade.
- B) Similar.

C) Ser tal como.

D) Igual.

Para alguns interpretes desta matéria, a distinção entre imagem e semelhança, está exclusivamente, naquilo que se pode compreender como: a semelhança está voltada para o equilíbrio moral, presente no imaterial do homem. Todavia, a imagem está estritamente ligada ao material. Desta forma, no tocante a queda, a imagem foi preservada, porém a semelhança sofreu alteração.

Existem outras terminologias, porém no idioma grego, que nos transferem informações equivalentes. Estes termos são: *Eikon* e *Homoiosis* ambos, denotam igualdade etimológicas dos termos em hebraico que já foram mencionados.

Não vou declarar aqui, fatos históricos em relação ao tempo narrado pelo homem. O importante na história da criação é avaliar o que Genesis revela-nos quanto a sua existência. Existem outros pontos importantes a serem estudados e é justamente isso que iremos fazer.

O Homem Imaterial

Parece que já sabemos tudo acerca do homem. Mas, é bom informar aos alunos, que ainda temos muito que aprender sobre este assunto. Neste ponto, nós iremos trabalhar a questão das divisões estruturais do ser humano. Não olhando para o conceito biológico que faz ver o homem dividido em três partes: 1) Cabeça, 2) Tronco e 3) Pernas. Nós podemos olhá-lo na questão da divisão do material e do imaterial.

Se toda nossa questão neste ponto do estudo fosse relacionada ao divisor material do homem, tudo já estaria bem esclarecido em conformidade com a visão anatômica. Todavia, o que ainda desafia a intelectualidade do próprio homem, está na sua construção imaterial. O homem ainda tem muita dificuldade em compreender esta parte de sua estrutura. Iremos aqui, buscar uma forma mais fácil para apresentar estas informações ao aluno ETEB.

O que compreende o imaterial do homem

Sistematizando nossos estudos, devemos apresentar aqui, alguns importantes elementos que culminará no entendimento deste ser imaterial. Os divisores do imaterial são: *Alma – Mente – Coração – Espírito*. Em cada um desses diferentes pontos, há uma informação paralela ao que é apresentado nas páginas veterotestamentária, sobrepondo em especial, que existe uma cultura intelectual do Mundo Antigo.

Alma – Compreendendo os conceitos da alma.

A alma é a parte responsável em colocar o homem físico, em contato com o mundo físico. Também, está reservado para ela, estabelecer o contato do homem espiritual com o mundo espiritual. A alma é à base das relações entre partes distintas do ser humano. Todavia, segundo o texto de Hebreus 4.12, a Palavra de Deus é a única coisa que pode ou consegue penetrar na divisão da alma e do espírito do homem. Embora seja elementos divisores das partes materiais e imateriais, a alma também, pode ser vista de outras formas como:

- Em hebraico alma é: *Nephesh* – que significa: “*Ser Vivente*”.
- Em grego esta expressão é vista como: *Psiche* – que significa: “*Mente*” ou “*Sede das Emoções*”. Localidade central dos desejos, dos apetites, das paixões.

Esses termos basicamente podem ter um significado exclusivo, direcionando-o a existência de vida no ser humano. A alma não é o cérebro de uma pessoa. Alguém pode ter ou até vir a nascer com uma deformação cefálica, provocando com isso, uma dependência pessoal em quanto ela viver na terra. Todavia, em relação à existência nas Mansões Celestiais, já é algo mais que comprovado, que a alma não possuirá qualquer tipo de deficiência.

Espírito – Compreendendo aos conceitos do espírito.

Quando estudamos o homem pela base sistemática da antropologia, muito passamos saber quanto aos diversos comportamentos do gênero. Esses comportamentos são,

geralmente, devidos aos divisores que a tricotomia proporciona. Se na alma há os diversos comportamentos psíquicos, devemos entender que alguns comportamentos podem ser somáticos. Esses comportamentos, na sua maioria, são devidos à natureza e disposição do elemento chamado: *espírito*.

Significado da palavra: “Espírito”.

a) Em Hb. “*espírito*” é: *Ruach*.

b) Em Gr. “*espírito*” é: *Pneuma*.

Diferente do que vimos em Gênesis 2.7, o homem recebeu do Senhor o “*folego de vida*”, ou seja, o *n’eshamah*. O significado de “*n’eshamah*” é:

- Respiração.
- Espírito.
- Tudo o que respira.

O fôlego de vida no homem possibilitou-lhe a capacidade de ter vida. Esta vida é plenamente espiritual. Desta forma, subentende-se que o homem tem sua estrutura material e imaterial. Na composição do homem, Deus não deixou que nada faltasse, para que este pudesse ser completo. O homem foi feito um ser completo. Daí, entender a avaliação do Senhor, em chama-lo de: “*Muito bom*” (Gn 1.31).

Aqui, encontramos na etimologia da palavra “*folego* ou *espírito*”, uma condição de relacionarmos esta com a alma. Isso só é possível, por causa do comportamento e ao aspecto da composição imaterial de ambas. Não vamos encontrar na construção do primeiro capítulo de Gênesis a palavra “*espírito*”, relacionada ao homem, mas, sabemos que este o é, devido ao aspecto do imaterial. Alma e espírito são elementos diferentes, todavia, se misturam no conjunto do imaterial.

Quais são os comportamentos do espírito e da alma do homem? Vejamos na Bíblia, o que ela diz sobre isso:

- 1) *O imaterial do homem tem conhecimento de valores.* Mas eles se prostraram sobre os seus rostos, e disseram: Ó Deus, Deus dos espíritos de toda a carne, pecará um só homem, e indignar-te-ás tu contra toda esta congregação? (Nm 16.22).
- 2) *O imaterial do homem tem recordação.* De noite chamei à lembrança o meu cântico; meditei em meu coração, e o meu espírito esquadrinhou (Sl 77.6).
- 3) *O imaterial do homem conhece os valores da humildade.* Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus (Mt 5.3).
- 4) *O imaterial do homem sente dor.* E estas foram para Isaque e Rebeca uma amargura de espírito (Gn 26.35).
- 5) *O imaterial do homem sofre angustias.* Tendo Jesus dito isto, turbou-se em espírito, e afirmou, dizendo: Na verdade, na verdade vos digo que um de vós me há de trair (Jo 13.21).
- 6) *O imaterial do homem se movimenta pelo ciúme.* E o espírito de ciúmes vier sobre ele, e de sua mulher tiver ciúmes, por ela se haver contaminado, ou sobre ele vier o espírito de ciúmes, e de sua mulher tiver ciúmes, não se havendo ela contaminado (Nm 5.14).
- 7) *O imaterial do homem sobre desequilíbrio moral.* A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda (Pv 16.18).
- 8) *O imaterial do homem tem sensibilidade.* Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado e, salva os contritos de espírito (Sl 34.18).

Desta forma, devo dizer que o espírito e a alma do homem, somam um conjunto de comportamento que indicam que o imaterial do gênero é tão real quanto o material. Não podemos ver o espírito do homem, mas, podemos atingi-lo quando nos lançamos contra ele, com elementos que o tocam. Estes elementos são pensamentos que a alma infere contra o espírito, e nós verbalizamos isso. O material serve de ponte para que uma expressão possa chegar

ao setor do imaterial do semelhante, atingindo-o de forma letal. Letal no figurativo é claro.

Coração – Compreendendo os conceitos do coração.

Não poderíamos dar sequência a este estudo, sem que falássemos um pouco sobre o coração do homem. Não há nos contextos bíblicos que os animais são favorecidos por qualquer tipo de ação ou sentimentos, produzidos pelo coração. Não há como alguém dizer que o homem é um animal racional, pois isso é resultado da elaborada teoria da evolução. Os animais tem coração, assim como os homens tem corações. O que na verdade é um coração? Vejamos:

• No idioma Hb. “Coração” é: לב = Leb (se lê “Lev”). Os conceitos figurativos são:

- a) Ser interior.
- b) Mente.
- c) Vontade.
- d) Inteligência.
- e) Conhecimento.
- f) Razão.
- g) Reflexão.
- h) Memória.
- i) Inclinação.
- j) Resolução.
- k) Determinação.
- l) Consciência.

O conceito literal é: O coração humano é o órgão responsável pelo percurso do sangue bombeado através de todo o organismo, que é feito em aproximadamente 45 segundos em repouso. O coração de um homem adulto bate cerca de 72 vezes por minuto; 109.440 a 110.880 vezes por dia; 38 milhões por anos e algo em torno de 2,5 bilhões ao longo da vida. O coração bombeia cerca de: 85 gramas

de sangue a cada batida, equivalendo assim, cerca de 9 mil litros ao longo do dia. Neste tempo o órgão bombeia sangue suficiente a uma pressão razoável, para percorrer todo o corpo nos sentidos de ida e volta, transportando assim, oxigênio e nutrientes necessários às células que sustentam as atividades orgânicas.

Desta forma, compreendemos que na linguagem figurada, o coração ganha personalidade. Na literal, ele é apenas uma parte do organismo; o músculo cardíaco que está submetido ao trabalho diuturno para aplicar ao ser humano, todas às condições que são fundamentais para que o mesmo continue a viver.

Uma observação quanto ao coração na forma figurada

Em relação ao coração, utilizando a linguagem bíblica e não anatômica, o coração é responsável por algumas atividades na vida do homem.

1) *Na vida emocional.* Ele se aplica na vida emocional do homem, o coração age aplicando e recebendo amor Dt 6.5; desativando sentimentos Jó 27.6; armazenando alegria Sl 104.15; pode gerar tristeza Ne 2.2 e Rm 9.2; tem habilidade em construir desejos Sl 37.4; e pode preservar amarguras Sl 73.21.

2) *Na vida intelectual.* No intelecto do homem, o coração é o depositário da Palavra do Senhor – Sl 119.11; ele adquire sabedoria Dt 8.5; pode gerar maus propósitos Mt 15.19-20; estabelece objetivos e trabalha com pensamentos Hb 4.12; e pode ser enganoso.

3) *Na vida volitiva.* Nesta área o coração pode: avançar Dt 4.29; pode agir com mudanças Êx 7.22-23; pode se tornar rígido Êx 8.15, Hb 4.7; pode fazer eleições Êx 7.22-23; ele pode resistir a autoridades Jr 9.26, At 7.51.

4) *Na vida espiritual.* Na vida espiritual do homem, o coração é manifestado como o agente que pondera todas as coisas, administrando elementos como: Justiça – Rm 10.9-10; Habitação de Deus – I Pe 3.15, Ef 3.17 e II Co 1.22; conserva e armazena pureza – I Tm 1.5, Hb 10.22; aceita ser obediente – Rm 2.29.

Mente – Compreendendo os conceitos da mente.

Quando estudamos o Antigo Testamento, nos deparamos com a expressão “Mente”, dando um significado de igualdade com: “pensamento”, “vida”, “pessoas”, etc... Esta é uma das informações veterotestamentária que encontramos relacionada à mente. A mente é vista com mais frequência no Antigo Testamento significando quase sempre como: “Coração”.

No Novo Testamento as coisas não são muito diferentes. Se analisarmos alguns textos relacionados à palavra mente, conseguiremos entender melhor o que estou apresentando ao estudante. Vejamos:

- ▶ Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; Mateus 5,8 = Este texto relaciona “coração”, no sentido de mente. A mente é o depositário de elementos que se convertem em sentimentos: Limpos ou Impuros.
- ▶ Mas, o que sai da boca, procede do coração, e isso contamina o homem. Mateus 15,18 = Este texto é relacionado as palavras impuras que é produzida pela mente contaminada pelo pecado.
- ▶ Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. Mateus 6,21 = Na busca pelo material, o homem compromete parte de seu pensamento, nutrindo todo o esforço na busca do vil metal.
- ▶ O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca. Lucas 6,45.
- Há uma grande diferença entre fazer o bem e ser benigno.
- Há uma grande diferença em fazer o mal e ser maligno.

O homem que faz o bem, pode ser alguém que nutre uma natureza maligna. Todavia, mesmo sendo de natureza maligna, não quer dizer que não possa praticar um ato de bondade. Da

mesma forma, o homem que possui uma natureza benigna não está impedido de praticar uma maldade ocasionalmente. O homem que tem a bondade em sua natureza, sempre fará o que é bom.

► Mas Maria guardava todas estas coisas, conferindo-as em seu coração. Lucas 2.19 = Maria tinha um conjunto de informações sobre Jesus. Estas informações estavam agrupadas em sua mente. Ela recordava-se de cada uma delas, quando algo que acontecia, estava em concordância com as informações que antes lhe fora dada. Ela tinha uma brilhante mente.

Aqui temos um exemplo de como os homens associam termos figurativos, para dizer algo que indiretamente desejam comunicar. Pela cultura hebraica, várias coisas são apresentadas na forma de figurativo. Creio que todo o comportamento em estado de crescimento, seja ele positivo ou negativo, é uma ação da mente do gênero humano.

Habilidades e sanidades no Ser Imaterial

Subscreve que o ser humano é a parte mais linda e a mais confusa das obras do Criador. Esta é uma visão surgida após uma breve avaliação quanto aos comportamentos vistos no dia-a-dia de pessoas dos mais diversos níveis. Abrir os elementos diários de atividade de uma pessoa poderá colaborar para que vejamos atos que na verdade, não deveriam ser vistos na ação daquele que foi feito “*Imagem e Semelhança do Criador*”.

Tudo o que está relacionado com as atitudes dos homens, devem ser avaliado pela formação moral do indivíduo. É justamente na construção dos valores morais que, abre-se uma base de avaliação dos divisores ativos em todas às personalidades como: *a) Intelecto*, *b) Consciência* e *c) Vontade*. Estaremos resumidamente comentando algo sobre estes três campos de ação do homem.

Intelecto

Esta é uma das capacitações que o Criador dotou o homem, para que o mesmo pudesse se relacionar consigo mesmo. O termo: “*Intelecus*”, tem sua origem no idioma latim, e tem como significado etimológico: “*Ler por dentro*”, “*Conhecer-se pelo caminho do interior*”. Somente o homem tem esta capacitação. Nenhuma outra criação do Senhor, vinculado aos seis dias, são possuidores desta virtude.

O elemento intelectual do ser humano lhe dá a capacidade de se avaliar interiormente, antes de agir no exterior. Conhecer a realidade interna de um indivíduo pode levá-lo a agir de forma equilibrada, quando o momento é plenamente contrário aos seus benefícios ou confrontantes. Na verdade, é pelo intelecto que o homem se associa com grupos, levando ou recebendo informações das mais diferentes que podem mudar condições do presente e refletir nas perspectivas do futuro.

A Bíblia abre uma grande plataforma de apreciação da importância do intelecto do homem. É pelo intelecto do homem, que o mesmo pode se ver ou avaliar-se imerecedor dos valores que nos são atribuídos por Deus. Um exemplo disso está em João 16.7-11.

- a) Todavia digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for o Consolador não virá a vós; mas, quando eu for, vo-lo enviarei.
- b) E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo.
- c) Do pecado, porque não creem em mim;
- d) Da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais;
- e) E do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado.

Neste texto, o aluno poderá ver que a maneira que o Senhor utiliza-se para dar ao homem um julgamento ou absolvição, está intrinsecamente ligado ao setor do intelecto. Por esta razão, é que o julgamento é legítimo e justo.

Consciência

Segundo Severino Pedro da Silva, em sua obra: *O Homem: Corpo Alma e Espírito*, o termo “consciência” não aparece nas páginas do Antigo Testamento; entretanto, no Novo Testamento, aparece por trinta vezes. Vem do grego “*syneidêsis*”. Seu significado é: “*um conhecimento acompanhador*”. Do ponto de vista adivinho de observação, a consciência “é a faculdade da razão”, que distingue entre o mal e o bem.⁴ É na seção da consciência que está toda a habilidade do homem em agir na direção do que é devidamente aceito pelo Senhor. Todo ser humano tem responsabilidade em suas atitudes. Mesmo os que habitam em regiões das mais remotas ao campo da civilização.

Para algumas pessoas, uma das maiores preocupações está relacionado aos que residem em regiões como os territórios indígenas, que morrem sem antes ouvirem valores relacionados a palavra de Deus. Todavia, a Bíblia tem uma resposta quanto ao que será feito em relação a estas pessoas. Vejamos: *Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei* (Rm 2.14). Veja que Paulo declara que há possibilidade de o Senhor realizar um julgamento no futuro, em relação aos que morrem sem ter uma previa apresentação dos valores espirituais pela Palavra de Deus. Este julgamento será realizado pelos elementos do consciente.

Não há qualquer intenção aqui em gerar uma doutrina que legalize uma pessoa em acreditar que o homem será salvo pelas boas-obras. Não! O que estou apresentando aqui, é que na consciência do homem, há elementos suficientes para que Deus o possa julgar quando há ausência da apresentação da Bíblia para o mesmo.

Não é assim que será realizado em relação aos homens que conhecem a Palavra de Deus. Em especial, os que são conhecidos como: “Cristãos”. É pela consciência que o Espírito Santo age na aplicação dos valores espirituais. Algumas referências bíblicas

⁴ SILVA, Severino Pedro da. *O Homem: Corpo, Alma e Espírito*. Rio de Janeiro: CPAD, 1988, p. 83.

que podem estabelecer outras informações quanto aos valores da consciência do homem. (At 24.16; I Co 4.4; Hb 10.1-2; I Pe 3.16; I Jo 3;20-22).

Vontade

É pela vontade do homem que a Bíblia estabelece um conjunto de doutrina ideológica. A vontade do homem pode estar associada à vontade do Senhor, como pode estar plenamente contraia a ela. Pela vontade do homem, Deus pode fazer maravilhas, mas, pode ser impedido de realizar coisas gloriosas. Na vontade do homem, está intercalada a sua liberdade de escolha – Livre Arbítrio.

O homem somente estará seguro, quando a vontade do Senhor está relacionada à sua vontade. Paulo declara que: *“E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”* (Rm 12.2). Toda vontade do Senhor deveria ser a prioridade do homem. A vontade pode ser boa, ou pode ser má, todavia, é pela vontade que o homem age diariamente.



Antropologia Cultural

Nesta parte do estudo de Antropologia, veremos alguns valores que estão associados à Antropologia Cultural. Conhecer a Antropologia Cultural é gerar uma abrangência de mistérios em relação ao homem como: *a) Sua Etnologia; b) Divisão de colorações da pele; c) Formas diferentes de Cultura da alimentação; d) As várias formas de habitação residencial; Etç...* O homem é e, sempre será um mistério em meio à gigantesca obra do Criador. Mas, podemos conhecer detalhes deste ser enigmático, que nos ajudarão a entender também a nos em particular.

A Antropologia Cultural é vista como um dos elevados centros de informações relacionados à Antropologia Geral. Esta é a que estuda o homem e a humanidade de forma direta e objetiva. Ambas são auxiliadas pela Antropologia Física, Arqueologia e quase sempre pelos recursos da Filologia. Nesta sequência de estudos, encontra-se a necessidade em compreender todos os meios de mecanismos que estão adjuntos a sociedade, montando assim, todos os seguimentos da vida humana na sua forma cultural.

Há aqui uma forma de centralizar o interesse do estudante pela antropologia. Um dos pontos principais desta sequência de estudos antropológicos e culturais é a figuração das palavras ou das imagens. Desta forma, é central nesta disciplina a concentração da atenção do símbolo na interação humana. Neste ponto, a Antropologia Cultural converge para as pesquisas linguísticas, especialmente para as teorias de *Ferdinand Saussure*, no que se

refere à língua, e de Charles Sanders Pierce, em relação à imagem. Deste ponto de encontro nascem também a “*Antropologia Oral*” e a “*Antropologia Visual*”.

Veremos aqui alguns pontos curiosos em relação ao homem

Antropos – Como entender esta etimologia?

Esta é uma palavra que tem como objetivo designar a origem do ser humano. A palavra é de origem grega e significa: Homem. Não quer dizer com isso que estamos diante de um termo masculinizado, mas, sim, generalizado. O termo homem que procede do Latim: “*humos*”, significando “lama”, “limo”, “lodo”. Etc... Desta forma, tanto *átropos* como homem, está intrinsecamente ligado a humanidade.

Raça – O que na verdade isso significa?

Em conformidade com alguns dicionários da língua portuguesa, a palavra: “*Raça*”, tem como significado:

- Divisão tradicional de indivíduos cujos caracteres físicos ou biológicos são constantes e hereditários (ex.: raça amarela, raça branca, raça negra, raça vermelha).
- Subdivisão de uma espécie animal (ex.: raças bovinas; raça de cães).
- Conjunto de ascendentes e descendentes de uma família, um povo; geração. = Descendência, Estirpe, Família, Geração, Linhagem.
- Conjunto de pessoas da mesma profissão, das mesmas tendências (ex.: raça dos poetas). [Figurado] Conjunto de indivíduos ou coisas da mesma qualidade. = Casta, Classe, Espécie, Jaz, Laia, Tipo.

Aqui percebemos que os homens podem ser, seres iguais e distintos ao mesmo tempo. Na conceptualização da Biologia,

os elementos que compõe o homem, podem ser alterados de conformidade com a classe vista na genética. Esta é uma fusão diretamente ligada à hereditariedade. Isto é visto como meros conceitos da Biologia.

Divisão de Colorações da Pele – Como saber de onde surgiram estas variedades?

Há diversos tipos de informações quanto à diferença existente nas cores das peles dos homens. Os seres humanos são os únicos seres criados por Deus que tem esta tão grande diversificação de dermes. A cor da pele é vista nas suas diferenças por vários veículos de estudos. Entre esses temos:

- A Anatomia.
- A Arqueologia.
- O Evolucionismo.
- A Teologia.

Entre todos esses que foram apresentados, acredito que o mais ideal para o que estamos estudando (*Antropologia Bíblia*), seria a visão ou conceituação da Bíblia. Desta forma, quero apresentar um texto que me foi sugerido colocar aqui na matéria.

Para entendermos como as diversas raças surgiram, é necessário analisarmos um pouco mais a frente da criação de Adão e Eva, já que no episódio da Arca de Noé, toda a humanidade sucumbiu, portanto o repovoamento da humanidade passou a continuar através dos 3 filhos de Noé, que entraram na arca com suas esposas.

Em Gênesis capítulo 10, encontramos os descendentes de Noé, que iniciaram o repovoamento da Terra. Sem, Cão e Jafé. Há consenso entre os eruditos, que esses três deram origens aos seguintes povos:

- 1) *Sem* – Origem aos Árabes e Israelitas – *Morenos*;
- 2) *Cão* – Que logo depois gerou a Cuse ou Cuxe, deu origem a

raças coloridas, amarelas e escuras, os povos da África, Egito, Etiópia. Um texto Bíblico que os eruditos afirmam concordar com esta idéia está em Jeremias 13:23, onde diz “Pode o etíope mudar a sua pele?...”

3) *Jafé* – Origem aos brancos, Europeus.

Em Gênesis 10:6, lemos que os filhos de Cão são Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã. De Cuxe, vêm à cor negra, de Mizraim os egípcios, de Pute os líbios. A esposa de Moisés, Zípora, era cuxita. No verso 17 de Gênesis, capítulo 10, um dos descendentes de Cão, é o *sineu*, que os eruditos em consenso, propõem ser a origem dos chineses. Documentos arqueológicos encontrados no Egito confirmam estas origens, apresentando os jafeitas que tinham a pele de cor branca, cabelos lisos, e olhos azuis.

Relembrando rapidamente, de Sem vieram os morenos; de Cuxe vieram os de cor negra, e de Jafé vieram os mais claros. A explicação para a origem desta variedade de cores, que ainda ao cruzar as raças formam outras tantas cores e tipos diferentes, é a carga genética. Deus não criou tudo uniforme. As montanhas não deixam que o visual seja tudo plano. As variedades de cores das plantas fazem a beleza dos jardins, a própria cor verde das plantas, quantos tons e variedades trazem uma beleza sem igual.

Assim também com a raça humana, Adão e Eva, criados por Deus, do barro, tinham uma cor rosada, rubra, pois vieram da argila, mas Deus carregou sua carga genética, para que ao se proliferarem gerações, em suas variedades fossem surgindo para haver mais beleza e não uma uniformidade única.

Concluimos assim, que a variedade de cor da pele e de raças; é também plano de Deus. Não tendo nenhum privilégio ou castigo, mas todas têm origens no próprio plano de Deus, na carga genética do homem, que ao longo dos séculos, tem dado um colorido diferente e agradável à população humana. Somos todos irmãos, filhos de Adão e Eva, e todos criados a Imagem de Deus, com um colorido de variedade especial.

Cultura – Formas diferentes de Cultura da alimentação.

Na história da humanidade temos vários episódios que nos revelam situações das mais diferentes, relacionadas à falta de alimentação. O que devemos aprender quanto às alimentações? Será que um povo que sofre da fome, sofre por que não tem mesmo o que comer ou porque não come o que tem? Em antropologia bíblica, temos que saber como foi que surgiu essa diferente forma de alimentação que hoje faz parte da chamada: “*Cultura Alimentar*”.

Na História Antiga, a Bíblia nos faz entender que a primeira forma de alimentação que fazia parte do cardápio do homem eram os legumes, hortaliças e frutas. Antes de termos vivenciado o Dilúvio, toda forma de animais, aves e os homens, eram herbívoros (Gn 1.29-30). Não havia o hábito de no ser humano de alimentar-se com carne.

Após o Dilúvio, tanto o homem como os animais tiveram seus hábitos alimentares alterados. Genesis 9.1-3, o texto assim nos diz: “*E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra. E o temor de vós e o pavor de vós virão sobre todo o animal da terra, e sobre toda a ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos são entregues. Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde*”. Desde então, a cadeia de alimentação do homem, passou a ter vários tipos de cardápio.

Não há como falarmos aqui de todos os tipos de culturas alimentares. Destarte então, que darei aqui, somente alguns tipos de alimento que temos nas Escrituras:

Alimentação Grega

Os gregos tinham vários tipos de alimentos. Entre essas variáveis, estava a farinha de trigo que os possibilitava de terem o pão; a farinha de cevada servia para produzir uma papa (*máza*), que fazia parte do alimento contínuo. Além desses alimentos produzidos pelo cereal, encontrava-se também na mesa grega, alguns legumes como: alho, cebola, alface, fava; alguns frutos como: azeitonas,

figos, amêndoas, uvas passas, tâmaras e romãs. A carne era também servida, porém, era algo um pouco raro. Em geral os gregos realizavam três tipos de refeições diárias: Pela manhã o desjejum com pão e vinho – *akratismós*; Ao meio dia almoço – *áriston*; pelo anoitecer o jantar – *deipnon*.

Alimentação Romana

Os principais ingredientes nos lares romanos comuns incluíam pães redondos feitos de Emmer, um cereal da mesma família do trigo. As classes mais altas desfrutavam de queijo, ovos, leite, frutas e mel. Finalmente, os romanos conheceram o pão que geralmente acompanhavam com azeitonas e vinho. Os romanos mais ricos podiam desfrutar da carne de porco, cordeiro, aves e diferentes variedades de peixes.

Alimentação Babilônica

Os Babilônicos não eram muito diferentes dos outros povos da Antiguidade. Sua cadeia de alimentação praticamente se misturava com os demais povos. Trigo, frutas, vinho e carnes era cardápio diário para este povo. Isso fazia dos babilônicos uma civilização especial como Império, mas, igual em relação à cultura.

Alimentação Pérsica

Na Pérsia, o consumo de alimentos foi baseado em torno da classe social. O palácio imperial foi uma metrópole de temperos e receitas exóticas; convidados foram brindados com frutas, bolos de mel e doces xaroposos. Na Pérsia a alimentação das pessoas comuns foi mais conservadora. A dieta principal era composta de pães, legumes, leguminosas, cereais preparados de formas variadas. Salada era muito popular. Produziam diversos tipos de queijo e faziam a famosa omelete. Eles também apreciavam mariscos e peixes, de água doce e água salgada. Cada família também mantinha um estoque de aves na copeira. Eles também consumiam outros tipos de carne que eles caçavam. Os cidadãos abatiam os suínos no início do inverno, e fornecia para suas famílias linguiça, carne

de porco, sal e banha de porco para o ano. Apenas as classes mais abastadas comiam cordeiro. Eles raramente comiam bovinos por os utilizavam para cultivar os campos. A forma mais comum de preparo dos alimentos era fervendo. O molho *garum* em todas as suas variedades foi especialmente favorecido como condimento.

Conclusão

Na criação do homem, Deus estabeleceu na prática o que estava em Sua mente. O homem é um ser criado na mente do Senhor, antes de tê-lo feito da terra no território edênico. Na atualidade, é visto que muitas pessoas, ainda estão muito confusas com os conceitos que foram criados, para explicar a cerca do homem e sua existência. Todavia, neste estudo apresentamos uma base do que realmente é necessário ser feito para entender os assuntos sobre o homem. Aqui já estamos em andamento: estudamos a Bíblia. As Escrituras Sagradas é nosso único manual, pois ela é a única fonte realmente autorizada para falar da origem do homem e de sua forma presencial e futura. Não há teoria que possa dar informação sobre o homem como a Bíblia. Espero que após este estudo, você, aluno ETEB, tenha mais entendimento acerca do homem, avaliando o mesmo sob a luz das Escrituras.

Referências:

- CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. v. II Hagnos: São Paulo, 2003.
- HARRIS, R. Laird; JÚNIOR, Gleason L. Archer; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1 Ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1998.
- RYRIE, Charles C. *Teologia Básica ao Alcance de Todos*. 1 Ed. São Paulo: Associação Editora Religiosa Mundo Cristão, 2004.
- ROBNSON, Edward. *Léxico Grego do Novo Testamento*. 1 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- SILVA, Severino Pedro. *Teologia Sistemática Pentecostal: Cristologia*

– A Doutrina de Cristo. 2 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

SILVA, Severino Pedro da. *O Homem: Corpo, Alma e Espírito*. Rio de Janeiro, CPAD, 1988.

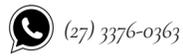
SOARES, Esequias. *Cristologia: A doutrina de Jesus Cristo*. 1 Ed. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Consulta no Léxico Hebraico nº 07218; no Grego nº 2776, referente à etimologia da palavra: Cabeça.

STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego Strong*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 2002.

UNIVERSIDADE da Bíblia. *Examinais as Escrituras: Cristologia*. Disponível em: www.universidadedabiblia.com.br.





Conheça mais sobre a Editora Milfontes.
Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.
Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!



Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas
Cormorant Garamond e Minion Pro.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



M I L F O N T E S